



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO**

ANA TERRA MARTINS POLICARPO

**OS MISTÉRIOS DE SÃO THOMÉ DAS LETRAS: UMA INVESTIGAÇÃO
SOBRE A ORIGEM DO MISTICISMO NA CIDADE.**

OURO PRETO

2026

ANA TERRA MARTINS POLICARPO

**OS MISTÉRIOS DE SÃO THOMÉ DAS LETRAS: UMA INVESTIGAÇÃO
SOBRE A ORIGEM DO MISTICISMO NA CIDADE.**

Monografia apresentada ao curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Knupp

OURO PRETO

2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P766m Policarpo, Ana Terra Martins.

Os mistérios de São Thomé das Letras [manuscrito]: uma investigação sobre a origem do misticismo na cidade. / Ana Terra Martins Policarpo. - 2026.

157 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp. Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. São Thomé das Letras (MG). 2. Turismo - Ciências ocultas. 3. Cultura - Mercantilismo. I. Knupp, Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 338.48

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Terra Martins Policarpo

Os Mistérios de São Tomé das Letras: Uma Investigação sobre a Origem do Misticismo da Cidade

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2026.

Membros da Banca

Dr. Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)

Dra. Alissandra Nazareth de Carvalho - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Msc. Luís Henrique Mota de Freitas Neves (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade)

Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 05/04/2026.



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves Knupp, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/04/2026, às 22:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1085029** e o código CRC **35FAF91D**.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer aos meus pais, Adriana e Denilson, por me darem a vida e todas as ferramentas necessárias para me tornar a mulher que sou hoje. Aos meus irmãos, Adonis e Mikael, por todo apoio, parceria e segurança. Ao meu sobrinho, Thomas, por ser luz nas nossas vidas. E aos meus avós, cujos passos e sacrifícios abriram os caminhos que hoje me permitem concluir esta etapa. Minha família é e foi minha base para enfrentar esse mundo; minha eterna gratidão a vocês.

À Universidade Federal de Ouro Preto pelo ensino gratuito e de qualidade. A todos os professores do DETUR pelos ensinamentos, especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Knupp, por toda paciência e ajuda.

Aos meus amigos e todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui. Tem um pouco de cada um de vocês em mim e de mim em vocês.

À Renata, por me fazer enxergar minha própria capacidade quando eu mesma duvidava. Obrigada por tornar este fim de ciclo possível.

A minha terra, estrela deste trabalho, São Thomé das Letras. Crescer entre suas lendas e montanhas moldou meu olhar para o mundo. Dedico a você esta pesquisa, na esperança de que ela seja uma ferramenta para defender sua identidade e garantir que seus mistérios resistam ao tempo.

A Ouro Preto, cidade que escolhi para ser palco de novos aprendizados e aventuras. Muito do que me tornei, também, devo às suas ladeiras, que me ensinaram a ter fôlego, e à sua história, que me moldou tanto quanto a minha própria origem.

Agradeço também a mim mesma. Pela resiliência de não desistir nos dias difíceis e por ter respeitado meu processo.

E por último, mas não menos importante, agradeço todo dia a essa força maior que rege meus caminhos. Obrigada por cada dia vivido. "*Si es atal es atal*".

Guardo nos olhos
Sua poesia
De pedras sobre pedras
De mistérios e magias

Um povo livre
Simples e menino
A paz que toca a gente
Pode ser o meu destino

Astros passeiam no mais lindo céu
De forças tão poderosas
Gente que vem de longe daqui
Se embriagar de estrelas

São Thomé das letras
Eu te vejo assim
Nave dos meus sonhos
Que navega em mim.

(Silêncio das Pedras - Ladston
Nascimento)

RESUMO

Nas últimas décadas, a cidade de São Thomé das Letras emergiu como um significativo polo místico, atraindo indivíduos em busca de experiências transcendentais, autoconhecimento ou movidos pela curiosidade. Consequentemente, o marketing associado a esse nicho expandiu-se substancialmente. Estátuas de fadas, duendes, gnomos, bruxas e alienígenas permeiam a paisagem urbana e os comércios locais, com o intuito de reforçar uma atmosfera mágica artificial. Contudo, há uma compreensão limitada sobre a genealogia desse segmento turístico e suas implicações socioespaciais para a comunidade, especialmente no que tange à economia e à identidade local. Esta monografia tem como objetivo investigar as origens do misticismo em São Thomé das Letras e examinar como as tradições e práticas espirituais moldam o turismo local. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica crítica, análise documental, observação participante e entrevistas semiestruturadas com atores locais. Os resultados indicam que a cidade enfrenta um processo de mercantilização cultural, onde o "misticismo de raiz" (ligado à geografia e doutrinas) entra em conflito com um "misticismo de mercado", transformando o território e a vida da comunidade.

Palavras-chave: São Thomé das Letras; Turismo Místico; Turismo Esotérico; Mercantilização da Cultura; Território Usado.

ABSTRACT

In recent decades, the city of São Thomé das Letras has emerged as a significant mystical hub, attracting individuals seeking transcendental experiences, self-knowledge, or simply driven by curiosity. Consequently, the marketing strategies associated with this niche have expanded substantially. Statues of fairies, elves, gnomes, witches, and aliens permeate the urban landscape and local businesses, aiming to reinforce a magical atmosphere. However, there is limited understanding of the genealogy of this tourism segment and its socio-spatial implications for residents, particularly regarding the local economy and cultural identity. This undergraduate thesis aims to investigate the origins of mysticism in São Thomé das Letras and examine how spiritual traditions and practices shape local tourism. The research adopts a qualitative approach, grounded in a critical literature review, documentary analysis, participant observation, and semi-structured interviews with key local actors. The findings suggest that the city faces a process of cultural commodification, where the "roots mysticism" (linked to geography and esoteric doctrines) clashes with a mass-marketed "pop mysticism." It is expected that this study will contribute to a deeper understanding of the interplay between territory, heritage, and the tourism market in mystical destinations.

Keywords: São Thomé das Letras; Mystical Tourism; Esoteric Tourism; Cultural Commodification; Used Territory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Chico Buarque na Passeata dos Cem Mil, em 1968.....	23
Figura 2: Localização Geográfica de São Thomé das Letras.....	29
Figura 3: Empilhamento de pedras (comum em pontos turísticos da cidade) no Parque Antônio Rosa.....	30
Figura 4: Mapa de Regionalização do Turismo do Estado de Minas Gerais 2025...	31
Figura 5: Florada das Canelas-de-Ema em São Thomé das Letras.....	32
Figura 6: Vista aérea de São Thomé das Letras e das áreas de lavra de quartzito (em branco) na escala de 5 km.....	34
Figura 7: Massa salarial por atividade econômica em São Thomé das Letras (2023).....	35
Figura 8: Contexto regional da mancha urbana e das pedreiras (escala gráfica: 10 km).....	36
Figura 9: Casa de pedra.....	40
Figura 10: Esculturas de gnomos e unicórnio em um escadão da cidade.....	41
Figura 11: Exemplos de suvenires comercializados no comércio local de São Thomé das Letras.....	42
Figura 12: Limite da APA São Thomé das Letras e pontos de referência.....	45
Figura 13: Brasão da Sociedade Brasileira de Eubiose.....	49
Figura 14: Santuário da Eubiose em São Thomé das Letras.....	50
Figura 15: Gruta São Thomé.....	51
Figura 16: Raro registro fotográfico de Chico Taquara.....	54
Figura 17: Santo Tomé na entrada da cidade com o pôr do sol ao fundo.....	57
Figura 18: Estante com esculturas de bruxas e gnomos.....	58
Figura 19: Conjunto de pequenas esculturas de extraterrestres no comércio local.	59
Figura 20: Garraduendes na estante de uma loja.....	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. METODOLOGIA.....	14
1.1 Procedimentos de Coleta de Dados.....	14
1.2 Universo da Pesquisa e Caracterização dos Sujeitos.....	15
1.3 Tratamento e Análise dos Dados.....	17
2. VIAGEM E TRANSCENDÊNCIA: OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS POSSÍVEIS ORIGENS DO TURISMO MÍSTICO.....	18
2.1 Movimentos socioculturais como possível início do místico.....	18
2.2 Turismo místico-esotérico.....	24
3. SÃO THOMÉ DAS LETRAS: RETRATO DE UM TERRITÓRIO MÍSTICO.....	28
3.1 Caracterização geral e elementos básicos.....	29
3.2 Pedra sobre pedra.....	33
3.3 Turismo.....	39
3.4 Raízes místicas e centenárias: a construção do imaginário.....	47
4. FERRAMENTAS DE ANÁLISE: UM OLHAR TEÓRICO SOBRE O DESTINO MÍSTICO.....	55
4.1 Processos de patrimonialização e a paisagem cultural.....	56
4.2 O turismo de base comunitária e o contexto local.....	60
4.3 Economia criativa: cultura, mercado e identidade.....	62
5. ECOS DA MONTANHA: O QUE DIZEM OS MORADORES SOBRE A "CIDADE MÍSTICA".....	67
5.1 A natureza do misticismo: entre a "energia" da pedra e a invenção comercial..	68
5.2 O paradoxo do território: a pedra que sustenta e a pedra que destrói.....	74
5.3 A ressignificação do sagrado: da memória local ao produto turístico.....	77
5.4 O futuro: entre a "disneyficação" e a resistência.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS.....	85
APÊNDICE I - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM MORADORES DE SÃO THOMÉ DAS LETRAS.....	96
APÊNDICE II - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O GESTOR PÚBLICO 2.....	98
APÊNDICE III - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM GESTOR PÚBLICO 1.....	100
APÊNDICE IV - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A EUBIOSE.....	101
APÊNDICE V - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PESQUISADORA.....	102
APÊNDICE VI - ENTREVISTAS TRANSCRITAS.....	103

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o turismo místico e esotérico consolidou-se no Brasil como um fenômeno sociocultural robusto e em franca expansão, ultrapassando a barreira de um simples nicho de mercado. Esse segmento é impulsionado por uma busca pós-moderna característica, marcada pelo desejo de uma espiritualidade difusa, desvinculada das amarras dogmáticas das religiões tradicionais, e pelo anseio de autoconhecimento e reencantamento com a natureza. Tal movimento reflete uma mudança estrutural no perfil do viajante contemporâneo, que deixa de ser um mero espectador passivo de paisagens para tornar-se um buscador de experiências transformadoras e conexões transcendentais. Nesse cenário, a cidade de São Thomé das Letras, encravada estrategicamente na crista da Serra da Mantiqueira, no sul de Minas Gerais, a quase 1.440 metros de altitude, destaca-se como um dos principais expoentes nacionais desse fenômeno, configurando-se como um locus privilegiado de sincretismo e experimentação espiritual.

A cidade, edificada sobre uma vasta jazida de quartzito, mineral ao qual se atribui no imaginário esotérico elevadas propriedades de condução energética e ampliação da consciência, tornou-se um ímã para uma ampla diversidade de grupos sociais. A construção histórica desse destino não foi linear, sendo fruto de camadas geológicas e narrativas que se sobrepõem. Desde meados do século XX, o município atrai desde ordens iniciáticas tradicionais e sociedades discretas até as comunidades alternativas do movimento hippie, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, e, mais recentemente, os adeptos da filosofia New Age e ufológica. Conhecida por sua geografia singular, que combina um sistema complexo de grutas, cachoeiras e uma altitude favorável à observação astronômica, São Thomé construiu um rico imaginário coletivo.

Este "capital simbólico" envolve narrativas fundadoras cruciais para a identidade local, desde as lendas seculares orais do século XVIII sobre o escravizado João Antão, que teria encontrado a liberdade e uma imagem sagrada em uma gruta (dando origem ao nome da cidade), até a figura eremita e curandeira de Chico Taquara, considerado o "primeiro guardião" dos mistérios locais. Somam-se a isso as mitologias contemporâneas sobre portais dimensionais que conectariam a cidade a Machu Picchu, aparições frequentes de Objetos Voadores

Não Identificados (OVNIs) e a crença fundamental, difundida pela Sociedade Brasileira de Eubiose, de que a cidade seria um dos sete "chakras" energéticos do planeta, ponto de fusão entre a civilização atual e a futura. Anualmente, esse mosaico narrativo atrai milhares de visitantes que buscam não apenas lazer, mas a validação empírica da energia atribuída ao local.

Contudo, a consolidação desse destino turístico revela um cenário complexo, paradoxal e repleto de fricções socioespaciais. Apesar da fama externa de santuário ecológico, internamente São Thomé das Letras enfrenta as pressões de um crescimento urbano desordenado, infraestrutura saturada e, principalmente, a convivência conflituosa com a extração de quartzito. Esta atividade, base econômica histórica e estruturante do município, gera a maior parte dos empregos diretos e da arrecadação da CFEM (Compensação Financeira pela Exploração Mineral), mas, simultaneamente, altera de forma irreversível a paisagem, degradando justamente o patrimônio cênico que atrai o visitante. Estabelece-se, portanto, uma "economia paradoxal": a cidade vive da venda da pedra, que destrói a montanha, e da venda da paisagem, que depende da montanha preservada. Esse conflito é agravado pela insuficiência de serviços básicos, como o abastecimento de água e saneamento, que colapsam durante os picos de visitação, questionando a sustentabilidade do modelo de "turismo de massa" praticado.

Ademais, a massificação do turismo tem gerado um processo acelerado de mercantilização da fé e dos saberes locais. Observa-se um fenômeno que pode ser classificado como a "disneyficação" do esoterismo ou uma "autenticidade encenada", onde a cultura rústica e as tradições orais muitas vezes cedem espaço para uma "fantasia comercial". O misticismo de raiz é substituído nas vitrines por figuras de gnomos, bruxas e duendes de estética europeia, transformados em souvenirs padronizados. Configura-se, assim, o que a literatura contemporânea sobre gestão territorial (SANTOS, 2022; PAREDE, 2020) denomina de um "território em disputa". Neste palco, diferentes agentes — como moradores tradicionais, neo rurais, empresários do trade turístico, mineradores e o poder público — travam uma disputa de interesses para impor seus interesses e visões sobre o uso do espaço. A própria legislação municipal, exemplificada pela Lei Nº 1.506/2019, tenta mediar esses conflitos estabelecendo diretrizes para o turismo sustentável e controle de fluxo, mas sua aplicação prática ainda esbarra em desafios de fiscalização.

Diante desse cenário de tensões múltiplas, questiona-se: *de que maneira as narrativas místicas são apropriadas, e por vezes reinventadas, pelo mercado turístico, e como esse processo impacta a identidade cultural e a gestão do território de São Thomé das Letras?* Esta indagação serve como bússola para a presente pesquisa, que não se limita a descrever o fluxo turístico, mas busca compreender as implicações sociológicas e políticas desse fenômeno. Investiga-se se o misticismo ainda atua como vetor de preservação da memória local e resistência cultural ou se foi convertido em um mero produto de consumo, um simulacro que esvazia o sentido original do lugar, gerando gentrificação e alienando a população nativa de sua própria história.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a relação intrínseca e conflituosa entre misticismo, turismo e território em São Thomé das Letras, compreendendo as dinâmicas de patrimonialização e mercantilização que operam na cidade. Para dar conta dessa complexidade, foram traçados os seguintes objetivos específicos: (a) investigar a gênese das lendas locais e a influência determinante de instituições esotéricas, especificamente a Sociedade Brasileira de Eubiose, na formação do imaginário de "cidade sagrada"; (b) identificar e mapear os conflitos atuais entre a necessidade de preservação da identidade imaterial e a exploração econômica predatória; e (c) analisar a visão e as contradições do poder público municipal e dos diversos perfis de moradores sobre os rumos do desenvolvimento local, polarizados entre um modelo de eventos de massa e um modelo de ecoturismo controlado.

Para alcançar tais objetivos, a metodologia adotada baseou-se em uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo, fundamental para captar as subjetividades inerentes ao tema. O percurso metodológico iniciou-se por uma fundamentação teórica baseada na revisão da literatura especializada, abrangendo os conceitos de território, lugar, paisagem cultural e patrimônio imaterial, além da análise crítica de documentos legislativos municipais, como o Plano Diretor e a Lei Municipal do Turismo. Posteriormente, realizou-se uma pesquisa de campo aprofundada, utilizando a vivência da autora como membro da comunidade, aliada a visitas técnicas para observar a dinâmica turística atual, e a aplicação de entrevistas semiestruturadas com atores-chave. O grupo de entrevistados incluiu representantes da gestão pública, membros antigos de ordens esotéricas, pesquisadores locais e moradores envolvidos com a atividade turística. Essa escuta plural permitiu o

confronto dialético entre o discurso oficial de desenvolvimento, a memória preservada pelos antigos e a realidade vivida no cotidiano.

O trabalho encontra-se estruturado em cinco capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo apresenta o percurso metodológico da pesquisa, detalhando a abordagem qualitativa, os procedimentos de coleta de dados e a caracterização dos sujeitos entrevistados. O segundo capítulo contextualiza o fenômeno estudado, abordando o surgimento e a expansão do movimento New Age para compreender as motivações contemporâneas pela busca espiritual, seguido de uma discussão sobre o panorama do turismo místico mundial. O terceiro capítulo dedica-se à caracterização integral de São Thomé das Letras, abrangendo desde suas peculiaridades geográficas até a construção de seu rico imaginário e lendas fundadoras. O quarto capítulo apresenta o arcabouço teórico que serve como lente para a análise, explorando as dinâmicas da Patrimonialização, do Turismo de Base Comunitária e da Economia Criativa. Por fim, o quinto capítulo apresenta a análise e discussão dos resultados obtidos nas entrevistas, confrontando o referencial teórico com a realidade empírica e revelando as vozes dissonantes, as críticas à gestão municipal e os consensos sobre o futuro de São Thomé das Letras.

1. METODOLOGIA

A construção científica deste trabalho pautou-se na necessidade de compreender as nuances socioculturais que envolvem a identidade de São Thomé das Letras. Para tanto, a pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de natureza qualitativa, descritiva e exploratória. A abordagem qualitativa foi selecionada por ser a mais adequada para investigar fenômenos complexos que envolvem subjetividades, crenças e percepções, focando não na quantificação de dados, mas na interpretação dos significados que os sujeitos atribuem às suas experiências e ao território (MINAYO, 2001).

O caráter descritivo e exploratório justifica-se pela necessidade de mapear as narrativas locais e confrontá-las com as transformações turísticas recentes. Trata-se de um tema que, embora debatido no senso comum, carece de atualizações analíticas sobre os processos de "disneyficação" e "mercantilização" do misticismo na região. A pesquisa não buscou apenas observar o fenômeno, mas explorar suas causas e consequências sob a ótica dos agentes locais.

1.1 Procedimentos de Coleta de Dados

O delineamento da pesquisa percorreu três etapas fundamentais e complementares: A primeira etapa consistiu na revisão bibliográfica e documental, estruturada em eixos temáticos. Para a compreensão das disputas pelo território e paisagem, a análise fundamentou-se nas obras de Neves (2007), Parede (2020) e Santos (2022), em diálogo com a produção intelectual local de D'Auria (2000), cujos estudos foram fundamentais para contextualizar as especificidades históricas do município. No que tange às dinâmicas do turismo e autenticidade, o estudo dialogou com clássicos como MacCannell (1999) e as perspectivas críticas de Zaoual (2009) e Bartholo (2009). Por fim, para interpretar os processos de mercantilização da cultura, buscou-se suporte teórico em Bauman (2001) e Yúdice (2004). Simultaneamente, foram analisados documentos oficiais e normativas locais, com destaque para a Lei Municipal do Turismo (Lei nº 1.506/2019), permitindo confrontar a teoria com a legislação vigente.

A segunda etapa envolveu a observação participante, método que foi fortalecido pelo vínculo identitário da autora com o território. Por ser nativa de São Thomé das Letras, a condução da pesquisa foi atravessada pelo chamado "olhar nativo", o que justifica a escolha desta abordagem qualitativa. Essa vivência permitiu o acesso privilegiado a dinâmicas sociais e "bastidores" que muitas vezes escapam ao olhar de um observador externo. Durante as visitas de campo e a vivência cotidiana, foram observadas e analisadas de forma contínua as interações entre turistas e moradores, a disposição dos produtos nas lojas (souvenirs místicos) e a ocupação do espaço urbano em dias de alto fluxo.

A terceira e principal etapa consistiu na coleta de dados primários através de entrevistas semiestruturadas, realizadas entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026. Optou-se por um roteiro semiestruturado (Apêndices I, II, III, IV e V) para garantir flexibilidade: ao mesmo tempo em que havia perguntas guiadas, permitiu-se aos entrevistados discorrerem livremente sobre novos temas que surgissem. O roteiro foi dividido em três eixos temáticos:

1. Identidade e Memória: Percepções sobre a origem mística da cidade e as lendas locais.
2. Dinâmica Turística: Avaliação sobre o perfil do turista atual e a infraestrutura.
3. Conflitos e Futuro: Visões sobre a mineração, a preservação ambiental e as perspectivas para os próximos anos.

1.2 Universo da Pesquisa e Caracterização dos Sujeitos

A seleção dos entrevistados não foi aleatória (probabilística), mas sim intencional, buscando compor uma amostra representativa dos diferentes atores que disputam e constroem o território de São Thomé das Letras. Buscou-se atingir o critério de "saturação", onde as entrevistas são interrompidas quando as informações começam a se repetir e os padrões de resposta se tornam claros.

Foram entrevistadas sete pessoas, divididas em três categorias estratégicas para garantir a pluralidade de visões:

1. Poder Público: Para compreender a visão técnica, política e os desafios de gestão.
2. Iniciativa Privada/Turismo: Para captar a visão de quem opera o mercado e lida diretamente com o visitante.
3. Comunidade/Sociedade Civil: Para registrar a perspectiva de resistência, memória e identidade dos moradores e instituições tradicionais.

Para garantir o sigilo e respeitar os preceitos éticos da pesquisa, os nomes reais foram substituídos por códigos alfanuméricos, conforme detalhado no quadro abaixo:

Código	Perfil do Entrevistado	Tempo de Residência/Atuação	Data da Entrevista
Entrevistada A	Guia de turismo, empresária e agenciadora.	Reside há 22 anos no município.	01/12/2025
Entrevistado B	Guia de turismo e ex-membro do COMTUR.	Conhece a cidade há 35 anos; reside há 22.	17/12/2025
Entrevistada C	Pesquisadora local e autora de trabalhos sobre a cidade.	Moradora antiga.	07/01/2026
Entrevistada D	Membro representante da Sociedade Brasileira de Eubiose.	Atuação institucional de longa data.	07/01/2026
Entrevistado E	Gestor Público (Secretário Municipal de Turismo).	Gestão Atual (2025-2028).	14/01/2026
Entrevistado F	Artesão, comerciante e morador da zona rural.	Reside há 34 anos no município.	26/01/2026
Entrevistado G	Chefe do Poder Executivo (Prefeito Municipal).	Gestão Atual (2025-2028).	27/01/2026

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

1.3 Tratamento e Análise dos Dados

Para o tratamento dos dados coletados nas entrevistas, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). O processo seguiu três fases cronológicas:

1. Pré-análise: Realizou-se a "leitura flutuante" de todas as transcrições para obter uma visão geral do material e identificar as ideias centrais.
2. Exploração do material: Os relatos foram codificados e agrupados por categorias de sentido (ex: "mercantilização", "conflito territorial", "identidade"), permitindo comparar as diferentes visões sobre o mesmo tema.
3. Tratamento dos resultados e interpretação: Por fim, os dados categorizados foram confrontados com o referencial teórico adotado (autores como Bauman, MacCannell e Santos), buscando inferir os significados ocultos nas falas e responder à questão norteadora da pesquisa.

Essa metodologia permitiu não apenas descrever o cenário atual, mas interpretar as tensões profundas entre a preservação da identidade mística e a exploração comercial do turismo em São Thomé das Letras.

2. VIAGEM E TRANSCENDÊNCIA: OS MOVIMENTOS SOCIAIS E AS POSSÍVEIS ORIGENS DO TURISMO MÍSTICO

Vivemos em um tempo de grandes e constantes mudanças, em que a sociedade contemporânea se caracteriza por um ritmo de vida intenso, mutável e cosmopolita. Essas mudanças têm sido impulsionadas pela globalização, avanços tecnológicos e mudanças nos valores e comportamentos sociais. Como resultado, a era do consumo rápido, do imediato, do prazer e da estética se tornou institucionalizada na sociedade contemporânea. Essas mudanças têm impactado diversos aspectos da vida em sociedade, incluindo a ética, a política, a educação e a psicologia social. A globalização tem permitido que os acontecimentos sejam vivenciados em tempo real, o que tem gerado uma sensação de urgência e imediatismo na sociedade. Além disso, o avanço tecnológico tem transformado a forma como nos relacionamos e nos comunicamos, o que tem gerado mudanças nos valores e comportamentos sociais.

No cenário atual, em que a vida se acelera e nos bombardeia com novidades, paradoxalmente, cresce a nostalgia da permanência. A fugacidade do tempo presente gera a busca incessante por significado e por aquilo que nos conecta ao eterno. Nesse contexto, as identidades individuais e coletivas se fragmentam e desmancham, gerando a sensação de desenraizamento e ausência de propósito.

2.1 Movimentos socioculturais como possível início do místico

Ao longo da história, o ser humano demonstrou uma necessidade inerente de buscar por um significado na vida, transcender a realidade cotidiana e conectar-se com algo superior e sagrado. As tradições religiosas sempre cumpriram um papel importante nesse sentido, oferecendo caminhos ritualísticos e espirituais para que as pessoas pudessem vivenciar estados extraordinários de consciência e encontrassem respostas mais profundas sobre a própria existência. Nas décadas de 1960 e 1970, em meio às revoluções comportamentais e culturais da época, surgem no Ocidente alguns movimentos que buscavam novas formas de transcendência e

espiritualidade. Influenciados pelo pensamento oriental, pela psicodelia e pelo misticismo, jovens passaram a questionar os valores tradicionais e buscar sentido por meio de práticas como o uso de enteógenos (plantas capazes de alterar a consciência e induzir ao estado xamânico ou de êxtase), a meditação, o *yoga*¹ e as filosofias não-ocidentais. Assim, ocorreram mudanças significativas na cultura ocidental, com a popularização das filosofias orientais, o contato com tradições indígenas e xamânicas e o surgimento de alguns movimentos importantes.

O New Age (em tradução livre, Nova Era), mais do que um movimento unificado, pode ser compreendido como uma "nebulosa místico-esotérica" (GUERRIERO, 2002, p. 130), um conjunto de ideias e práticas que englobam diversos aspectos, como espiritualidade, filosofia, ecologia, metafísica, autoconhecimento, terapias holísticas, entre muitos outros. Uma das principais características do movimento era a busca por uma abordagem mais aberta e integradora da espiritualidade, combinando diferentes filosofias e tradições religiosas do mundo. Os adeptos da Nova Era geralmente acreditavam em concepções de energia cósmica, karma, reencarnação, bem como no poder da mente e da meditação para alcançar um estado de paz interior e crescimento espiritual. O movimento também enfatizava a importância da conexão entre o ser humano e a natureza, promovendo uma consciência ecológica, sustentabilidade ambiental, alimentação saudável e práticas de cura natural. Essa nova espiritualidade, muitas vezes descrita como uma "religião secular" (HANEGRRAFF, 2017, p. 404), foca-se radicalmente no *Self*² e na sua evolução, permitindo que cada indivíduo construa seu próprio caminho espiritual a partir de um mosaico de referências.

O percurso da Nova Era remete, em verdade, a um processo que se inicia ainda no século XIX, quando a ideia de esotérico começa a ganhar mais visibilidade, saindo de sua formulação originária que remetia necessariamente ao plano das sociedades iniciáticas. As tradições do ocultismo europeu, juntamente com o transcendentalismo norte-americano, começa a confluir, agregando ainda, ou buscando diálogos, com o discurso oriental, não à toa, uma das marcas da Nova Era no século XX são as

¹ **Yoga:** termo derivado da raiz sânscrita *yuj*, que significa 'unir', 'integrar' ou 'atrelar'. Trata-se de um sistema filosófico e prático milenar originário da Índia, sistematizado classicamente nos *Yoga Sutras* de Patanjali. A prática engloba disciplinas éticas, físicas (ásanas), respiratórias (pranayamas) e meditativas, visando a cessação das flutuações mentais e o estado de autorrealização (samadhi). Em 2016, a prática foi declarada Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO (ELIADE, 2009; UNESCO, 2016).

² **Self:** termo de origem inglesa que significa "si mesmo", "eu" ou "identidade pessoal". No campo da psicologia e da espiritualidade, costuma ser usado para se referir ao núcleo do sujeito, à experiência de individualidade e ao processo de autodescoberta e desenvolvimento interior.

viagens dos gurus ocidentais ao Oriente, e de gurus orientais ao Ocidente, locais como o Tibete, a Índia, ou o Japão, são apontados como locais de “fonte de sabedoria”, a Nova Era emerge assim como processo de convergência discursiva, mas também de práticas, que possibilita diversos arranjos performáticos. (OLIVEIRA, 2011, p. 69-70)

Dentro desse movimento, a relação com a natureza era valorizada e cultivada de diversas formas. Muitos adeptos dessa filosofia buscavam passar mais tempo ao ar livre, em contato direto com a terra, o mar e as árvores. Essa prática era vista como uma forma de reconectar-se com a essência divina presente em todas as coisas e renovar as energias. Além disso, ela também incentiva a adoção de práticas sustentáveis e ecologicamente corretas. A preservação do meio ambiente é vista como um dever de cada indivíduo, uma forma de honrar e respeitar a interconexão existente entre todos os seres vivos. Essa consciência ambiental é vivenciada através de escolhas diárias, como a alimentação vegetariana, o uso de produtos orgânicos e a redução do consumo de recursos naturais.

É importante ressaltar, também, que esse movimento tem um conceito muito aberto e amplo, o que significa que as suas práticas e crenças podem variar muito de acordo com cada indivíduo, grupo e até mesmo região. Há uma grande diversidade de abordagens dentro do movimento, o que pode tornar difícil definir de forma precisa o que é exatamente a Nova Era.

A Nova Era no Brasil também emergiu principalmente a partir do século XX, ainda que já existissem anteriormente algumas sociedades iniciáticas, como a maçonaria, presente desde o século XVIII. Porém, foi realmente no século XX que ocorreram a proliferação da Sociedade Teosófica, dos Rosa-Cruzes, da Sociedade Brasileira de Eubiose, da Comunhão do Pensamento, e também a chegada das religiões orientais trazidas por imigrantes. Contudo, o fenômeno ganhou maior visibilidade na segunda metade desse mesmo século, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, com expansão ainda maior após a década de 1980. Isso se explica, em grande parte, pelo fato de que, nos períodos anteriores, o debate público no Brasil estava centralizado em outras questões políticas e sociais. Somente mais tarde é que as discussões em torno da Nova Era passaram a ocupar espaço na esfera pública brasileira (ANDRADE, 2002).

Diversas correntes esotéricas e ordens iniciáticas que tiveram um papel crucial no desenvolvimento do movimento da Nova Era no Brasil ainda estão ativas

atualmente. São elas: a Maçonaria, cuja primeira organização de caráter nativista³ surgiu em 1797 em Pernambuco; a Teosofia, com a primeira loja fundada no país em 1902; o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, criado em 1909; a Sociedade Brasileira de Eubiose, que iniciou seus trabalhos em 1921; a Sociedade Antroposófica, que emergiu no cenário nacional em 1935; a Ordem Rosacruz AMORC, estabelecida aqui em 1956; e a Rosacruz Áurea, que também iniciou suas atividades por volta de 1957. Além disso, também ocorreram diversas fundações de templos de religiões orientais por parte de imigrantes chineses, japoneses e outros, o que igualmente impactou esse fenômeno no cenário nacional (OLIVEIRA, 2011).

Embora todos esses grupos e organizações tenham desempenhado um papel crucial na gênese e conformação do movimento no Brasil, eles sozinhos não são suficientes para explicar esse fenômeno em toda sua complexidade. Existem outros fatores contextuais mais amplos que também foram determinantes. A intensa agitação política e cultural ocorrida nas décadas de 1960, 1970 e 1980, ainda que centralizada em pautas específicas daquele período, acabou trazendo à tona discussões em torno da contracultura que igualmente compõem e influenciam a trajetória da Nova Era. Conforme Ilari (2016) explica:

O termo “contracultura”, no que tange aos entornos dos anos 1960, refere-se a um movimento cultural posterior à Guerra Fria que se desenvolveu inicialmente nos Estados Unidos, no contexto dos movimentos estudantis e da Guerra do Vietnã, espalhando-se em seguida a diversos outros países. Localiza-se, a grosso modo, entre o final da década de 1950 e o início da década de 1970, tendo como ponto mais alto o período entre 1965 e 1972. Além das já citadas manifestações do período pela liberdade de expressão, pelos direitos das mulheres e negros, pela liberação sexual, pelo movimento pacifista e anti-guerra, pela defesa da ecologia e o combate a autoritarismos de todos os tipos, a contracultura abarcava também a experimentação e o uso de substâncias lisérgicas e drogas mais leves, como a maconha, a disseminação de práticas esotéricas vindas do Oriente, novas bandas pop, de rock e folk, e a formação de comunidades alternativas nas quais comunidades hippies passariam a se formar, longe dos grandes centros urbanos, em busca de uma vida livre e comunitária integrada à natureza, independente e longe dos grilhões da civilização e do “sistema”. (ILARI, 2016, p.1-2)

³ O termo 'nativista', no contexto do final do século XVIII, refere-se aos movimentos de afirmação da identidade local e resistência ao domínio colonial português. No caso das primeiras ordens iniciáticas no Brasil, como o Areópago de Itambé (1796), esse caráter indica que tais grupos fundiam o estudo filosófico/místico com o ativismo político pela emancipação nacional. Essa raiz histórica é fundamental para compreender como o esoterismo brasileiro desenvolveu, posteriormente, uma forte vinculação entre espiritualidade e a 'missão' do Brasil como pátria espiritual (GOMES, 2010).

No Brasil, esse movimento ganhou força na década de 60, onde a cultura do país teve um impacto significativo, influenciando diversos aspectos da sociedade da época, como a política, a moda, a música e os comportamentos sociais. Como aponta Pereira (2016), a contracultura pode ser vista não apenas como um movimento político, mas como uma profunda oposição à tecnocracia e à racionalidade excessiva da sociedade industrial, buscando resgatar formas de vida mais integradas e comunitárias. Esse movimento de contestação aos valores morais e estéticos da sociedade global foi impulsionado pela juventude, que buscava romper com os padrões estabelecidos e promover mudanças sociais mais igualitárias e libertárias. Os jovens que integraram esse movimento adotaram modos de vestir, penteados e comportamentos que se tornaram símbolos desse universo alternativo, elaborado para romper com os modismos capitalistas das elites.

No campo político, a contracultura brasileira se manifestou contra a ditadura militar (1964 a 1985). Os jovens contestavam a opressão social estabelecida através de grupos que lutavam pelos direitos de igualdade e desenvolviam protestos contra o autoritarismo político, inspirados pelos movimentos que ocorriam em outros países, como França e Estados Unidos. O golpe militar de 1964 instaurou no Brasil um dos períodos de repressão de sua história democrática, com 21 anos de ditadura militar que suprimiram direitos e liberdades fundamentais. Justificando-se na retórica anticomunista, os governos militares implantaram o arbítrio e a repressão, fechando o Congresso Nacional, intervindo em estados e municípios, cassando mandatos, censurando a imprensa e perseguindo vozes dissidentes da sociedade civil. Milhares de brasileiros foram presos, torturados, exilados ou mesmo assassinados pela ação violenta do Estado contra qualquer movimento contrário ao regime autoritário. Ao mesmo tempo, as desigualdades sociais se aprofundaram no país. Os chamados "anos de chumbo" foram marcados pela violência institucional e eliminação dos espaços democráticos de participação popular nas decisões políticas. Apesar da resistência social e cultural protagonizada por estudantes, artistas e intelectuais, os militares só começaram a recuar com a gradual abertura iniciada em 1974, até a anistia em 1979 e convocação de eleições diretas para governadores em 1982. Ao longo de mais de duas décadas, a ditadura castrou o debate político e deixou marcas sociais duradouras na vida dos brasileiros. Seu legado de violações de

direitos, corrupção e cultura autoritária precisa ser lembrado para nunca mais serem tolerados retrocessos institucionais dessa natureza na história brasileira.

Figura 1: Chico Buarque na Passeata dos Cem Mil, em 1968.



Fonte: Agência O GLOBO, 1968

A música também desempenhou um papel fundamental nesse contexto, com artistas como Raul Seixas, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Titãs, Caetano Veloso, Chico Buarque e Rita Lee, que entoaram hinos de protesto relacionados à política e à desigualdade social. Uma música que marcou essa época foi *Pra não dizer que não falei das flores* de Geraldo Vandré, lançada em 1968, no auge das manifestações contra a ditadura militar no Brasil. Sua letra traz uma crítica categórica ao governo autoritário da época, ao mesmo tempo em que convoca a sociedade a reagir e lutar pela democracia de forma pacífica e cultural. Ela defende que resistir não significa utilizar a violência, e sim lutar através da união, arte e cultura: "(...) caminhando e cantando, e seguindo a canção, somos todos iguais, braços dados ou não (...)". A crítica velada no verso: "(...) há soldados armados, amados ou não, quase todos perdidos de armas na mão (...)” denunciam a truculência dos agentes de repressão do Estado contra os movimentos populares. Outra canção que se tornou um hino contra a ditadura militar no Brasil foi *Apesar de Você* de Chico Buarque, lançada em 1970. Sua letra apresenta uma crítica contundente à ditadura e às restrições às liberdades democráticas vigentes na época. Versos como “(...) hoje você é quem manda. falou, tá falado, não tem discussão, não (...)” denunciam o autoritarismo do governo da época, que

concentrava o poder e sufocava os direitos e opiniões divergentes. Da mesma forma, trechos como "(...) a minha gente hoje anda falando de lado e olhando pro chão, viu (...)" retrata poeticamente o clima de medo e censura imposto aos cidadãos.

Com esses movimentos acontecendo em conjuntura, surgiu um novo tipo de turismo entre os jovens adultos da época, o turismo místico-esotérico, como uma possível "fuga da realidade". Consiste em uma modalidade de viagem que tem como principal motivação a busca por experiências transcendentais, exóticas e o autoconhecimento. Ele surge como uma alternativa às formas tradicionais de turismo, especialmente em resposta ao turismo de massa e à busca por um sentido mais profundo na jornada de viagem. Trata-se de uma forma de turismo que prioriza a conexão com o divino, o sagrado e o transcendental, proporcionando experiências capazes de expandir a consciência e promover o autoconhecimento.

2.2 Turismo místico-esotérico

Os termos Turismo místico e Turismo esotérico estão intimamente relacionados, pois possuem definições bastante similares. Por essa razão, neste trabalho vamos utilizar a expressão Turismo Místico-Esotérico para nos referirmos a esse tipo de turismo, conforme explicado pelo Ministério do Turismo (2005):

[...] pelas atividades turísticas decorrentes da busca da espiritualidade e do autoconhecimento em práticas, crenças e rituais considerados alternativos. Opta-se nesta definição pela utilização conjunta e não exclusiva dos termos Turismo Místico e Turismo Esotérico, uma vez que o misticismo e o esoterismo estão relacionados a novas religiosidades e suas práticas se dão, muitas vezes, concomitantemente, sendo difícil separá-los em um produto turístico exclusivamente de caráter místico ou de caráter esotérico. Neste sentido, para fins de caracterização de produtos turísticos, poderão ser utilizados os termos Turismo Esotérico ou Turismo Místico ou Turismo Místico-Esotérico. (BRASIL, 2005, p. 17)

O termo "misticismo" vem do grego *μυστικός* (transliterado *mystikos*) "um iniciado em uma religião de mistérios" e, segundo o Dicionário Digital Grego-Português da FCL-Ar/UNESP (Faculdade de Ciências e Letras do campus de Araraquara da UNESP), também se refere àquilo "que concerne aos mistérios" ou "que tem um significado espiritual oculto" (FERREIRA; DEZOTTI, 2022). Segundo o

dicionário Michaelis (2008, p. 577), é uma “crença religiosa ou filosófica dos místicos, que admitem comunicações ocultas entre os homens e a divindade” ou ainda “aptidão ou tendência para crer no sobrenatural em lugar do racional ou científico; credulidade.” Para muitos, o misticismo não é ligado a nenhuma religião, pois esta se mostra como uma espécie de intermediária entre a figura humana e a natureza; enquanto que o místico se refere à um tipo de experiência direta e pessoal com a divindade, sem necessidades de dogmas ou de qualquer linha de pensamento. O psicólogo e espiritualista Lapa complementa dizendo que:

Esse mistério não é o que se pretende intencionalmente ocultar de alguém, mas o mistério que é inerente à própria natureza das coisas. Assim, a palavra mistério não se refere àquilo que está escondido em algum lugar, mas à própria condição de intocável, de inefável ou de não perceptível pelos sentidos habituais. (Lapa, 2007. p.1)

Ele também sintetiza em dizer que o misticismo é uma filosofia de vida existente em diversas culturas e denota místico como sendo “aquele que não concebe a separatividade entre o Universo e os seres.”

Salas (2005) conceitua o turismo místico como uma nova abordagem econômica associada à herança espiritual e tradicional, a qual é justificada por meio de discursos sobre a revalorização de povos indígenas ou ancestrais e da natureza. Esse segmento turístico é acessado por determinado perfil de viajantes interessados em participar de vivências extraordinárias com o objetivo de satisfazer suas buscas existenciais. Enquanto isso, Basset (2012) a define como ações de turistas individuais ou coletivas, nas quais eles afirmam ser *iniciados*⁴ em crenças e práticas místicas por meio de rituais aprendidos através do contato direto ou indireto com uma comunidade local. Por outro lado, o termo turismo místico também se refere aos turistas que “procuram nas suas viagens conectar a mente e o espírito através da prática de rituais de natureza mística” (MARTÍNEZ-CÁRDENAS, 2012). Essa busca por uma jornada transformadora, e não apenas por lazer, é um dos pilares que definem o Turismo Espiritual na contemporaneidade (BORGES, 2022).

⁴ Neste contexto, o termo **iniciado** refere-se ao conceito antropológico e esotérico de ritos de passagem. Diferente do sentido comum de 'principiante', o iniciado é aquele que foi submetido a rituais específicos de admissão, simbolizando uma transformação ontológica ou mudança de status espiritual. Ao afirmarem-se iniciados, esses turistas reivindicam o acesso a saberes restritos, a uma nova identidade dentro do grupo e a uma legitimação de suas experiências místicas, diferenciando-se do viajante convencional.

O surgimento e popularização do turismo místico-esotérico a partir da década de 1960 está intimamente relacionado ao desenvolvimento de movimentos contraculturais e ao crescente interesse pelo misticismo e espiritualidade no Ocidente. Os movimentos contracultura e New Age foram cruciais para possibilitar o nascimento dessa modalidade alternativa de turismo focada no autoconhecimento, transcendência e conexão com o divino. A rejeição aos modelos tradicionais por parte dos jovens fez com que muitos buscassem novas experiências espirituais por meio de viagens com propósitos existenciais mais profundos. Assim, na intersecção entre a contracultura, o misticismo e a necessidade humana de transcendência, o turismo místico-esotérico surge como uma forma de satisfazer essa busca por significado através da jornada. Essa forma de turismo representou uma alternativa que ia ao encontro dos anseios e visões de mundo originados nos movimentos contraculturais. Ao contestar valores e estilos de vida convencionais, a contracultura abriu espaço para a procura por novas experiências, valores e espiritualidades. Nesse contexto, a possibilidade de viajar visando conectar-se com o divino e alcançar estados ampliados de consciência mostrava-se atrativa.

As práticas esotéricas e o misticismo, que ganharam força sobretudo entre os jovens depois de 1960, tornaram-se parte fundamental das viagens místico-esotéricas. A popularização do yoga, da meditação, do xamanismo e de filosofias orientais no Ocidente foi essencial para despertar o interesse por destinos e experiências exóticas de autoconhecimento e transcendência. Assim, o turismo místico emerge como uma expressão concreta da busca espiritual fomentada pela contracultura. Outros exemplos de misticismo são os praticantes de yoga, reiki⁵ e outras disciplinas que buscam explorar as capacidades extra sensoriais da mente humana. Ou seja, essas práticas visam desenvolver potenciais qualidades físicas, emocionais, mentais, espirituais ou astrais por meio de treinamento e exercícios regulares. Praticantes dessas técnicas e outras similares estão interessados em acessar estados elevados de consciência e explorar as profundezas ocultas da mente através de suas práticas.

⁵ **Reiki:** é uma prática terapêutica integrativa de origem japonesa, sistematizada por Mikao Usui no início do século XX. Etimologicamente, o termo une *Rei* (energia universal) e *Ki* (energia vital). A técnica consiste na imposição das mãos para a canalização de energia, com o objetivo de promover o equilíbrio físico, mental e espiritual. No Brasil, o Reiki é institucionalmente reconhecido e ofertado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) através da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (BRASIL, 2018; FREITAG et al., 2015).

Relaciona-se ao deslocamento para estabelecer contato e vivenciar tais práticas, conhecimentos e estilos de vida, que configuram um aspecto cultural diferenciado do destino turístico. Dentre as atividades típicas desse tipo de turismo, pode-se citar as caminhadas de cunho espiritual e místico, as práticas de meditação e de energização, entre outras (BRASIL, s/a, p.9)

Existe uma grande variedade e mescla de práticas místicas, que pessoas de qualquer religião ou filosofia podem decidir conhecer e praticar. Por exemplo, um praticante de yoga pode ser evangélico. No entanto, pode haver conflitos em alguns casos. Por exemplo, dificilmente um praticante de Kabbalah, que tem origem judaica, será muçulmano também. Mas pelo livre arbítrio e liberdade de crença, nada impede alguém de seguir ou aderir a qualquer filosofia de acordo com sua escolha pessoal. Cada um pode mesclar, adaptar e aderir às práticas místicas conforme desejar, independente de sua religião original.

Além de tudo, o anseio por conectar-se profundamente com a natureza, presente nesses movimentos, também moldou o turismo místico-esotérico. Muitos buscam em suas viagens essa oportunidade, seja em retiros na floresta ou na contemplação de formações rochosas e montanhas sagradas. Essa comunhão com os elementos naturais propicia vivências de transcendência pessoal e conexão cósmica. Este processo pode ser entendido como uma "sacralização da natureza", no qual a paisagem deixa de ser um mero cenário para se tornar um agente de conexão com o sagrado, um espaço imbuído de poder e significado (FACHINA, 2024 *apud* CARVALHO e STEIL, 2008)⁶. Portanto, valores como ecologia e sustentabilidade, caros à contracultura, também influenciam a forma de viajar dos turistas místicos contemporâneos.

Nesse contexto surge o crescente interesse pela cidade de São Thomé das Letras, — objeto de estudo desta monografia — situada nas montanhas do sul do estado de Minas Gerais, é uma localidade que se destaca como um enclave geográfico singular, cuja identidade é intrinsecamente vinculada ao turismo místico-esotérico. A cidade apresenta uma topografia montanhosa que, aliada a uma atmosfera enigmática, a torna um ponto de convergência para aqueles que buscam experiências transcendentais e espirituais.

⁶ CARVALHO, I. C. M.; STEIL, C. A.. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambiente & Sociedade**, v. 11, n. 2, p. 289–305, 2008.

3. SÃO THOMÉ DAS LETRAS: RETRATO DE UM TERRITÓRIO MÍSTICO.

O turismo místico, conforme discutido no capítulo anterior, é caracterizado pela busca de experiências espirituais, esotéricas e transcendentais em espaços que carregam significados simbólicos para seus visitantes (LAPA, 2007). Esse fenômeno se manifesta em diversos destinos ao redor do mundo, mas, no Brasil, poucos lugares possuem uma identidade tão fortemente atrelada ao misticismo quanto São Thomé das Letras.

A cidade possui uma formação geológica peculiar, caracterizada pela abundância de quartzitos, elemento que, ao longo do tempo, contribuiu tanto para a arquitetura local quanto para a construção de significados simbólicos associados a propriedades energéticas e espirituais. Além disso, sua localização em uma região montanhosa favoreceu um relativo isolamento geográfico, fator que influenciou a preservação de tradições e lendas que circulam entre moradores e visitantes. A cidade constitui um território cuja identidade cultural e histórica se entrelaça com narrativas de cunho místico e esotérico.

Segundo D'áuria (2000) a ocupação inicial da região remonta à presença dos indígenas Cataguases, posteriormente substituídos por colonizadores portugueses no século XVIII. Com o desenvolvimento econômico pautado na extração de pedras e na agricultura, a cidade manteve um crescimento moderado até a segunda metade do século XX, quando passou a atrair fluxos turísticos impulsionados por suas características naturais e simbólicas. O turismo místico, consolidado nesse período, passou a integrar a dinâmica socioeconômica do município, transformando suas paisagens e suas práticas cotidianas.

Este capítulo propõe apresentar uma análise detalhada da formação e do desenvolvimento de São Thomé das Letras, considerando seus aspectos geográficos, históricos e culturais. Serão discutidas as condições que favoreceram a associação da cidade ao turismo místico, bem como os impactos dessa relação para a identidade local. Para isso, serão abordadas a ocupação territorial, as narrativas mitológicas e os fatores que contribuíram para a construção da imagem da cidade como um destino de relevância no contexto do turismo esotérico no Brasil.

3.1 Caracterização geral e elementos básicos

A pequena cidade de São Thomé das Letras está localizada na região ocidental da Serra da Mantiqueira a uma altitude que chega a 1.444 metros em seu ponto mais alto (LOPES et., 2013). Sua localização é geograficamente privilegiada, situando-se de forma praticamente equidistante das três principais capitais do Sudeste: Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro (FIGURA 2). Com uma extensão territorial de 369,747 km², o município possui uma população estimada em 6.904 habitantes (IBGE, 2024), concentrada equilibradamente na área urbana e rural. Essa distribuição resulta em uma densidade demográfica de cerca de 18,67 habitantes por km², refletindo uma ocupação espacial dispersa e a predominância de áreas naturais e rurais (IBGE, 2024).

Figura 2: Localização Geográfica de São Thomé das Letras.



Fonte: Google Earth, 2025

A urbanização acelerada nas décadas de 1980 e 1990, impulsionada pelo turismo, alterou significativamente o perfil populacional. Entre 1980 e 1991, a população urbana cresceu 185%, enquanto a rural diminuiu 12%, evidenciando um êxodo motivado pela busca de oportunidades nos setores de serviços e comércio vinculados ao turismo (KAYAPÓ, 2003, p. 58). Esse fluxo migratório interno trouxe

desafios urbanísticos como a saturação da infraestrutura básica e a pressão sobre o patrimônio arquitetônico colonial, agravados pela falta de planejamento urbano adequado (SEBRAE-MG, 1998, p. 5). A arquitetura local, caracterizada por casarios históricos construídos em quartzito, sofre com o crescimento desordenado e a especulação imobiliária (D'AURIA, 2000, p. 15).

Um aspecto singular da dinâmica populacional contemporânea é o fluxo migratório sazonal de indivíduos atraídos pelo estilo de vida alternativo. Conforme destacado por Fachina (2024, p. 2), a cidade atrai não apenas turistas, mas também migrantes permanentes de várias regiões do Brasil, muitos deles identificados com movimentos contraculturais, como o hippie e o new age, que buscam integrar-se à cultura local. Esse fenômeno, também observado por Ventura (2015, p. 47), contribui para uma rica, e por vezes tensa, pluralidade sociocultural, onde residentes tradicionais convivem com novos moradores que trazem consigo práticas e visões de mundo distintas. Essa mescla cultural reflete-se na economia e na paisagem social, combinando atividades tradicionais com novos negócios voltados ao turismo holístico e terapias alternativas.

Figura 3: Empilhamento de pedras (comum em pontos turísticos da cidade) na Trilha do Defunto.



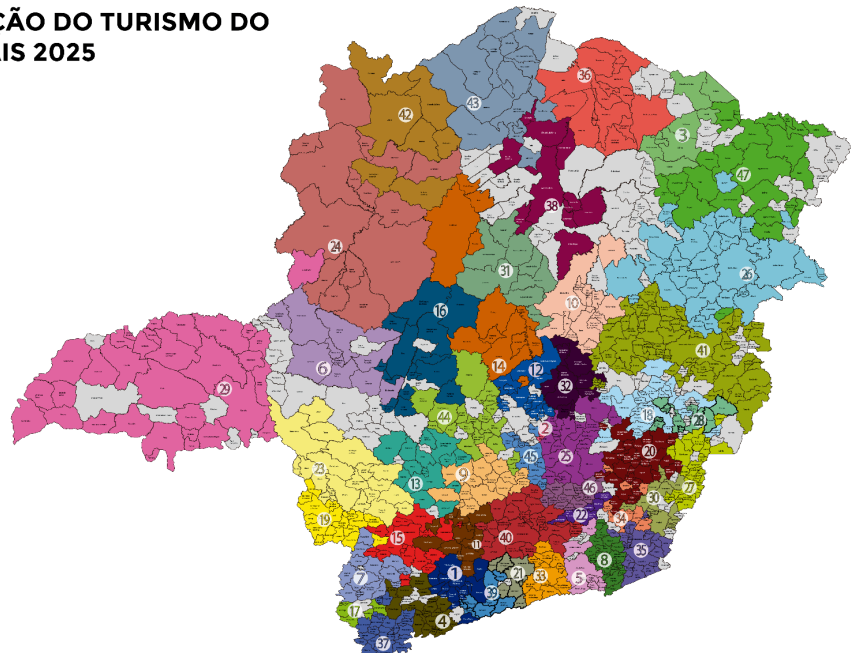
Fonte: Adriana Martins, s/a.

A cidade possui um clima tropical de altitude com temperaturas amenas, onde noites frias e frequentes nevoeiros contribuem para sua atmosfera marcada pela neblina. O relevo da região é caracterizado por cristas quartzíticas, com destaque para a Pedra São Thomé, um imponente afloramento rochoso de quartzito que se tornou símbolo místico e turístico da cidade (Fachina, 2024, p. 3). Além das formações rochosas, o município é conhecido por suas cachoeiras, como a Cachoeira do Flávio e o Véu de Noiva, pontos de peregrinação turística onde se praticam rituais de purificação. Conforme Castro (2024, p. 4), o empilhamento de pedras nesses locais simboliza o afastamento de energias negativas, exemplificando a sacralização da natureza, processo que reinterpreta elementos geológicos como espaços de conexão com o sagrado (Carvalho & Steil, 2008, p. 289). O ar puro da altitude e o isolamento dos centros urbanos reforçam ainda mais o caráter de refúgio espiritual da cidade.

Figura 4: Mapa de Regionalização do Turismo do Estado de Minas Gerais 2025.

MAPA DE REGIONALIZAÇÃO DO TURISMO DO ESTADO DE MINAS GERAIS 2025

1. Águas
2. Belo Horizonte
3. Cachapa
4. Caminhos da Mantiqueira
5. Caminho Novo
6. Caminhos do Cerrado
7. Caminhos Gerais
8. Caminhos Verdes de Minas
9. Campo das Vertentes
10. Diamantes
11. Encantos de Minas
12. Grutas
13. Grutas e Mar de Minas
14. Guimarães Rosa
15. Lago de Furnas
16. Lago Três Marias
17. Malhas do Sul de Minas
18. Mata Atlântica de Minas
19. Montanhas Cafeeiras de Minas
20. Montanhas e Fé
21. Montanhas Mágicas da Mantiqueira
22. Nascente do Rio Doce
23. Nascentes das Gerais e Canastra
24. Noroeste das Gerais e Alto Paranaíba
25. Ouro
26. Pedras Preciosas
27. Pico da Bandeira
28. Rota do Muriqui
29. Rota do Triângulo
30. Serra do Brigadeiro
31. Serra do Cabral
32. Serra do Cipó
33. Serras de Ibitipoca
34. Serras de Minas
35. Serras e Cachoeiras
36. Serra Geral do Norte de Minas
37. Serras Verdes do Sul de Minas
38. Sertão Gerais
39. Terras Altas da Mantiqueira
40. Trilha dos Inconfidentes
41. Trilhas do Rio Doce
42. Uruçua Grande Sertão
43. Velho Chico
44. Verde - Trilha dos Bandeirantes
45. Veredas
46. Villas e Fazendas de Minas
47. Vale do Jequitinhonha



Fonte: Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, Janeiro, 2024.

Fonte: Secretária de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, 2025.

A região de São Thomé das Letras apresenta um mosaico vegetacional singular, onde a Mata Atlântica encontra o Cerrado, criando uma zona de transição ecológica de biodiversidade relevante (OLIVEIRA FILHO e FLUMINHAN-FILHO, 1999). Essa convergência de biomas favorece a ocorrência de espécies endêmicas tanto de flora quanto de fauna, constituindo um patrimônio natural que fundamenta a identidade ecológica da região. Embora integre atualmente a Instância de

Governança Regional (IGR) Encantos de Minas, conforme o mapa de regionalização de 2025 (FIGURA 4), São Thomé das Letras esteve historicamente associada ao Circuito Turístico Vale Verde e Quedas D'Água. Foi nesse contexto anterior que a cidade consolidou, junto a outros municípios, a base de seu patrimônio natural para o desenvolvimento do turismo sustentável (SECRETARIA DE TURISMO DE MG, 2022). Trilhas sinuosas, grutas misteriosas e cursos d'água cristalinos são explorados não apenas por seu patrimônio natural, mas também incorporados a roteiros de turismo místico que atribuem a esses locais propriedades energéticas especiais (Araújo, 2021, p. 205).

Figura 5: Florada das Canelas-de-Ema em São Thomé das Letras.



Fonte: Erick Sattelmayer, 2025

Entre os ecossistemas mais notáveis destacam-se os campos rupestres, formações vegetais do Cerrado caracterizadas por sua fragilidade e alto grau de endemismo (GIULIETTI & PIRANI, 1987). Essas áreas desempenham papel crucial na proteção de nascentes e mananciais, embora enfrentem crescentes pressões, particularmente da expansão das atividades minerárias que ameaçam sua integridade ecológica (FIASCHI & PIRANI, 2009, p. 397). Como aponta Lopes (2012), a serra de São Thomé é coberta por essa vegetação raríssima, com mais de cem espécies nativas de orquídeas e a presença da canela-de-ema (FIGURA 4), quase em extinção, o que torna a ameaça da mineração ainda mais grave. Essa

tensão entre conservação e exploração econômica representa um dos principais desafios ambientais da região.

3.2 Pedra sobre pedra

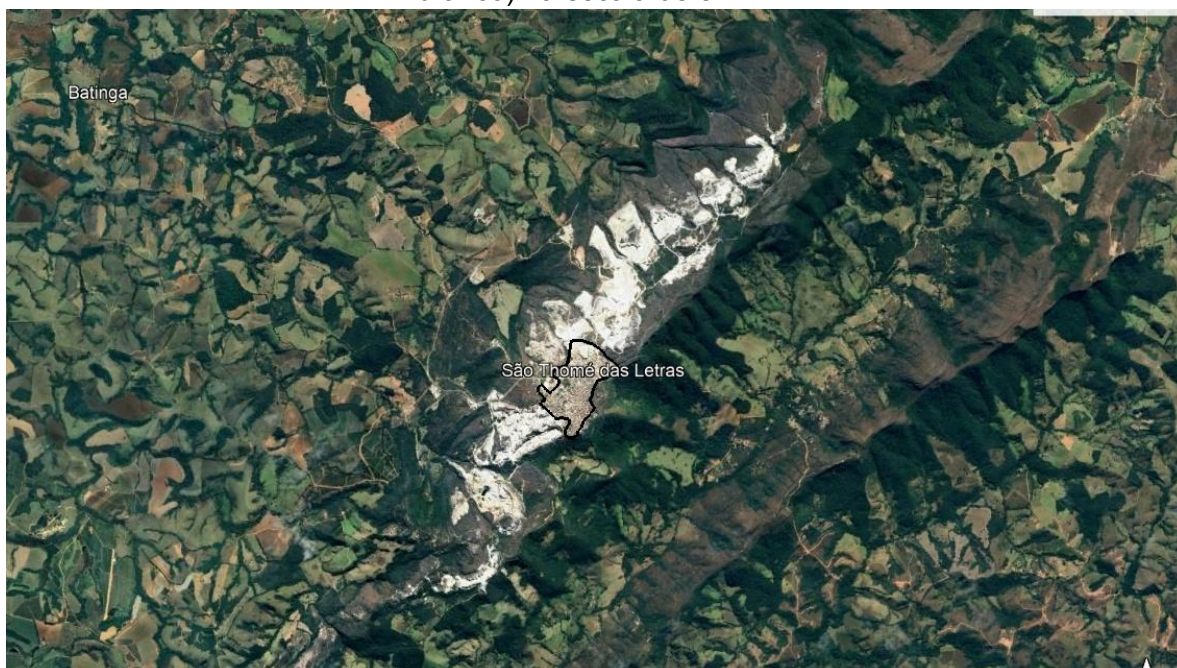
Situada em cima de uma montanha e rodeada por mineradoras, a cidade se destaca não apenas por seu misticismo e atrativos paisagísticos, mas também por sua riqueza geológica. O município está assentado sobre um extenso maciço de quartzito, uma rocha metamórfica de alta resistência, formada há milhões de anos. Sua altitude média de 1.227 metros acima do nível do mar confere à região uma paisagem única, marcada por afloramentos rochosos e vistas panorâmicas (RESENDE, 2010, p. 31). Esse contexto geológico não só moldou a geografia local, mas também determinou o desenvolvimento econômico e social da cidade, especialmente através da mineração.

A utilização da pedra São Thomé remonta ao século XVIII, quando a rocha era extraída de forma rudimentar para a construção de casas, igrejas e calçamentos. Inicialmente, a atividade era realizada por famílias locais, que empregavam técnicas manuais para extrair e transportar as pedras. A Igreja Matriz, erguida em 1785, é um exemplo emblemático desse período, construída com blocos de quartzito empilhados sem o uso de argamassa (D'AURIA, 2000, p. 12). No entanto, foi na década de 1940 que a mineração ganhou escala comercial, impulsionada pela demanda por materiais de construção e pela chegada de empresas na região. Essas companhias introduziram maquinários e técnicas mais avançadas, como o uso de dinamite e perfuratrizes, aumentando significativamente a produção (MOREIRA et al., 2020, p. 15). O quartzito, até então conhecido apenas como "pedra São Thomé", passou a ser valorizado no mercado nacional e internacional, especialmente para revestimentos arquitetônicos e decoração de interiores (CHIODI FILHO, 1997, p. 84).

A partir dos anos 1960, a mineração em São Thomé das Letras experimentou um novo impulso, alinhado ao crescimento da indústria da construção civil no Brasil. O regime militar (1964–1985), com suas políticas desenvolvimentistas, incentivou a exploração de recursos naturais, incluindo rochas ornamentais. Empresas de maior

porte estabeleceram-se na região, modernizando os processos de extração e beneficiamento. A criação da Cooperativa dos Extratores de Pedra (COOPEDRA) na década de 1990 foi um marco importante, organizando pequenos produtores e garantindo melhores condições de trabalho (FEAM, 2009, p. 22).

Figura 6: Vista aérea de São Thomé das Letras e das áreas de lavra de quartzito (em branco) na escala de 5 km.



Fonte: Google Earth, 2025

Contemporaneamente, a mineração reafirma sua posição como pilar central da economia são-tomeense, competindo diretamente com a administração pública pelo posto de maior gerador de renda do município. Embora dados consolidados do Produto Interno Bruto (PIB) por setor frequentemente apresentem restrições de sigilo estatístico devido à concentração de mercado em poucas empresas, indicadores do Cadastro Central de Empresas (CEMPRE) de 2023 revelam a magnitude desta dependência. Os dados oficiais indicam que as Indústrias Extrativas são o maior empregador formal da cidade, registrando 540 vínculos empregatícios ativos, número superior inclusive ao da Administração Pública, que mantém 379 servidores. Em contraste, o setor de Alojamento e Alimentação — que engloba a infraestrutura turística de hotéis e restaurantes — emprega formalmente 140 pessoas, representando cerca de um quarto da força de trabalho absorvida pelas pedreiras.

No que tange à massa salarial, a extração de pedras injeta aproximadamente R\$12,9 milhões anuais em salários na economia local, um valor tecnicamente

empatado com a administração pública (R\$13 milhões) e quatro vezes superior à massa salarial gerada pelo turismo (R\$3 milhões). Esses números evidenciam que, embora São Thomé das Letras seja projetada nacionalmente por sua vocação turística e mística, sua subsistência econômica imediata e a maior parcela da renda das famílias ainda provêm, literalmente, da quebra da pedra.

No entanto, essa expansão trouxe desafios ambientais e sociais. O método tradicional de extração, que antes se limitava às camadas superficiais do quartzito, passou a envolver explosões em profundidade, gerando grandes volumes de rejeitos. Esses resíduos, acumulados em pilhas ao redor da cidade, tornaram-se um problema crônico, causando assoreamento de rios e poluição visual (FLEISCHER, 2012, p. 14). Além disso, a poeira liberada durante o processo de beneficiamento da rocha contribuiu para o aumento de casos de silicose entre os trabalhadores, uma doença pulmonar crônica associada à inalação de partículas de sílica (Ministério da Saúde, 2001).

Figura 7: Massa salarial por atividade econômica em São Thomé das Letras (2023).

Atividade Econômica	Salário Médio Mensal (R\$ mil)	Salários Mínimos (R\$ mil)
SALÁRIO MÉDIO MENSAL	1,5	salários mínimos
SALÁRIOS E OUTRAS REMUNERAÇÕES	38,551	(x 1000) R\$
CLASSIFICAÇÃO NACIONAL DE ATIVIDADES ECONÔMICAS - CNAE		
Administração pública, defesa e seguridade social	13,027	(x 1000) R\$
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	1,513	(x 1000) R\$
Alojamento e alimentação	3,082	(x 1000) R\$
Artes, cultura, esporte e recreação	69	(x 1000) R\$
Atividades administrativas e serviços complementares	1,501	(x 1000) R\$
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	545	(x 1000) R\$
Atividades profissionais, científicas e técnicas	160	(x 1000) R\$
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	3,635	(x 1000) R\$
Construção	64	(x 1000) R\$
Indústrias de transformação	1,377	(x 1000) R\$
Indústrias extrativas	12,965	(x 1000) R\$
Informação e comunicação	14	(x 1000) R\$
Outras atividades de serviços	113	(x 1000) R\$
Saúde humana e serviços sociais	299	(x 1000) R\$
Transporte, armazenagem e correio	100	(x 1000) R\$

Fonte: IBGE, 2023

A paisagem de São Thomé das Letras, moldada ao longo dos séculos pelas rochas quartzíticas que formam sua base, representa um dos elementos centrais da identidade local — tanto material quanto simbólica. No entanto, essa mesma riqueza geológica, que sustenta economicamente muitos moradores por meio da extração da pedra São Thomé, tem provocado uma tensão crescente entre exploração

mineral e preservação do território como espaço sagrado e turístico. Essa tensão é, na verdade, uma disputa por diferentes "modos de ver" e valorar a paisagem. Para a mineração, o valor da rocha está em seu potencial como mercadoria, um recurso a ser extraído do subsolo. Para o turismo místico, seu valor é simbólico, reside na superfície, na forma, na energia que supostamente emana e na beleza cênica que proporciona. Como aponta Salgado (2017), a paisagem não é apenas um objeto físico, mas um campo de significados atribuídos por diferentes grupos sociais.

Por um lado, o turismo, especialmente em feriados, sobrecarrega a infraestrutura local e aumenta o risco de incêndios florestais, muitos deles causados pela falta de fiscalização em pontos turísticos. Apesar dos conflitos, há iniciativas que buscam conciliar mineração e turismo. Algumas empresas começaram a investir no reaproveitamento de rejeitos para a produção de brita e vidro, reduzindo o impacto ambiental (CHIODI FILHO, 1997). Por outro lado, a extração de quartzito alterou drasticamente a paisagem, com crateras abertas pelas explosões e montanhas de rejeitos brancos que contrastam com a vegetação nativa. Essas transformações são visíveis até em imagens de satélite (figura 6), onde as áreas de lavra aparecem como manchas claras no meio do cerrado.

Figura 8: Contexto regional da mancha urbana e das pedreiras (escala gráfica: 10 km).



Fonte: Google Earth, 2025.

A região de São Thomé das Letras abriga ecossistemas frágeis, como os campos rupestres, caracterizados por solos pobres em nutrientes e vegetação adaptada a condições extremas. Essas áreas são *hotspots*⁷ de biodiversidade, com espécies endêmicas de orquídeas e plantas medicinais (GIULIETTI & PIRANI, 1987). No entanto, a expansão das pedreiras e o turismo desordenado colocam esses habitats em risco. Em resposta, organizações locais, como a Brigada Voluntária Chico Taquara, atuam na prevenção de incêndios e no reflorestamento de áreas degradadas. Paralelamente, pesquisadores da Universidade Federal de Lavras (UFLA) desenvolvem estudos para a criação de um Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental (APA) São Thomé, que visa regular as atividades econômicas e proteger os recursos hídricos (FEAM, 2009).

A paisagem de São Thomé das Letras, moldada ao longo dos séculos pelas rochas quartzíticas que formam sua base, representa um dos elementos centrais da identidade local — tanto material quanto simbólica. No entanto, essa mesma diversidade geológica, que sustenta economicamente muitos moradores por meio da extração da pedra São Thomé, tem provocado uma tensão crescente entre exploração mineral e preservação do território como espaço sagrado e turístico.

A atividade mineradora, embora enraizada na história da cidade, produz impactos visíveis e permanentes no solo, no relevo e na ambiência geral do município. O cenário urbano passou a conviver com "crateras de mineração, montanhas de rejeitos, e poluição dos recursos hídricos", que modificam sensivelmente a paisagem mística construída historicamente tanto por moradores quanto pelos visitantes (NEVES, 2007, p. 73).

Essa situação é agravada pela ausência de políticas públicas eficazes para regulamentar e compatibilizar as atividades econômicas com os valores imateriais que compõem a essência da cidade. Como alerta Fábio Santos (2022), ao discutir a patrimonialização do esoterismo em São Thomé das Letras, a cidade abriga um "ambiente que ativa a psique e a espiritualidade ao seu processo de edificação" e que constitui um patrimônio imaterial com raízes no "imaginário histórico ancestral",

⁷ Um *hotspot* de biodiversidade é uma região biogeográfica com alta concentração de endemismo (espécies que só existem naturalmente ali) e que, simultaneamente, sofre severa ameaça de perda de habitat. O termo designa áreas prioritárias para conservação. (MYERS, Norman et al. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, v. 403, n. 6772, p. 853-858, fev. 2000.)

exigindo reconhecimento e salvaguarda formal para garantir sua continuidade (SANTOS, 2022, p. 14). Há, portanto, um antagonismo estrutural entre dois modos de significar o território: um voltado à exploração do subsolo como fonte de renda direta, outro que entende o lugar como campo simbólico, espiritual e turístico. A própria administração municipal, apesar de reconhecer o potencial turístico e místico da cidade, ainda carece de estratégias eficazes para gerir esse conflito. A "ausência de planejamento" e a "exploração indiscriminada da pedra São Thomé" têm levado à "descaracterização do patrimônio arquitetônico e à perda da identidade cultural da população", comprometendo inclusive a sustentabilidade do turismo (NEVES, 2007, p. 13-14).

Essa tensão também repercute na vivência cotidiana dos moradores e na experiência dos visitantes, criando um paradoxo entre o desejo de desenvolvimento econômico e a manutenção da aura sagrada que dá sentido à existência do lugar. Como ressalta Santos (2022), "a cidade exige que os protocolos sejam realizados para serem consideradas patrimônio cultural imaterial [...] reforçando os seus vínculos identitários" (SANTOS, 2022, p. 15). Consequentemente, o futuro da cidade depende da construção de um modelo de gestão que reconheça e equilibre os valores tangíveis e intangíveis do território. O desafio está em compatibilizar a mineração, que ainda responde por uma parte importante da renda local, com um turismo místico-cultural que se apoia na integridade da paisagem e na permanência das tradições esotéricas e místicas. Sem essa conciliação, a cidade corre o risco de romper com os próprios elementos que a tornaram conhecida e desejada como destino alternativo e transcendental.

A busca por esse equilíbrio entre exploração econômica e preservação simbólica não é apenas uma necessidade política e ambiental — é também um reflexo direto do modo como o território é consumido, representado e vivenciado. É nesse contexto que o turismo surge como uma das principais expressões contemporâneas desse paradoxo. Ao mesmo tempo em que depende da manutenção da aura mística da cidade para prosperar, ele também contribui para sua transformação, reconfigurando paisagens, práticas e identidades locais. Compreender o turismo em São Thomé das Letras, portanto, exige analisá-lo não apenas como atividade econômica, mas como fenômeno cultural e simbólico articulado aos conflitos e valores que moldam o território.

3.3 Turismo

A consolidação de São Thomé das Letras como destino turístico está diretamente relacionada à atmosfera mística que envolve a cidade. A partir da década de 1970, esse imaginário passou a atrair visitantes ligados à contracultura, especialmente grupos hippies e espiritualistas, que encontraram no cenário natural da cidade — repleto de grutas, pedras, mirantes e lendas — um espaço propício à busca de experiências transcendentais. A partir daí, o turismo deixou de ser uma atividade marginal para se tornar um eixo estruturante da economia local.

Essa ocupação turística inicial teve forte caráter alternativo. Os visitantes vinham em busca de uma vivência espiritual, estética e simbólica, alimentada pela presença de elementos como a Gruta de São Thomé, a Ladeira do Amendoim, os relatos sobre portais dimensionais e a percepção energética do lugar. Muitos desses primeiros turistas se fixaram na cidade, abriram pousadas e pequenos comércios, e passaram a compor o cotidiano são-tomeense (ou letrense), influenciando diretamente o modo como o município se relaciona com seu próprio território e com sua identidade (NEVES, 2007, p. 13).

O impacto desses novos moradores foi tão profundo que desencadeou um processo de gentrificação, especialmente no centro histórico. A gentrificação, aqui, não se refere apenas à substituição de uma população por outra de maior poder aquisitivo, mas a uma substituição cultural, onde os "de fora" passam a ditar as novas regras sociais, estéticas e econômicas do lugar (ZOLINI, 2007). Zolini descreve uma reconfiguração socioespacial onde o núcleo urbano, antes espaço de vivência comunitária dos nativos, transformou-se em um cenário de consumo para o visitante. A valorização imobiliária decorrente do turismo tornou o custo de vida no centro da cidade proibitivo para muitos moradores, que foram progressivamente se deslocando para bairros periféricos, muitas vezes desprovidos de infraestrutura adequada. O centro histórico, com suas casas de pedra, foi se transformando em um "parque temático", um espaço majoritariamente ocupado por pousadas, bares e lojas voltadas para o turista, enquanto a vida comunitária tradicional dos moradores foi empurrada para as margens.

Figura 9: Casa de pedra

Fonte: Lenira Kita, 2026

A partir dos anos 1990, contudo, São Thomé das Letras passou a integrar roteiros comerciais como o “Circuito das Águas” e o “Circuito Vale Verde e Quedas D’Água”, além de ser incorporada à Estrada Real, maior projeto turístico do estado de Minas Gerais. Esse processo promoveu a massificação do turismo, acarretando profundas mudanças na estrutura urbana e na vivência cultural da cidade. A cidade passou a ser vendida como “cidade mística”, título amplamente utilizado na promoção turística, mas muitas vezes esvaziado de significado para uma parte dos moradores, que não se identificam com o assunto.

Essa massificação alterou profundamente o perfil da experiência oferecida. Borges (2022) argumenta que, sob a lógica do consumo de massa, a busca original por transcendência cede espaço para a “coleção de experiências”. O turista deixa de ser um peregrino em busca de transformação interna para se tornar um consumidor de paisagens exóticas e narrativas esotéricas padronizadas. O “místico” torna-se uma marca, um produto de prateleira, gerando o que Neves (2007) classifica como uma perda de identidade cultural: a cidade encena suas tradições para agradar um fluxo de visitantes que, muitas vezes, desconhece a profundidade das lendas locais.

Figura 10: Esculturas de gnomos e unicórnio em um escadão da cidade.



Fonte: Lenira Kira, 2026

A transformação de São Thomé das Letras em um destino de massa impulsionou uma reconfiguração estética e simbólica de sua paisagem urbana, processo que pode ser compreendido através do conceito de "instrumentalização da cultura". A cidade, que originalmente se destacava por sua arquitetura vernacular de pedra quartzito — um saber-fazer tradicional passado de geração em geração —, passou a incorporar elementos cenográficos destinados a atender ao imaginário do turista. Alves (2024) observa que a comercialização da imagem "mística" levou à proliferação de uma estética fantasiosa no comércio local, onde lojas, pousadas e restaurantes adotam nomes e decorações alusivos a duendes, bruxas, extraterrestres e cogumelos, muitas vezes sem qualquer vínculo com as tradições históricas ou rurais do município.

Esse fenômeno gera o que se pode chamar de uma "autenticidade encenada". O patrimônio imaterial da cidade, composto por lendas orais profundas como a de João Antão ou as narrativas da Eubiose sobre a cidade intraterrena que discutiremos mais a frente, acaba sendo simplificado e empacotado como um produto de consumo rápido. Santos (2022) argumenta que, sem políticas de salvaguarda do patrimônio imaterial, essas narrativas são apropriadas pelo mercado de forma descontextualizada. O "místico" deixa de ser uma vivência espiritual para se tornar uma marca, um souvenir vendido nas prateleiras das lojas de artesanato que, muitas vezes, comercializam produtos esotéricos importados, em detrimento da produção artesanal local autêntica.

Figura 11: Exemplos de souvenirs comercializados no comércio local de São Thomé das Letras.



Fonte: Lenira Kira, 2026

Essa cenarização do espaço urbano afeta a integridade da paisagem cultural de São Thomé. Castro (2024) e Parede (2020) alertam para a descaracterização do conjunto arquitetônico histórico. As construções tradicionais de pedra sobre pedra, que conferem à cidade sua identidade visual única, disputam espaço com novas edificações que emulam castelos medievais ou discos voadores, criando um pastiche arquitetônico que confunde o visitante e desvaloriza a história real da ocupação do território. A paisagem, antes reflexo da relação orgânica entre o homem e a pedra, torna-se um cenário montado para a fotografia e para a validação nas redes sociais.

Além disso, essa estética do "místico" como cenário encobre conflitos reais do território. Ao vender a imagem de uma "cidade mágica" e isolada do mundo profano, o marketing turístico invisibiliza os problemas estruturais, a desigualdade social e, principalmente, a onipresença da atividade mineradora. Parede (2020) destaca que essa construção de imagem turística tenta "higienizar" a realidade, criando uma narrativa de harmonia e natureza intocada que se choca frontalmente com a

visibilidade das pilhas de rejeitos de mineração que cercam a cidade. Cria-se, assim, uma dissonância cognitiva: o turista consome a fantasia do esotérico no centro urbano cenográfico, enquanto a realidade material da cidade, marcada pela extração de pedras e pela precarização urbana, é empurrada para os bastidores.

O crescimento desordenado do turismo, aliado à exploração intensiva da pedra São Thomé, trouxe consequências graves. Conforme aponta Neves, o turismo de massa gerou ganhos econômicos imediatos, mas também provocou "fortes impactos ambientais, causando a descaracterização do patrimônio arquitetônico e a perda da identidade cultural da população" (NEVES, 2007, p. 14). Essa mercantilização da cidade sagrada resultou em um paradoxo: quanto mais o turismo crescia, mais se diluíam os elementos que o justificavam — a autenticidade da experiência espiritual, o silêncio das paisagens, o caráter simbólico dos espaços.

A atividade turística em São Thomé das Letras opera sob uma lógica de sazonalidade intensa e predatória, que impõe desafios severos à gestão territorial e à qualidade de vida da comunidade local. Diferente de destinos que mantêm um fluxo constante de visitantes, a cidade vivencia picos extremos de visitação durante feriados prolongados e eventos festivos, como o Réveillon, Carnaval, a Semana Santa e a tradicional Festa de Agosto. Nesses períodos, a população flutuante aumenta exponencialmente, exercendo uma pressão insustentável sobre a infraestrutura de um município de pequeno porte, cujos serviços públicos não foram dimensionados para tal demanda.

Neves (2007) descreve esse cenário como um colapso cíclico. A cidade, que possui uma população fixa reduzida, vê-se invadida por um contingente de turistas que satura imediatamente os sistemas de abastecimento. Ocorre, com frequência, a escassez de água potável, uma vez que o sistema de captação e distribuição não suporta o consumo elevado dos hotéis, pousadas e campings lotados. Além disso, o sistema de esgotamento sanitário e a coleta de lixo mostram-se insuficientes, resultando no acúmulo de resíduos nas ruas e, mais gravemente, nas áreas naturais, como as cachoeiras e grutas, que são os principais atrativos do destino. Para a comunidade local, essa sazonalidade gera uma relação ambígua com o turismo. Por um lado, os moradores dependem economicamente da renda gerada nesses curtos períodos de alta temporada; por outro, sofrem com a perda de

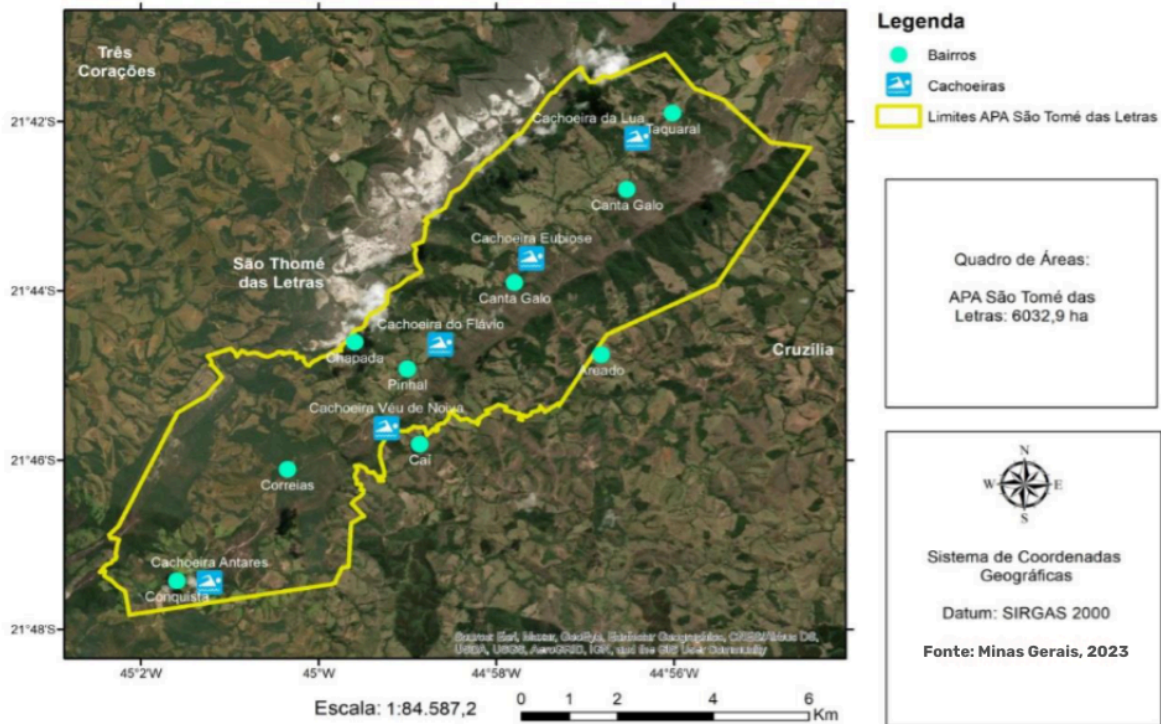
qualidade de vida, o barulho excessivo, a insegurança e a disputa pelos recursos básicos de sua própria cidade. Esse cenário evidencia que o modelo de turismo vigente em São Thomé das Letras, pautado na quantidade e não na qualidade, reproduz ciclos de degradação que penalizam tanto o meio ambiente quanto a população residente.

Essa dinâmica gera impactos ambientais diretos na APA (Figura 9) da cidade. Lopes (2012) destaca que a falta de um plano de manejo efetivo e a ausência de fiscalização adequada permitem que o turismo ocorra de maneira desordenada sobre ecossistemas frágeis, como os campos rupestres. O pisoteio excessivo da vegetação nativa, a abertura de trilhas não planejadas e o descarte irregular de lixo ameaçam a biodiversidade local e os recursos hídricos, comprometendo a própria base natural que sustenta o turismo. A degradação ambiental, portanto, não é apenas um problema ecológico, mas uma ameaça econômica à sustentabilidade do destino a longo prazo.

Do ponto de vista da gestão pública, observa-se uma postura que Neves (2007) caracteriza pela ausência de planejamento estratégico. O poder público municipal muitas vezes atua de forma reativa, tentando mitigar os problemas à medida que surgem, em vez de implementar políticas preventivas de controle de fluxo ou estudos de capacidade de carga para os atrativos. Essa falta de ordenamento territorial favorece a especulação imobiliária e a ocupação desordenada do solo, onde novas construções surgem sem o devido licenciamento ou infraestrutura, agravando o caos urbano e a descaracterização da paisagem.

A identidade turística de São Thomé das Letras é marcada por uma complexa segmentação de público, onde convivem, muitas vezes de forma conflituosa, perfis de visitantes com motivações e comportamentos antagônicos. Historicamente associada à contracultura e ao misticismo, a cidade atraiu inicialmente um perfil de visitante que pode ser classificado como "espiritualista" ou "alternativo". Este turista, conforme a tipologia analisada por Borges (2022) em contextos similares de turismo espiritual, busca na viagem uma jornada de transformação interna, autoconhecimento e uma conexão profunda e respeitosa com a natureza, encarando a visita não apenas como lazer, mas como uma prática de "cura" e reconexão com o sagrado.

Figura 12: Limite da APA São Thomé das Letras e pontos de referência.



Fonte: Minas Gerais, 2023

No entanto, com a popularização do destino e sua inserção em roteiros de massa, emergiu um novo perfil de visitante, motivado predominantemente pelo lazer hedonista, festas e consumo. Neves (2007) aponta que, especialmente nos grandes feriados, a cidade é ocupada por turistas que buscam o "agito", associando a liberdade da cultura hippie original a um comportamento de "vale-tudo". Esse grupo tende a se concentrar no centro urbano e em campings, gerando aglomerações, poluição sonora e, em alguns casos, problemas relacionados ao uso abusivo de álcool e drogas, o que contrasta radicalmente com a busca por silêncio e introspecção do turista místico.

Esse choque de expectativas e comportamentos resulta em uma fragmentação do uso do território. O turista que viaja motivado pela espiritualidade e pelas práticas da Nova Era — como meditação, ioga e observação de OVNI — tende a se afastar do centro da cidade nos períodos de alta temporada. Segundo Alves (2024), há um movimento de deslocamento desses visitantes para pousadas e retiros localizados na zona rural, em bairros como Sobradinho ou Cantagalo, onde ainda é possível encontrar a tranquilidade e a atmosfera bucólica que a cidade prometia originalmente. Cria-se, assim, uma espécie de "bolha" turística, onde a

experiência mística é preservada mediante o isolamento geográfico em relação ao turismo de massa.

A convivência entre esses perfis é tensa também no que tange à valorização do patrimônio local. Enquanto o turista espiritualista tende a valorizar as narrativas esotéricas, a energia das pedras e a preservação ambiental, encarando a paisagem como um "templo natural" ou um espaço sacralizado (Fachina, 2024), o turista de massa muitas vezes consome a cidade como um cenário exótico, sem um engajamento profundo com sua história ou seus significados simbólicos. A banalização da experiência, onde a visita se resume a tirar fotos em pontos turísticos lotados, esvazia o sentido original dos atrativos e gera um sentimento de perda de identidade entre os moradores e os visitantes mais antigos.

Além dos desafios socioculturais, o turismo enfrenta um conflito direto e visual com a atividade mineradora. Embora a mineração seja a base econômica tradicional (como visto no tópico anterior), sua coexistência com o turismo de contemplação é conflituosa. Chiodi Filho (1997) destaca que a paisagem cênica (principal atrativo para quem busca a conexão com a natureza) é severamente comprometida pela poluição visual dos rejeitos de mineração. As imensas pilhas de pedra branca, conhecidas como "bota-foras", alteram a topografia natural e são visíveis dos principais mirantes turísticos, quebrando o encanto da "natureza intocada" que o marketing da cidade promete.

Esse conflito não é apenas estético, mas sensorial. O turista que sobe a serra em busca de silêncio, meditação e ar puro frequentemente se depara com o ruído das explosões nas pedreiras e com a poeira em suspensão gerada pelo tráfego intenso de caminhões e pelo beneficiamento das pedras (CHIODI FILHO, 1997). Cria-se, assim, uma tensão no uso do território: as mesmas formações geológicas que atraem os místicos por sua suposta energia são aquelas detonadas para a produção de revestimentos, gerando uma experiência turística marcada pela contradição entre o sagrado e o explorado.

Essa tensão entre o simbólico e o mercantil é abordada por Fábio Santos (2022), ao tratar do esoterismo como patrimônio imaterial. Segundo ele, a cidade "ativa a psique e a espiritualidade" de quem a visita, por meio de um ambiente com raízes no "imaginário histórico ancestral" — um legado que só poderá ser

preservado mediante reconhecimento formal como bem cultural imaterial (SANTOS, 2022, p. 14). Sem esse reconhecimento e políticas públicas de salvaguarda, o que se vê é a apropriação mercadológica de elementos místicos, desvinculados de seus contextos originais.

Além disso, a cidade vive hoje um processo de saturação. A presença excessiva de turistas sem controle de fluxo, a especulação imobiliária, a descaracterização das construções e a degradação de pontos naturais ameaçam não apenas o ambiente físico, mas também a experiência subjetiva que São Thomé oferece. Conforme Neves (2007), a falta de planejamento está “limitando as possibilidades de a cidade atrair novos investimentos”, o que compromete também a sustentabilidade da atividade (p. 14).

Diante desse cenário, torna-se urgente repensar os rumos do turismo em São Thomé das Letras. Um modelo centrado no planejamento integral participativo (como propõe a abordagem do ecodesenvolvimento) pode ser a chave para equilibrar as dimensões econômica, ambiental, social e espiritual da cidade (NEVES, 2007, p. 108). Isso implica reconhecer a importância dos bens imateriais, das práticas culturais simbólicas e das manifestações esotéricas como parte da identidade local, não apenas como atrativos turísticos.

3.4 Raízes místicas e centenárias: a construção do imaginário

A aura mística de São Thomé das Letras não surgiu espontaneamente com a chegada da contracultura nos anos 1970. Décadas antes, a cidade já havia sido "eleita" e inserida no mapa esotérico brasileiro por um dos mais influentes movimentos do país, que forneceu a base simbólica para tudo o que viria depois. Dentre essas organizações esotéricas que se estabeleceram no Brasil, a Sociedade Brasileira de Eubiose (SBE) merece destaque especial por sua relação direta e pioneira com São Thomé das Letras. Fundada por Henrique José de Souza e sua esposa Helena Jefferson de Souza, a Eubiose — derivada etimologicamente do grego, unindo os radicais Eu (bem, bom, harmonia), Bio (vida) e Ose (processo): o processo de bem viver ou ciência da vida — constitui-se como um movimento esotérico de matriz teosófica, criando um sincretismo particular que mescla tradições

orientais, o esoterismo ocidental, o cristianismo e a ciência (BEZERRA, 2024). Conforme define a própria SBE, a Eubiose é uma filosofia de vida, uma ciência e uma arte que busca levar o ser humano a se reintegrar às leis universais, vivendo em harmonia consigo mesmo, com a sociedade e com a natureza (EUBIOSE, s/a). Segundo a cosmologia eubiótica, São Thomé das Letras seria uma das sete cidades intraterrenas, um local com um campo energético singular, escolhido para ser um centro de irradiação espiritual e um ponto de contato com civilizações superiores (D'AURIA, 2000; OLIVEIRA, 2017). Essa eleição da cidade como um "lugar de poder" pela Eubiose, muito antes da chegada do movimento hippie, foi um dos primeiros e mais influentes vetores na construção de sua identidade mística, disseminando a ideia de que o município possuía uma vocação esotérica intrínseca, o que posteriormente serviu de base para o imaginário que atrairia as gerações da contracultura e da Nova Era (SANTOS, 2022).

A cosmologia eubiótica vai além de simplesmente apontar São Thomé das Letras como um local sagrado; ela a insere em um complexo sistema profético de evolução da humanidade. Dentro desta doutrina, que dialoga diretamente com a Teosofia de Helena Blavatsky (1973), o mundo possui sete pontos energéticos principais, e São Thomé das Letras seria um deles, funcionando como um centro de irradiação espiritual e um portal para civilizações intraterrenas. Esse diálogo se baseia fundamentalmente no princípio do setenário, um pilar da doutrina teosófica. Conforme exposto por Blavatsky em "A Chave da Teosofia", tanto o cosmos quanto o ser humano são constituídos por sete princípios ou planos de existência. A Teosofia ensina que a evolução planetária e humana ocorre através de sete grandes ciclos, ou "Rondas", e que a humanidade se divide em sete "Raças-Raízes" (BLAVATSKY, 1973). Foi a partir dessa estrutura de uma geografia sagrada e setenária que a Eubiose adaptou e aplicou este conceito ao território brasileiro, designando São Thomé das Letras como um desses sete "chakras" planetários, um local predestinado a desempenhar um papel crucial na evolução espiritual da humanidade. A cidade receberia o nome iniciático de Dhâranâ, e seria um dos pontos a partir do qual se manifestaria essa nova humanidade, mais espiritualizada e evoluída (D'AURIA, 2000). Essa designação não foi aleatória, mas fruto de uma pesquisa geodésica e esotérica que via no subsolo da região uma estrutura geológica única, propícia para servir como um "Templo de Iniciação" natural.

Figura 13: Brasão da Sociedade Brasileira de Eubiose.



Fonte: Sociedade Brasileira de Eubiose, 2026

O legado da Eubiose para o misticismo de São Thomé das Letras é, portanto, o de ter fornecido o que se pode chamar de "capital simbólico" primordial. A influência da SBE não se deu por uma ocupação física massiva, mas pela implantação de uma poderosa narrativa esotérica que requalificou o território. Quando os primeiros hippies e membros da contracultura chegaram à cidade décadas depois, eles não encontraram uma paisagem simbolicamente neutra, mas um terreno já fértil, previamente codificado como um centro de poder espiritual. A narrativa eubiótica sobre a cidade intraterrena e seu destino grandioso ofereceu uma base sobre a qual novas interpretações – como a presença de OVNI, portais dimensionais e comunidades extraterrestres – puderam florescer e se mesclar, consolidando a imagem de São Thomé como um epicentro místico nacional (OLIVEIRA, 2017; SANTOS, 2022).

Essa base esotérica primordial, disseminada nos círculos iniciáticos, se entrelaçaria com os fundamentos simbólicos mais antigos e populares do território. Preservar essa cidade como território de experiências singulares requer mais do que controle de fluxos turísticos ou regulamentação urbana: exige o reconhecimento profundo desses múltiplos fundamentos. Eles não se encontram apenas nas paisagens ou nas práticas esotéricas atuais, mas também, e de forma crucial, nas narrativas que deram origem ao imaginário místico da cidade. As lendas transmitidas oralmente ao longo das gerações são parte essencial desse patrimônio imaterial,

constituindo a base cultural sobre a qual se construiu a percepção de São Thomé como lugar sagrado e espiritualizado.

Figura 14: Santuário da Eubiose em São Thomé das Letras.



Fonte: Acervo Pessoal, 2017

É por isso que a constituição do imaginário místico de São Thomé das Letras está profundamente enraizada em narrativas orais transmitidas de geração em geração pelos moradores locais. Essas histórias cumprem papel central na construção simbólica do território, fornecendo um sentido sagrado à paisagem e aos elementos que a compõem. Entre essas narrativas, a mais emblemática é a lenda de João Antão, considerada a origem simbólica e toponímica da cidade.

Segundo os relatos da tradição oral, no final do século XVIII, um escravizado de nome João Antão teria fugido da Fazenda Campo Alegre, pertencente à família Junqueira, e se refugiado em uma gruta localizada no alto da serra. Durante seu esconderijo, João Antão teria recebido a visita de um misterioso homem de vestes brancas, que lhe entregou uma carta redigida com grande eloquência. O conteúdo da mensagem orientava o escravizado a retornar à fazenda, garantindo que seria perdoado por seu senhor. A escrita refinada impressionou João Francisco Junqueira,

que não apenas concedeu o perdão, como também acompanhou João Antão até a gruta. No local, em vez de encontrar o misterioso visitante, a comitiva encontrou uma imagem de madeira do apóstolo São Thomé. A figura foi levada à fazenda, mas desapareceu e foi reencontrada diversas vezes na mesma gruta, sendo então interpretada como um milagre. Como consequência, uma capela foi erguida no local em 1770, e, anos depois, iniciou-se a construção da Igreja Matriz, marco inicial do núcleo urbano da cidade (SANTOS, 2022, p. 65-66. NEVES, 2007, p. 47).

Figura 15: Gruta São Thomé.



Fonte: Lenira Kira, 2026

O local dessa narrativa corresponde à atual Gruta de São Thomé, situada ao lado da Igreja Matriz, e que até hoje é um dos pontos mais visitados da cidade. As inscrições rupestres registradas nas rochas próximas à entrada da gruta reforçam o simbolismo do espaço. Segundo o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG), essas inscrições foram feitas por povos indígenas da etnia Goitacá, que habitavam a região há pelo menos dez mil anos.

A união entre a presença indígena ancestral, o episódio místico da imagem de São Thomé, e a edificação de templos católicos em torno da gruta, revela o sincretismo presente na gênese simbólica da cidade. Essa narrativa não apenas justifica o nome São Thomé das Letras, como também legitima a percepção local de

que a cidade foi fundada sobre um evento sagrado. Como observa D’Auria (2000), “a memória mítica constitui um sistema simbólico coerente e autônomo, dotado de uma lógica própria — a lógica da montagem do sistema colonial — que une os elementos fundamentais da colonização” no sertão de Minas Gerais (apud SANTOS, 2022, p. 65).

Hoje, essa lenda continua viva na oralidade da população e é frequentemente contada a visitantes que desejam compreender a origem sagrada da cidade. A persistência dessa narrativa ilustra como as tradições orais moldam a identidade cultural de São Thomé das Letras e oferecem lastro simbólico para a construção da cidade como território de misticismo, espiritualidade e transcendência.

A lenda de João Antão e do homem de vestes brancas não apenas dá origem ao nome e à formação do povoado, como também inaugura um padrão narrativo recorrente em São Thomé das Letras: a fusão entre espiritualidade, natureza e destino. Essa narrativa se insere em um campo simbólico onde os eventos são interpretados não como simples coincidências, mas como manifestações de um plano transcendente que rege a história da cidade. A imagem que some e retorna à gruta — lugar sagrado por excelência — insere São Thomé no rol dos chamados “lugares de poder”, como observam estudiosos da religiosidade popular e do turismo esotérico.

Além dessa lenda fundacional, outras histórias circulam entre moradores e são recontadas com frequência por turistas e estudiosos. Entre elas, destacam-se os relatos sobre portais dimensionais, aparições de luzes no céu, grutas sem fim e fenômenos gravitacionais inexplicáveis, como os da famosa Ladeira do Amendoim. Essas histórias cumprem função social de coesão simbólica e reforço da identidade local, ao mesmo tempo em que constituem atrativos turísticos interpretados como experiências de transcendência. Conforme aponta Santos, essas expressões culturais “superam o estágio de indícios sobre uma cultura patrimonial imaterial existente, mas formalmente não declarada”, demandando reconhecimento institucional para serem salvaguardadas (2022, p. 15).

Dentro desse universo de patrimônio imaterial, a construção do imaginário místico de São Thomé das Letras não se apoia apenas em figuras religiosas canônicas, mas também em personagens locais que, ao longo do tempo, foram

mitificados pela tradição oral. Um dos exemplos mais emblemáticos dessa "santidade popular" é a figura de Chico Taquara. Segundo Santos (2022, p. 66,67), Chico Taquara foi um curandeiro e eremita que viveu na região no início do século XX, muito antes da explosão turística das décadas de 1970 e 1980. A memória local o descreve como uma figura admirada e vista como "diferente" pela comunidade, marcada por um estilo de vida nômade e singular. Sem residência fixa, Chico utilizava os abrigos naturais de pedra, as tocas espalhadas pela serra, como refúgio temporário, vivendo em simbiose com a paisagem rupestre. Seus hábitos peculiares reforçavam sua aura de mistério: conta-se que hidratava os longos cabelos com mel e possuía uma conexão profunda com a fauna local, sendo frequentemente avistado na companhia de pássaros que o seguiam pelas matas. Além disso, detinha saberes ancestrais de cura, manipulando plantas medicinais e proferindo orações em línguas desconhecidas.

Sua figura é central para a legitimação das narrativas esotéricas que conectam São Thomé a outros centros energéticos do mundo. A lenda mais famosa associada a ele afirma que Chico Taquara teria atravessado a Gruta do Carimbado (a caverna que, segundo a crença popular citada anteriormente, nunca teve seu fim encontrado) e saído na cidade sagrada de Machu Picchu, no Peru. Essa narrativa cumpre uma função simbólica crucial: ela estabelece uma "ponte mística" entre as montanhas de Minas Gerais e os Andes, inserindo a cidade em um circuito energético global e ancestral.

O desfecho de sua trajetória contribui para a mitificação de sua imagem. A partir de meados da segunda década do século XX, Chico Taquara desapareceu sem deixar vestígios. Na memória coletiva, perpetua-se a crença de que ele teria retornado ao convívio do 'povo subterrâneo' que o teria criado, ou que ainda habita os esconderijos entre as pedras, optando por não mais se revelar ao mundo profano.

Conforme nota Parede (2020, p. 3), a importância de Chico Taquara transcende o folclore e se manifesta na identidade ecológica do município. Sua imagem de "protetor da natureza" é tão forte que foi escolhida para nomear a Brigada Voluntária Chico Taquara, um grupo de moradores que atua no combate a incêndios e na preservação da flora nos campos rupestres, demonstrando como a figura de Chico se converte em ação política e ambiental na contemporaneidade.

Figura 16: Raro registro fotográfico de Chico Taquara.



Fonte: Noronha, 2003, p. 62

Assim, a lenda de Chico Taquara atua como um elo entre o passado rural da cidade (marcado pelos saberes tradicionais de cura e convivência com a mata) e o presente turístico, que se apropria dessas histórias para validar a aura de mistério e a vocação esotérica do destino. Diferente dos "duendes" importados do imaginário europeu que povoam as lojas da cidade, Chico Taquara representa o misticismo autêntico, nascido da relação orgânica entre o homem do campo e a paisagem de pedra.

A oralidade é o principal meio de preservação e circulação dessas narrativas. Como observa Neves, a cidade “mantém suas tradições por meio da fala e da experiência partilhada” (2007, p. 47), fazendo da memória coletiva um espaço vivo de resistência cultural frente às pressões do turismo de massa. Essa prática oral não apenas mantém vivas as lendas, mas permite sua constante ressignificação de acordo com os contextos e públicos. Por isso, é comum observar variações da história de João Antão e Chico Taquara sendo contadas de forma mais “mística” ou

mais “religiosa”, dependendo da audiência — algo que evidencia a dinâmica viva do patrimônio imaterial.

O valor simbólico dessas lendas é reforçado também por sua vinculação ao território físico. A gruta de São Thomé, por exemplo, não é apenas um cenário para a narrativa, mas um “espaço sagrado” que organiza a espacialidade da cidade. Como destaca Santos (2022, p.71), “a paisagem natural, os contos populares, as lendas sobre portais dimensionais [...] são apropriados pelos fluxos turísticos como elementos de valor simbólico”. Assim, a geografia da cidade é lida e vivida por seus visitantes a partir da cartografia mítica produzida pelas lendas.

Essas narrativas também cumprem função política e patrimonial. Sua permanência e reconhecimento como parte da identidade cultural local representam não apenas um direito à memória, mas também uma ferramenta de resistência frente às ameaças de descaracterização, como a mineração e o turismo predatório. A patrimonialização dessas expressões, ainda que em curso informal, aponta para a necessidade de que políticas públicas de preservação reconheçam o valor da tradição oral como fundamento da singularidade cultural de São Thomé das Letras.

4. FERRAMENTAS DE ANÁLISE: UM OLHAR TEÓRICO SOBRE O DESTINO MÍSTICO

Os capítulos anteriores se dedicaram a construir o panorama no qual São Thomé das Letras se insere. O primeiro capítulo explorou o contexto sociocultural mais amplo, investigando as origens dos movimentos de contracultura e do turismo místico-esotérico que formam o pano de fundo para a popularidade da cidade. Em seguida, o segundo capítulo mergulhou na realidade concreta do município, apresentando um retrato detalhado de seu território, suas lendas, suas dinâmicas sociais e os conflitos latentes entre a exploração mineradora e a preservação de sua paisagem sagrada.

No entanto, uma análise acadêmica aprofundada requer mais do que a contextualização histórica e a descrição de um estudo de caso. Para compreender as forças que verdadeiramente moldam São Thomé das Letras como um destino turístico, é necessário adotar um conjunto de ferramentas conceituais que nos

permitam interpretar os fenômenos observados. A simples descrição dos problemas, como a massificação do turismo ou a mercantilização da cultura, é insuficiente se não for amparada por um referencial teórico que explique os processos subjacentes a eles.

Este capítulo tem, portanto, a função de apresentar o arcabouço teórico que servirá como lente para a análise posterior. Em vez de apenas observar os fatos, buscaremos compreendê-los à luz de conceitos consolidados nos estudos do turismo e da cultura. Para isso, o texto a seguir irá explorar as dinâmicas da Patrimonialização, do Turismo de Base Comunitária e da Economia Criativa, demonstrando como esses conceitos são essenciais para decodificar a complexa construção de São Thomé das Letras como um destino místico-esotérico no cenário contemporâneo.

4.1 Processos de patrimonialização e a paisagem cultural

O ponto de partida para a análise é a perspectiva do Turismo Cultural que, segundo a definição do Ministério do Turismo (2006), se baseia na "vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural". A palavra-chave aqui é "vivência", que pressupõe uma imersão que vai além da simples contemplação. Em São Thomé, essa vivência é um patrimônio imaterial diversificado e dinâmico. Conforme conceitua o IPHAN, tal patrimônio abrange as celebrações, os saberes, a religiosidade, mas fundamentalmente as "mitologias e narrativas" e a "literatura oral". As lendas fundacionais, como a de João Antão, e os relatos esotéricos sobre portais dimensionais e OVNI não são meros contos, mas o cerne deste patrimônio vivo, que confere sentido e sacralidade à paisagem.

Figura 17: Santo Tomé na entrada da cidade com o pôr do sol ao fundo.



Fonte: Adriana Martins, 2016.

Contudo, é crucial entender que esse patrimônio não é uma essência pura que aguardava ser descoberta. Ele é, na verdade, o resultado de um processo deliberado, seletivo e contínuo de patrimonialização. Como ensina a historiadora Françoise Choay (2017), o patrimônio é uma invenção, uma "alegoria" que reflete os anseios, as crises e os valores de uma época. A São Thomé mística é, nesse sentido, uma alegoria da busca contemporânea por refúgio, transcendência e por uma espiritualidade desvinculada das instituições tradicionais. Aprofundando essa noção, o antropólogo Llorenç Prats (1998) argumenta que o patrimônio cultural é uma "construção social" que se "ativa" a partir de interesses específicos e relações de poder. Em São Thomé, a "ativação" desse patrimônio foi impulsionada por um conjunto heterogêneo de agentes: primeiro, pela Eubiose que começou elegendo a cidade como um dos lugares de poder, introduzindo esse imaginário na mente popular; depois pelos "hippies" que ali se estabeleceram e projetaram seus próprios valores sobre a paisagem; por último, e de forma mais intensa, pelos interesses do crescente mercado turístico, que identificou nesse imaginário um produto com enorme potencial econômico.

Este processo de ativação patrimonial pelo turismo gera uma tensão fundamental entre o "mundo vivido" dos residentes e o "cenário" mercantilizado oferecido aos visitantes. O patrimônio, quando instrumentalizado pelo mercado, corre o risco de ser transformado em um espetáculo, uma versão simplificada e embalada para o consumo rápido, que pode não corresponder à complexidade das práticas e crenças locais. A imagem de "cidade mística", embora economicamente rentável, pode acabar por engessar a identidade local em um estereótipo, gerando um distanciamento entre a cultura dinâmica e cotidiana da comunidade e a imagem estática vendida como produto turístico. Analisar a patrimonialização em São Thomé das Letras é, portanto, investigar como a comunidade local resiste, negocia e se incorpora a essa imagem comercial de si mesma (ALVES, 2024).

Figura 18: Estante com esculturas de bruxas e gnomos.



Fonte: Lenira Kira, 2026

A própria paisagem natural da cidade é um campo de disputa patrimonial. Enquanto para o turismo a paisagem é um recurso a ser consumido visualmente e experienciado esteticamente (como no espetáculo do pôr do sol na Pirâmide), para a mineração ela é um obstáculo a ser removido em busca do recurso econômico (OLIVEIRA, 2017). Essa dupla valoração do território cria um conflito inerente: a sacralização da natureza, que atribui poder e significado a cachoeiras e formações rochosas (FACHINA, 2024), entra em choque direto com a visão pragmática da extração. Assim, o patrimônio em São Thomé não é apenas imaterial (lendas) ou construído (casario de pedra), mas também paisagístico, e sua preservação

depende fundamentalmente de qual narrativa — a do sagrado ou a do extrativismo — prevalecerá na gestão do espaço.

Dentro dessa disputa, a própria noção de paisagem cultural se torna central. A UNESCO (1999) define a paisagem cultural como o resultado da interação entre o homem e seu ambiente natural. Em São Thomé, essa interação produziu uma paisagem complexa, onde o relevo quartzítico foi simultaneamente transformado em arquitetura, em fonte de renda extrativista e em cenário para cosmologias místicas. O desafio patrimonial da cidade não é apenas preservar elementos isolados, mas gerir a integridade dessa paisagem multifacetada. A falta de um reconhecimento formal dessa paisagem como um patrimônio cultural integral deixa o campo aberto para que os interesses econômicos de curto prazo, tanto da mineração quanto de um turismo desordenado, sobreponham-se à sua dimensão histórica e simbólica, ameaçando o próprio equilíbrio que a torna única.

Figura 19: Conjunto de pequenas esculturas de extraterrestres no comércio local.



Fonte: Lenira Kira, 2026

É importante notar que a patrimonialização é sempre um ato de poder, que envolve selecionar certos elementos da cultura em detrimento de outros. No caso de São Thomé, a ênfase turística no imaginário "mágico" (duendes, gnomos e OVNI) muitas vezes ofusca outros aspectos do patrimônio local, como as tradições rurais, a história da escravidão na região ou as manifestações culturais da população que não se encaixam no "produto místico" (ALVES, 2024). Esse processo seletivo pode levar a uma folclorização da cultura, onde apenas os traços considerados

"vendáveis" são valorizados e exibidos, enquanto outras memórias e práticas correm o risco de serem esquecidas ou marginalizadas. A patrimonialização, portanto, não é um processo neutro de "salvação" da cultura, mas um campo político onde diferentes versões do passado e do presente disputam legitimidade e visibilidade.

4.2 O turismo de base comunitária e o contexto local

O crescimento exponencial do turismo, já descrito no capítulo anterior, traz o espectro da massificação, que ameaça paradoxalmente a própria autenticidade que atrai os visitantes. Diante do que Hassan Zaoual (2009) diagnosticou como o "declínio do turismo de massa" e a busca por experiências mais significativas, o Turismo de Base Comunitária (TBC) emerge como um paradigma crítico e uma alternativa analítica. O TBC propõe uma inversão da lógica turística predatória, na qual a comunidade deixa de ser um cenário passivo para se tornar o sujeito ativo do processo. O princípio central, como destacam Bartholo, Sansolo e Bursztyn (2009), é que as "comunidades receptoras assumem o papel de atores principais na oferta dos produtos e serviços turísticos". Isso implica em um modelo de governança onde as decisões sobre os limites da visita, a distribuição dos benefícios e a narrativa a ser compartilhada com os visitantes são tomadas coletivamente, respondendo diretamente aos desafios de descaracterização, especulação imobiliária e desigualdade econômica já apontados.

A implementação do TBC, contudo, não é isenta de desafios, especialmente em um destino já consolidado como São Thomé das Letras. O protagonismo comunitário pressupõe a existência de um capital social organizado, com espaços de diálogo e deliberação que permitam à comunidade construir uma visão de futuro compartilhada para o turismo (BARTHOLO; SANSOLO; BURSZTYN, 2009). Em contextos marcados por uma longa história de turismo convencional e pela presença de interesses econômicos já estabelecidos, a transição para um modelo de base comunitária exige um esforço contínuo de mobilização, capacitação e empoderamento dos moradores locais. A questão central passa a ser: como garantir que os benefícios do turismo não fiquem concentrados nas mãos de poucos e que a comunidade tenha autonomia para definir os rumos de seu próprio desenvolvimento, preservando a integridade de seu patrimônio cultural e natural?

Adicionalmente, a própria noção de "comunidade" em São Thomé das Letras é complexa e heterogênea, o que dificulta a aplicação de um modelo TBC idealizado. A cidade é composta por diferentes grupos com interesses e visões de mundo distintas: os nativos⁸, descendentes das famílias tradicionais; e os "de fora" ou "alternativos", que migraram para a cidade por diversas razões, mas também a partir da contracultura e hoje também fazem parte do tecido social (VENTURA, 2015). Essa pluralidade, embora culturalmente rica, pode gerar conflitos internos sobre qual identidade deve ser projetada pelo turismo e quem deve se beneficiar dele. Estudos em outras localidades de perfil semelhante, como o Vale do Capão na Bahia, demonstram que a relação entre turistas, moradores nativos e "novos moradores" é marcada por contradições e disputas simbólicas pelo território (MORAIS; ACIOLY, 2018). Portanto, pensar o TBC em São Thomé exige ir além de uma visão monolítica de "comunidade" e considerar as diferentes perspectivas e tensões que coexistem no espaço local.

Essa tensão interna é um obstáculo significativo para o desenvolvimento de um turismo mais sustentável. A ausência de um projeto coletivo, capaz de mediar os diferentes interesses, abre espaço para que as ações individuais e a lógica de mercado se sobreponham a qualquer tentativa de planejamento integrado. Como aponta Neves (2007), a falta de organização e de participação popular nas decisões sobre o turismo local acaba por perpetuar um ciclo de problemas, onde a saturação da infraestrutura e a degradação ambiental se intensificam sem que haja uma resposta comunitária articulada. O desafio para um TBC efetivo em São Thomé não seria apenas criar novas rotas ou produtos, mas, antes de tudo, construir os espaços de diálogo e os mecanismos de governança que permitam a essa comunidade heterogênea negociar seus conflitos e construir um futuro em comum.

Nesse sentido, a ausência de um Plano Diretor atualizado e participativo, como apontado no Diagnóstico Urbano-Territorial (2024) do município, funciona como um vácuo de governança que agrava os conflitos. Sem diretrizes claras para o uso e ocupação do solo, a especulação imobiliária avança sobre áreas de interesse

⁸Localmente, 'nativo' é um termo xenofóbico utilizado para distinguir as famílias tradicionais dos moradores 'de fora'. Contudo, essa autodenominação traz contradições: além de invisibilizar a presença anterior dos povos indígenas, verdadeiros originários da região dizimados pelo processo colonial, ignora que, pela falta de maternidade na cidade ao declínio dos partos domiciliares, as novas gerações nascem em municípios vizinhos. O termo marca, portanto, uma linhagem familiar e de poder, e não o local de nascimento físico (**Nota da autora**).

ambiental e cultural, e a infraestrutura turística se expande sem levar em conta a capacidade de suporte do lugar. O TBC, neste contexto, não pode ser pensado isoladamente do planejamento urbano. Ele depende da existência de instrumentos legais e de uma vontade política que garantam que o crescimento da cidade seja orientado pelo bem-estar coletivo e pela sustentabilidade de longo prazo, em vez de ser ditado unicamente pelos interesses fragmentados do mercado imobiliário e do turismo de massa.

4.3 Economia criativa: cultura, mercado e identidade

Além das questões de governança, é impossível analisar este cenário sem recorrer aos conceitos da Economia Criativa. Este campo, que conforme Leitão e Machado (2012) se caracteriza pela articulação estratégica entre cultura e economia, encontra em São Thomé um exemplo paradigmático. As lendas, a estética esotérica, a produção de artesanato e o "saber-fazer" dos terapeutas holísticos são os ativos criativos que movimentam a economia local. Reis e Kageyama (2011) apontam que a cultura é o "traço crucial" que agrega valor e diferenciação na Economia Criativa. Contudo, essa dinâmica é inerentemente tensa. O sociólogo George Yúdice (2004) alerta sobre os riscos da "instrumentalização da cultura como recurso econômico", um processo que pode levar ao esvaziamento de seus significados originais. Essa instrumentalização ocorre quando a lógica do mercado se sobrepõe à lógica cultural, resultando na mercantilização da experiência espiritual. Quando uma jornada de autoconhecimento se transforma em um "pacote turístico" padronizado, quando um ritual é performado para satisfazer a curiosidade do turista em vez de cumprir sua função simbólica, ou quando as narrativas são simplificadas para se tornarem mais vendáveis, o patrimônio imaterial corre o risco de se converter em uma mercadoria vazia. O complexo desafio que se impõe a São Thomé das Letras é, portanto, como navegar nas complexas águas do mercado turístico sem suprimir a autenticidade e a riqueza cultural que a consolidam como um destino de apelo místico.

Este processo de transformação de uma prática espiritual em uma experiência turística pode ser compreendido através da teoria da transmissão cultural. Nautiyal, Albrecht e Carr (2025) argumentam que, sob o efeito do

consumismo, práticas culturais complexas, como a yoga, são redefinidas como produtos, serviços e experiências para o mercado turístico. O mesmo ocorre em São Thomé, onde a "espiritualidade" local é transmitida não mais apenas por vias tradicionais, mas também através de produtos culturais (artesanato, livros, camisetas) e serviços (pousadas temáticas, terapias holísticas, passeios guiados). A própria toponímia comercial da cidade, repleta de nomes como "Pousada dos Duendes" ou "Restaurante Cogumelo Azul", evidencia como o imaginário místico foi convertido em marca, um ativo central nesta economia simbólica (SOUZA, 2005). O desafio, portanto, não é apenas econômico, mas também epistemológico: como garantir que a transmissão dessa cultura para o turista não a reduza a um mero simulacro de si mesma?

A questão da autenticidade, central na discussão sobre turismo e cultura, torna-se particularmente espinhosa em destinos como São Thomé. O sociólogo Dean MacCannell (1999) argumenta que o turista moderno é um peregrino em busca de experiências "autênticas", uma fuga do que ele percebe como a superficialidade da vida cotidiana. No entanto, para atender a essa demanda, a indústria turística frequentemente cria o que ele chama de "autenticidade encenada" (*staged authenticity*): rituais, práticas e cenários são adaptados e performados para o "olhar do turista" (URRY, 1996), mesmo que percam sua função original para a comunidade. Em São Thomé, a linha entre a vivência espiritual genuína e a performance para o consumo turístico é tênue. A performance de um guia que narra uma lenda de forma dramatizada ou a venda de um "cristal energizado" podem ser vistas tanto como uma partilha cultural legítima quanto como exemplos dessa autenticidade encenada, levantando questões complexas sobre o que é "real" e o que é "produto" no contexto místico-turístico.

Entretanto, é fundamental compreender que essa dinâmica passou por uma profunda reconfiguração nas últimas décadas. Se no final do século XX a teoria apontava que o viajante procurava escapar da vida moderna (MACCANNELL, 1999), hoje a atividade turística depara-se com a "hipermodernidade". Segundo Binfaré e Sonaglio (2025), esse período desafia os padrões clássicos ao instituir uma sociedade marcada pela efemeridade, pela ansiedade e pela aceleração contínua do tempo. Sob essa ótica teórica, o próprio tempo livre e de lazer é engolido pela urgência contemporânea. O turismo místico, posicionado pelo mercado como um

antídoto para essa ansiedade, acaba sendo consumido de forma igualmente acelerada. Em São Thomé das Letras, essa pressa hipermoderna pressiona a Economia Criativa local a comprimir jornadas espirituais complexas em "pacotes" e vivências de fim de semana, transformando rituais de contemplação em produtos de consumo imediato.

Essa aceleração do consumo turístico impõe, ainda, um paradoxo central: ao mesmo tempo em que a imagem do destino evoca a transcendência, a experiência atual é indissociável das redes sociais. Santos (2025) aprofunda essa questão ao demonstrar que, na era digital, as plataformas atuam como ditadoras do comportamento de consumo, onde a validação da viagem depende diretamente de sua visibilidade online. O turista contemporâneo não consome apenas o espaço físico, mas a imagem desse espaço projetada para o meio virtual. Para a cultura local, isso representa uma pressão dupla: o destino precisa não apenas encenar a autenticidade, mas garantir que essa encenação seja esteticamente formatada para as câmeras. O misticismo de São Thomé corre, assim, o risco de ser reduzido a um cenário "instagramável", onde o valor simbólico de um espaço ou lenda passa a ser medido pelo seu potencial de engajamento digital, agravando o processo de esvaziamento cultural.

Esse processo de esvaziamento cultural está intrinsecamente ligado à mercantilização do místico, que também pode ser vista como uma consequência direta da massificação. Com o aumento do fluxo de visitantes, muitos dos quais não compartilham necessariamente das crenças esotéricas, a tendência é que a experiência seja simplificada e transformada em entretenimento. A busca original por transcendência, que marcou os primeiros visitantes, cede espaço para um consumo mais superficial de "experiências místicas", como tirar uma foto na Pirâmide ou comprar um souvenir com a figura de um gnomo (BORGES, 2022). Esse processo não apenas banaliza o significado das práticas, mas também pode gerar um sentimento de alienação nos moradores e nos visitantes mais antigos, que vêem a cultura que ajudaram a construir ser transformada em um produto de consumo em massa.

É fundamental notar que essa transformação não ocorre sem resistência. Em meio à crescente comercialização, surgem movimentos de "re-autenticação", nos

quais agentes locais buscam resgatar e reafirmar práticas e narrativas que consideram tradicionais ou autênticas. A valorização do artesanato local em detrimento de produtos importados, a organização de festas e rituais voltados para a própria comunidade e a crítica aberta de alguns moradores à espetacularização do misticismo são exemplos dessa resistência (ALVES, 2024). Essa dinâmica mostra que a Economia Criativa não é um campo homogêneo, mas um espaço de negociação onde a cultura local tanto é incorporada pela lógica do mercado quanto busca ativamente preservar sua autonomia e seus significados próprios.

Outro ponto fundamental na análise da economia local é a distinção entre a imagem projetada e a realidade vivida. Enquanto a imagem turística de São Thomé é dominada pelo misticismo, a economia real do município ainda é dependente da mineração (OLIVEIRA, 2017). Essa dualidade cria uma economia antagônica: a cidade "vende" uma imagem de natureza sagrada e intocada, ao mesmo tempo em que uma das principais fontes de empregos provém de uma atividade que degrada essa mesma natureza (PAREDE, 2020, p. 20). A Economia Criativa, neste caso, não substitui a economia tradicional, mas coexiste com ela de forma conflituosa. A prosperidade do turismo místico depende, paradoxalmente, da contenção da atividade que, por muito tempo, foi o pilar econômico da cidade, evidenciando que qualquer plano de desenvolvimento sustentável para São Thomé precisa, necessariamente, abordar a difícil equação entre essas duas forças produtivas.

Esta coexistência conflituosa entre a economia simbólica do turismo e a economia material da mineração é, talvez, o principal entrave para o futuro sustentável de São Thomé das Letras. Não se trata de uma simples escolha entre um e outro, visto que ambas as atividades estão profundamente enraizadas na história e na estrutura social do município, gerando empregos e renda para diferentes setores da comunidade. Qualquer proposta de planejamento territorial que ignore essa interdependência está fadada ao fracasso. A solução não passa por idealizar o turismo como um recurso "limpo" em oposição a uma mineração "suja", mas sim por construir, de forma pactuada, um modelo de desenvolvimento territorial integrado, onde os limites de ambas as atividades sejam negociados em prol da salvaguarda do patrimônio paisagístico e cultural que, em última análise, sustenta a atratividade única da cidade (PAREDE, 2020).

Além disso, a própria natureza do trabalho gerado por essas duas economias é contrastante e revela as desigualdades sociais do município. Enquanto a mineração oferece empregos mais formais, porém mais precários em termos de saúde e segurança (MOREIRA et al., 2020), o turismo gera uma abundância de postos de trabalho informais e sazonais, caracterizados por uma grande instabilidade de rendimentos. Esta fragilidade estrutural do setor turístico foi drasticamente exposta no cenário contemporâneo. Como demonstra Correia (2024) na sua análise dos indicadores do turismo no Brasil, os períodos de crise, em especial o impacto da recente pandemia, evidenciaram a extrema vulnerabilidade econômica dos destinos e dos trabalhadores que dependem da flutuação contínua de visitantes. Em São Thomé das Letras, muitos moradores locais encontram-se exatamente nessa posição de risco, dependendo das condições voláteis do turismo ou da oscilação do mercado de pedras. Esta realidade socioeconômica complexa e instável raramente é percebida pelo turista, que consome a imagem de um refúgio místico e alternativo sem se dar conta das tensões laborais e das profundas desigualdades que sustentam essa mesma fachada.

Finalmente, a análise teórica destes três eixos — Patrimonialização, TBC e Economia Criativa — converge para uma compreensão de São Thomé das Letras como um "território em disputa". Não há uma única identidade, mas um campo de forças onde diferentes agentes sociais (moradores nativos, os "de fora", empresários do turismo, mineradores, poder público) lutam para impor sua visão e seus interesses sobre o espaço. O patrimônio é disputado entre a salvaguarda e a mercantilização; a comunidade é disputada entre o protagonismo e a exclusão; e a economia é disputada entre a criatividade simbólica e a extração material. Compreender São Thomé das Letras exige, portanto, abandonar a busca por uma essência "mística" e, em vez disso, analisar as relações de poder, os conflitos e as negociações que continuamente (re)constroem a cidade e seu significado.

Essa constante (re)construção do significado do lugar é o que o mantém vivo, mas também vulnerável. A imagem de São Thomé das Letras não é estática; ela é um mosaico de narrativas sobrepostas: a do milagre católico, a da utopia hippie, a do portal ufológico, a do paraíso natural e a do produto turístico. O desafio teórico e prático é entender como essas diferentes camadas interagem e como é possível gerir o território de forma a garantir que a mercantilização, impulsionada pelo turismo

de massa, não apague as narrativas mais complexas e profundas que constituem a riqueza de seu patrimônio imaterial. A sustentabilidade de São Thomé não depende apenas de políticas ambientais ou de planejamento urbano, mas da capacidade de seus diversos atores de salvaguardarem o próprio mistério que torna a cidade tão fascinante.

5. ECOS DA MONTANHA: O QUE DIZEM OS MORADORES SOBRE A "CIDADE MÍSTICA".

A transição das teorias sobre patrimônio e território para a realidade concreta de São Thomé das Letras exige uma mudança de olhar: deixamos de observar a cidade apenas pelos conceitos acadêmicos para enxergá-la através das vivências de quem a habita e a administra. Se nos capítulos anteriores o município foi desenhado como um "território em disputa" — onde o sagrado e o mercado travam um embate constante —, as vozes coletadas em campo confirmam que essa tensão não é apenas uma abstração acadêmica. Ela é sentida na pele, na memória e nas estratégias de sobrevivência da população.

A identidade de "cidade mística" revela-se, na prática, um mosaico de interpretações. A pesquisa de campo permitiu identificar que o mistério de São Thomé possui significados distintos dependendo de quem fala: para uns, é uma missão espiritual ligada a uma geografia sagrada; para outros, uma busca íntima de cura; e há ainda a visão da gestão pública, para a qual o misticismo é, essencialmente, um recurso econômico e uma marca a ser trabalhada.

Para compreender como esse imaginário se sustenta e se transforma diante do turismo de massa, a análise a seguir organiza esses discursos em eixos temáticos. Não se trata de apresentar as entrevistas de forma isolada, mas de colocá-las em diálogo, expondo as concordâncias e os conflitos que moldam a São Thomé contemporânea. Iniciamos essa investigação pela própria essência do fenômeno: afinal, o que é esse misticismo que atrai milhares de pessoas? É uma energia da terra ou uma construção do mercado?

5.1 A natureza do misticismo: entre a "energia" da pedra e a invenção comercial

O primeiro desafio ao adentrar o universo simbólico de São Thomé das Letras é desconstruir a ideia, por vezes simplista, de que o misticismo local seria uma invenção recente, um subproduto acidental do movimento hippie ou da indústria do turismo New Age que explodiu nas décadas de 1970 e 1980. A escuta atenta dos atores locais revela que, antes de ser um produto de prateleira vendido nas lojas de artesanato, a "magia" da cidade foi construída sobre um alicerce doutrinário, histórico e geológico muito mais profundo, o que gera, na contemporaneidade, um choque entre a "tradição" e a "modernidade líquida"⁹ do turismo.

Existe uma clara distinção, na percepção dos entrevistados, entre o que poderíamos denominar de "misticismo de raiz" (intrinsecamente ligado à terra, às pedras (quartzito) e às instituições esotéricas tradicionais) e o "misticismo de mercado", caracterizado pela venda de suvenires exógenos e experiências padronizadas. Essa dicotomia define a atmosfera atual da cidade: um lugar que tenta equilibrar sua vocação ancestral para o sagrado com a lógica imediatista do consumo visual.

A narrativa de que São Thomé das Letras possui uma "frequência vibratória" diferenciada não é apenas uma lenda urbana difusa; ela possui uma origem institucional clara na história do esoterismo brasileiro. As entrevistas apontam que a construção da imagem mística da cidade passa, inevitavelmente, pela atuação da Sociedade Brasileira de Eubiose e pela figura de seu fundador, Henrique José de Souza. Diferente da visão turística que foca em extraterrestres e portais aleatórios de forma lúdica, a tradição oral guardada pelos membros mais antigos da comunidade, como a Entrevistada D, ancora o mistério na própria geografia física do lugar.

⁹ O conceito de 'Modernidade Líquida', cunhado pelo sociólogo Zygmunt Bauman, descreve a condição da sociedade contemporânea marcada pela volatilidade, pela incerteza e pelo enfraquecimento das instituições tradicionais. Diferente da modernidade 'sólida', pautada em estruturas fixas e duradouras, a modernidade líquida caracteriza-se pela fluidez, onde as formas sociais (identidades, relações e economias) se dissolvem e se transformam antes que tenham tempo de se consolidar, gerando uma constante sensação de provisoriedade (BAUMAN, 2001, p. 8).

Para essa parcela da população, que detém a memória da formação desse imaginário, São Thomé não é mística "por acaso", mas por desígnio. A cidade é compreendida como parte de um "sistema geográfico" maior, uma engrenagem dentro de uma cosmologia complexa que conecta as montanhas de Minas Gerais a outros centros energéticos do planeta. Ao ser questionada sobre a origem dessa fama, Entrevistada D (2026) é categórica ao afirmar que "São Thomé faz parte de uma coisa chamada sistema geográfico [...] é a quinta cidade do sistema geográfico sul-mineiro". Segundo seu relato, a Eubiose e seu fundador foram os responsáveis por "dar vida a esse sistema que já existia" (ENTREVISTADA D, 2026).

Essa fala é reveladora e fundamental para a análise, pois desloca a origem do turismo místico da espontaneidade para a intencionalidade. A "energia" percebida pelos visitantes teria, segundo essa visão fundacional, uma base concreta na formação geológica e na localização espacial. Nota-se aqui que o patrimônio imaterial da cidade (suas crenças) é indissociável do seu patrimônio natural. A "natureza do misticismo", neste nível de compreensão, é literal: é a mística que emana da natureza. Não se trata, originalmente, de duendes de gesso ou bruxas de pano, mas de uma relação silenciosa, filosófica e reverente com a montanha e com o céu.

Entretanto, se a origem do misticismo está na pedra e na doutrina, sua manutenção cotidiana e sua validação social dependem das pessoas que escolheram viver essa realidade na prática: os neorrurais ou os "de fora". A pesquisa de campo valida fortemente o fenômeno da migração de estilo de vida (lifestyle migration), onde moradores dos grandes centros urbanos se mudam para São Thomé em busca de reconexão existencial, e não por oportunidades de emprego formal. A trajetória de Entrevistada A, que trocou a região metropolitana de São Paulo pelas montanhas mineiras em 2003, exemplifica essa dinâmica.

Sua motivação, conforme relatado, transcendeu a lógica econômica, pautando-se inteiramente na busca espiritual. Entrevistada A (2025) descreve que "sentiu que tinha que experimentar" a cidade e que seu propósito era o "lado mais esotérico, de autoconhecimento". O dado mais relevante de sua fala, contudo, é a distinção que ela faz entre a vivência real e a propaganda turística. Ela afirma que sabia da existência da aura mística, mas ressalta: "não como ela é divulgada hoje,

mas com a energia da cidade, do lugar" (ENTREVISTADA A, 2025). Essa ressalva, "não como ela é divulgada hoje", é o ponto de inflexão que nos permite introduzir a crítica à comercialização.

Existe, portanto, um consenso entre os entrevistados de que há algo autêntico no território, uma "energia" que justifica a fama da cidade. Porém, ambos os grupos observam com estranhamento e crítica a forma como esse capital simbólico foi apropriado pelo mercado turístico nas últimas décadas. A cidade que oferecia silêncio, introspecção e contato com a pedra bruta passou a oferecer, em muitas vitrines, uma versão caricata do sagrado.

Essa transformação é analisada com rigor crítico pela moradora e pesquisadora Entrevistada C. Sua fala ilumina o fenômeno que podemos chamar de "importação cultural mística" ou "disneyficação" do esoterismo. A Entrevistada C (2026) aponta que, na ânsia de materializar a magia para o consumo rápido do turista de massa, a identidade local foi sendo substituída por ícones globais de fantasia. Ela destaca a proliferação de elementos exógenos, como "duendes, fadas, bruxas narigudas, essa bruxa européia", que foram incorporados à identidade do lugar, "abafando a cultura local" (ENTREVISTADA C, 2026).

O relato da pesquisadora ilustra, na prática local, um fenômeno global amplamente debatido na literatura acadêmica: a disneyficação. Do ponto de vista conceitual, o sociólogo Alan Bryman (2004) define esse fenômeno como o processo pelo qual os princípios dos parques temáticos passam a dominar cada vez mais setores da sociedade. Para o autor, essa dinâmica está intrinsecamente associada à trivialização e sanitização da cultura, em que as identidades complexas de um lugar são reduzidas a formatos simplificados, higienizados e padronizados para o mercado. Dialogando com essa premissa na modernidade tardia, Ong e Frohlick (2025) acrescentam que a disneyficação ocorre quando elementos reais — sejam culturas ancestrais ou paisagens naturais — são artificialmente encenados para garantir um consumo seguro e palatável ao turista de massa. Esse processo reconfigura destinos mundialmente conhecidos de forma quase imperceptível. Na América Latina, o Parque Xcaret, no México, exemplifica como a herança indígena e a biodiversidade foram empacotadas sob a lógica de um parque de diversões (FLORIDO-BENÍTEZ, 2024). Em contextos urbanos, um exemplo clássico da

literatura ocorre no bairro de La Boca, em Buenos Aires, onde a icônica rua Caminito se tornou uma encenação de si mesma; a cultura do tango e as cores dos antigos cortiços foram cristalizadas em uma estética rígida para consumo turístico rápido, criando um cenário que esconde as tensões sociais do território (HERZER et al., 2008). Em São Thomé das Letras, a proliferação estética importada denunciada pela Entrevistada C é a face visível dessa mesma engrenagem global: a conversão do patrimônio imaterial rústico em um espetáculo cenográfico ininterrupto.

É exatamente esse processo de disneyficação que confirma a crítica da Entrevistada C, tocando no nervo exposto da patrimonialização local: a substituição do ser pelo ter. O turista chega em busca do místico e encontra o "garraduende"¹⁰ (duende na garrafa), o incenso importado e a bruxa de pano manufaturada em série. São produtos que poderiam estar em qualquer feira de artesanato do mundo, mas que ali ganham uma etiqueta de "magia local" por estarem geograficamente situados na cidade das pedras. Segundo a mesma entrevistada, esse processo ocorre "tudo por conta de dinheiro, grana e marketing turístico", gerando um cenário de autenticidade encenada (ENTREVISTADA C, 2026).

O próprio folclore local, rico em personagens como Chico Taquara (o eremita que vivia nas tocas e tinha conexão com os animais), acaba perdendo espaço nas prateleiras para a figura genérica do gnomo europeu. O misticismo, que deveria ser uma experiência de "dentro para fora" (como propõe a Eubiose e a vivência de Entrevistada A), torna-se uma experiência de "fora para dentro", visual, estética e comprável. Entrevistada D (2026) reforça essa percepção de decadência simbólica ao descrever o cenário atual como um "verdadeiro leilão de coisas esotéricas", onde rituais sem fundamento e invenções mercadológicas ("veneno do sapo", "ritual da cachoeira tal") são vendidos como tradição, desvinculados de qualquer raiz séria.

¹⁰ **Garraduende:** Artesanato originário de São Thomé das Letras, popularizado na última década. Consiste em uma figura de duende (geralmente modelada em *biscuit* ou resina) inserida dentro de uma garrafa de vidro. Tornou-se um dos *souvenirs* mais famosos da cidade, simbolizando a comercialização do misticismo local. A tradição inventada em torno do objeto sugere que ele possui vida própria: o cuidado consiste em alimentá-lo (simbolicamente com maçã ou mel), correndo o risco de fazer peripécias na sua casa, mesclando assim o folclore europeu com uma invenção mercadológica recente.

Figura 20: Garraduendes na estante de uma loja.



Fonte: Lenira Kira, 2026

Diante desse cenário onde a tradição luta contra a banalização, surge o terceiro ator fundamental nessa disputa territorial: a gestão pública. Enquanto os esotéricos buscam a energia e os críticos culturais lamentam a perda da identidade, a gestão pública opera sob uma lógica distinta, pautada no pragmatismo econômico e na necessidade de ordenamento. Para o poder público, o debate sobre a veracidade cosmológica dos fenômenos ou a pureza das lendas é secundário diante da capacidade que essas narrativas têm de gerar fluxo de visitantes, ocupação hoteleira e arrecadação.

Na visão institucional, expressa na entrevista com um gestor público, Entrevistado E, o misticismo é despido de sua aura sobrenatural e reconfigurado como um "ativo estratégico", um diferencial competitivo de mercado. Ao afirmar que "São Thomé sem o misticismo seria apenas mais uma cidade histórica de Minas", o gestor reconhece a dependência econômica do município em relação ao seu imaginário (ENTREVISTADO E, 2026). Para ele, o misticismo é o "carro-chefe", o motor que move a economia e traz o turista.

Essa postura revela a complexidade da gestão de um território imaterial. O gestor não nega a importância do místico, mas sua abordagem é técnica: é preciso "saber trabalhar isso", "organizar" (ENTREVISTADO E, 2026). A fala do Entrevistado E sobre a implementação de "estudos" para colocar mesinhas na praça e a busca por um "turismo moderno" demonstra o conflito entre a tentativa de padronização

urbana e a natureza anárquica e espontânea que sempre caracterizou São Thomé. Enquanto Entrevistada A (2025) fala em "processos internos" e Entrevistada D (2026) em "sistemas geográficos", Entrevistado E (2026) fala em "tempo de permanência", "ticket médio" e "turista andando a pé".

Cria-se, assim, uma economia paradoxal. A gestão precisa vender o mistério para sustentar a cidade, mas, ao tentar "modernizar" e "ordenar" o produto turístico, corre o risco de higienizar justamente a atmosfera rústica e alternativa que atrai os visitantes. O "turismo moderno" citado pelo Entrevistado E busca eficiência, mas o misticismo de São Thomé foi construído sobre a base do inefável, do segredo e da descoberta pessoal.

Essa tensão entre a narrativa fundacional (Entrevistada D), a narrativa vivencial (Entrevistada A), a crítica identitária (Entrevistada C) e a visão gerencial (Entrevistado E) compõe a verdadeira natureza do misticismo na cidade hoje. Não se trata de uma identidade fixa, mas de um campo de negociação contínua. A "energia da pedra" ainda está lá, como afirmam as moradoras antigas e novas, mas ela está cada vez mais cercada por uma camada espessa de invenção comercial, criando barreiras e, ao mesmo tempo, pontes para o visitante. Resta saber como o turista, o elo final dessa cadeia, percebe e navega por essa complexidade entre o sagrado e o profano, tema que se aprofunda à medida que novos relatos são incorporados à análise.

Essa dualidade entre o misticismo vivido e o misticismo vendido dialoga diretamente com a teoria de Llorenç Prats (1998) sobre a 'ativação' do patrimônio. Os relatos evidenciam que o sagrado em São Thomé não é um dado estático, mas uma construção social disputada: enquanto a Entrevistada D busca legitimar a 'energia' através da doutrina institucional (Eubiose), o mercado turístico 'ativa' uma versão simplificada dessa narrativa para consumo rápido. Confirma-se, assim, a análise de Alves (2024) sobre a tensão entre a incorporação mercadológica e a resistência cultural, onde a busca autêntica por sentido acaba, muitas vezes, substituída pela encenação comercial de uma 'magia' formatada para o turista

5.2 O paradoxo do território: a pedra que sustenta e a pedra que destrói

Se no plano simbólico a disputa ocorre pela narrativa mística, no plano material a tensão é física, visível e ruidosa. A identidade de São Thomé das Letras assenta-se sobre uma formação geológica que é, simultaneamente, sua bênção e sua maldição: o quartzito. A mesma pedra que atrai místicos pela suposta "energia" é a matéria-prima que sustenta parte significativa da economia local através da extração, gerando uma dualidade que Entrevistado B (2025) define ao relatar a falta de retorno financeiro direto para o município: "São Thomé não ganha um centavo com a pedra dele [...] A pedra é retirada daqui, não paga imposto, levam para Três Corações, lá ela é beneficiada [...] e vende, daí cobra imposto".

Essa "economia paradoxal" cria um cenário de degradação ambiental sem a devida compensação social. O entrevistado aponta que, embora exista uma lei municipal exigindo que as mineradoras invistam 1% do lucro em revegetação, essa norma é ignorada sob a justificativa de que as áreas são "reserva do futuro" e serão destruídas novamente. O resultado é uma paisagem marcada por cicatrizes, onde a atividade extrativista compete visualmente com os atrativos turísticos. Mais do que uma disputa visual, Entrevistado B (2025) revela uma disputa pela mão de obra: até 1998, a força de trabalho da pedreira era nativa e especializada. Com a migração desses trabalhadores para o turismo, as mineradoras precisaram importar mão de obra de fora, gerando um conflito velado onde, segundo o entrevistado, o setor mineral tenta "quebrar o turismo" para recuperar sua força de trabalho braçal, criando um ciclo de sabotagem econômica mútua.

Do ponto de vista da gestão pública, o Entrevistado G reconhece a complexidade, mas adota uma postura de cautela, transferindo a responsabilidade da fiscalização para outras esferas. Ao ser questionado sobre a operação de pedreiras próximas a pontos turísticos, ele argumenta que "a fiscalização é de competência principalmente do Estado e da União" e que "o município não tem o poder de proibir eles, já que eles têm a licença" (ENTREVISTADO G, 2026). Essa fala evidencia a limitação, ou a escolha política, do poder local em intervir numa atividade econômica enraizada, mesmo quando ela ameaça o "ativo paisagístico" do turismo. O Entrevistado E, da gestão pública, tenta conciliar as visões, lembrando que "a pedra ajudou muito a construir a cidade" e que o desenvolvimento deve ser

sustentável, mas admite que a fiscalização ambiental rigorosa depende do CODEMA (Conselho Municipal de Defesa e Conservação do Meio Ambiente/Desenvolvimento Ambiental), órgão que muitas vezes esbarra na burocracia estadual (ENTREVISTADO E, 2026).

Entretanto, o impacto da exploração do território não se resume à mineração. O crescimento urbano desordenado, impulsionado pela especulação imobiliária e pelo turismo de massa, gerou uma sobrecarga na infraestrutura, especialmente no abastecimento de água. A Entrevistada C denuncia um cenário crítico na Rota das Cachoeiras, onde a concessionária de água (Copasa) capta recursos hídricos diretamente dos atrativos naturais para abastecer novos empreendimentos hoteleiros. Segundo a Entrevistada C (2026), "a Copasa, ela chupa a água da cachoeira para servir a esses novos empreendimentos [...] Então, daqui a pouco [...] não tem água da cachoeira para você se banhar". A pesquisadora alerta para a incongruência de um destino que vende "banho de natureza", mas oferece banho quente na pousada às custas da seca da cachoeira, privatizando um recurso difuso.

A percepção de colapso é corroborada por Entrevistada A, que relata a falta de água como um limite físico do território, agravado pela sazonalidade dos feriados: "A água, ela não é que nem a luz, que você aumenta a voltagem e vem mais. A água é aquela que tem na nascente" (ENTREVISTADA A, 2025). O relato do Entrevistado B sobre o Réveillon de 2024 ilustra a gravidade da situação: "Faltou água, faltou energia, tudo lotado, não tinha comida [...] O caos que foi criado, quem, com certeza, quem veio ano passado, não vem esse" (ENTREVISTADO B, 2025). Ele adiciona um dado preocupante sobre a dependência externa: em segundas-feiras pós-feriado, a cidade precisa ser abastecida por "três caminhões-pipa vindos de Três Corações", pois o sistema local entra em colapso, evidenciando que a capacidade de carga do município foi ultrapassada (ENTREVISTADO B, 2025).

A gestão pública admite os gargalos, citando que "a cidade tem o esgotamento sanitário, realmente não tem o saneamento completo", sendo o esgoto despejado in natura em alguns pontos ou tratado em fossas na zona rural (ENTREVISTADO E, 2026). Ele aponta para ações remediativas, como a perfuração de poços e a exigência de Estações de Tratamento de Esgoto (ETEs) para novos

loteamentos, mas reconhece que a solução definitiva ainda depende de projetos futuros de uma ETE municipal unificada, algo que esbarra na indefinição sobre a renovação do contrato com a Copasa.

Outro ponto de extrema gravidade revelado na pesquisa diz respeito à segurança sanitária dos atrativos naturais. Embora as cachoeiras sejam o principal cartão-postal de São Thomé, vendidas como santuários de purificação, o gestor público, Entrevistado G admitiu, de forma inédita, que a administração municipal nunca realizou testes de balneabilidade para atestar se as águas são próprias para banho (ENTREVISTADO G, 2026). Essa ausência de dados técnicos é preocupante, pois, sem o monitoramento regular de coliformes fecais e outros contaminantes, não há garantia de que o esgoto despejado in natura nos córregos, conforme relatado anteriormente por outro gestor público, não esteja comprometendo a saúde dos banhistas nas quedas d'água mais frequentadas.

A situação torna-se ainda mais crítica ao se analisar a desarticulação institucional sobre o tema. Quando questionado sobre a existência de laudos ou responsabilidade técnica, a gestão demonstrou incerteza, sugerindo uma transferência de competência para a Vigilância Sanitária ou departamentos ambientais, sem apresentar um protocolo claro de fiscalização. Essa negligência expõe uma falha estrutural no modelo turístico da cidade: promove-se intensamente o contato com a natureza, atraindo milhares de visitantes para imersão nas águas, mas opera-se num vácuo de dados científicos que coloca em risco a saúde pública. Trata-se, portanto, de uma "autenticidade natural" que carece de validação sanitária básica.

O cenário de conflito descrito, onde a mineração compromete a paisagem que o turismo vende, ilustra empiricamente o conceito de 'economia paradoxal' já apontado por Neves (2007). As falas do Entrevistado G (Gestão Pública) e do Entrevistado B (Morador) confirmam a análise de Parede (2020) sobre a paisagem como campo de disputa. Essa sobreposição de interesses valida a tese de Santos (2022) de que São Thomé é um 'território em disputa', onde a falta de ordenamento permite que a atividade extrativista comprometa a própria base material (a natureza) necessária para a sustentabilidade do destino.

5.3 A ressignificação do sagrado: da memória local ao produto turístico

A transformação de São Thomé em um "shopping center esotérico", conforme classifica Entrevistada C (2026), é outro ponto de convergência crítica entre os entrevistados. A pesquisa identificou um processo de substituição das narrativas locais autênticas por ícones globalizados da cultura pop mística. A entrevistada lamenta que figuras históricas como Chico Taquara e as benzedeiros locais tenham perdido espaço para "duendes, fadas, bruxas narigudas, essa bruxa européia", gerando uma "autenticidade encenada". Ela faz uma distinção sociológica crucial: a "bruxa" original de São Thomé era a benzedeira, a parteira, a mulher que manipulava ervas para cura; a "bruxa" vendida hoje é a caricatura europeia de nariz verrugoso, importada pelo marketing para consumo rápido, apagando a memória das mulheres reais da comunidade.

A Entrevistada A reforça essa visão de banalização, afirmando que o misticismo atual "ficou como se fossem os 'garraduendes', 'os ETs' por tudo quanto é lado", desvirtuando o princípio de autoconhecimento que a atraiu à cidade décadas atrás (ENTREVISTADA A, 2025). Ela cita, como contraponto de resistência, o documentário recente sobre Chico Taquara produzido localmente, que tenta reintroduzir a lenda verdadeira no imaginário popular, lutando contra a maré de produtos industrializados.

O Entrevistado F, morador há 34 anos, oferece uma perspectiva mais pragmática, enxergando o artesanato importado como uma resposta à demanda de mercado, enquanto o artesanato local (como as casinhas de pedra) resiste como um nicho de "artesanato de resistência". Ele observa que o perfil do turista mudou: de um público que buscava "campo selvagem" e acampamento nos anos 80, para um turismo de "moda", onde as pessoas vêm "porque todo mundo conhece" (ENTREVISTADO F, 2026). Entrevistado F nota que a aura mística, que antes exigia silêncio e busca, hoje é consumida como cenário para fotos, banalizada pela própria facilidade de acesso à informação superficial.

A gestão pública, por sua vez, tenta mediar essa tensão através da "qualificação" da narrativa. Entrevistado (2026) relata um esforço da Secretaria em

reorientar o marketing da cidade para a marca "São Thomé das Letras, onde você é o mistério", buscando afastar a imagem caricata dos ETs e resgatar as lendas antigas. Ele afirma: "eu decidi, não, vamos investir nisso [...] mas sem perder a história" (ENTREVISTADO E, 2026). Para operacionalizar isso, a Secretaria aposta na capacitação dos guias e na valorização do artesanato local em feiras nacionais, como a oficina de casinhas de pedra levada para a feira em Belo Horizonte, tentando mostrar que o produto autêntico tem mais valor que o importado.

Contudo, essas ações pontuais de promoção externa mostram-se insuficientes diante da erosão cultural interna. O próprio Entrevistado E admite que a valorização do artesanato autêntico ainda esbarra na falta de dados básicos, reconhecendo a necessidade de "começar, na verdade, pela catalogação desses artesãos", um passo primário que ainda não foi consolidado (ENTREVISTADO E, 2026). Levar o produto para uma feira turística gera visibilidade momentânea, mas não garante a transmissão do saber entre gerações nem protege o artesão da concorrência desleal com o produto industrializado. Como alerta Entrevistado B (2025), a "grande fraqueza" da cidade não é apenas a falta de marketing, mas o "não reconhecimento" do próprio morador sobre o valor de seu patrimônio, um problema estrutural que campanhas publicitárias ou exposições isoladas não são capazes de resolver sozinhas.

A proliferação de 'garraduendes' e a banalização dos rituais, criticadas pela Entrevistada C, exemplificam na prática o conceito de 'instrumentalização da cultura' de George Yúdice (2004). O misticismo, ao ser transformado em recurso econômico sem salvaguarda, esvazia-se de seu sentido original para virar souvenir. Esse processo gera a 'autenticidade encenada' descrita por Dean MacCannell (1999), onde a comunidade passa a performar um esoterismo estereotipado para satisfazer o imaginário do visitante, criando um fosso entre a identidade vivida pelos moradores e a imagem vendida nas prateleiras.

5.4 O futuro: entre a "disneyficação" e a resistência

Diante desse cenário de disputas, qual o horizonte para São Thomé das Letras? As entrevistas revelam um consenso de que o modelo atual de crescimento

desordenado é insustentável, mas as soluções propostas variam entre a regulação estatal e a conscientização comunitária.

O gestor público, Entrevistado G, ao ser questionado sobre o modelo de futuro (Gramado (focada em eventos e turismo de massa mais urbano) vs. Chapada dos Veadeiros), afirma preferir o segundo, focado em restrição ambiental e ecoturismo. Ele declara que o objetivo é deixar "uma cidade mais organizada, mais voltada para a qualidade de vida dos moradores", reconhecendo que o turismo deve trazer bem-estar para quem vive no local, não apenas lucro (ENTREVISTADO G, 2026). Essa visão, contudo, enfrenta o desafio da implementação prática num cenário onde a informalidade ainda impera.

A literatura acadêmica demonstra que a transição para um modelo de turismo focado na conservação e na experiência subjetiva profunda é viável, encontrando paradigmas bem-sucedidos no próprio estado de Minas Gerais. O caso do Santuário do Caraça, analisado por Frederico (2013), ilustra como a gestão territorial pode blindar a identidade local contra a massificação. Categorizado como Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), o Caraça implementa medidas práticas e inegociáveis de ordenamento: limite estrito da capacidade de carga (tanto para hospedagem quanto para visitação diária), horários restritos de acesso e a imposi o de regras de silêncio e conduta. Nessa dinâmica, a experiência de imersão na natureza e no patrimônio histórico-religioso atua como uma ferramenta ativa de sensibiliza o e reconexão do homem com o meio ambiente, contrastando frontalmente com o consumo predatório e festivo (FREDERICO, 2013). Para São Thomé das Letras, adotar um modelo inspirado nesses preceitos — em que o controle de fluxo se sobrepõe   lógica do volume irrestrito — significaria resgatar a sua voca o original de destino de contempla o e autoconhecimento, travando a degrada o de seus recursos hídricos e o esvaziamento de sua essência mística.

Na tentativa de alcançar esse objetivo, a estratégia da gestão pública, segundo o Entrevistado E,   direcionar a cidade para um "turismo de elite", ou qualificado, através da cobrança de taxas em atrativos e maior rigor na fiscaliza o de excursões. Ele detalha uma tática econômica: ao obrigar as excursões a contratarem um condutor local e fiscalizar as taxas de entrada, os custos da viagem aumentam, filtrando naturalmente o "turismo de farofa" ou predatório. Ele argumenta

que "com a cobrança você já começa a mudar bastante o seu turismo", buscando um visitante que gaste mais e impacte menos (ENTREVISTADO E, 2026).

Essa estratégia de elitização, contudo, gera uma profunda discordância ética e social. Contrapondo-se à lógica de que a solução para a sustentabilidade seria a exclusão econômica, Entrevistada C (2026) oferece uma crítica incisiva à tentativa de transformar São Thomé em um reduto acessível apenas a quem pode pagar caro. Para a pesquisadora, "a peneira não pode ser só dinheiro", pois o acesso à natureza e à cultura deve ser um direito democrático, e não um privilégio de classe. Ela argumenta que o turista de menor poder aquisitivo, que muitas vezes passa o ano economizando para a viagem, "não é o vilão"; o verdadeiro problema reside na incapacidade da administração pública de gerir o fluxo de massa com infraestrutura adequada. Ao optar pela seleção financeira em vez do ordenamento territorial, o município corre o risco de trair sua própria essência histórica de ser um destino de acolhimento e diversidade, convertendo-se em um cenário excludente que penaliza justamente o público que ajudou a construir a fama popular da cidade.

No entanto, para os moradores antigos e guardiões da memória, a solução passa menos por taxas e mais por um resgate de essência e planejamento. A Entrevistada D, alerta que "o ser humano está muito desvirtuado", e que a preservação depende de uma mudança de consciência difícil de implementar apenas com leis (ENTREVISTADA D, 2026). Já a Entrevistada C é enfática ao dizer que a cidade corre o risco de virar uma "cidade fantasma" se não houver um "passo atrás" no planejamento, pois "quem veio de fora e se fixou aqui [...] tem pra onde voltar. Agora o povo daqui vai voltar pra onde?" (ENTREVISTADA C, 2026).

Entrevistado B encerra com uma análise crítica, mas necessária, comparando São Thomé à vizinha Cambuquira. Ele relembra que Cambuquira foi um destino de elite nos anos 60 devido às águas, mas a má gestão e o desmatamento secaram as fontes, resultando no declínio do destino e na ociosidade da infraestrutura hoteleira, Entrevistado B (2025) teme que São Thomé siga o mesmo destino: "Cambuquira é o exemplo [...] o atrativo principal que era a água acabou". Para ele, se a cidade não reconhecer que seu patrimônio é finito, a fidelização do turista desaparecerá junto com a água.

As vozes de São Thomé das Letras desenham um território em plena ebulição. A cidade que o Entrevistado F descreve com nostalgia, que "a cidade cheirava fumaça de candeia, de fogão a lenha. Às vezes cheirava biscoito no ar", luta para sobreviver sob as camadas de asfalto, fios de alta tensão e lojas de gnomos importados (ENTREVISTADO B, 2026). O futuro dependerá da capacidade desses atores (poder público, moradores e empresários) de alinharem seus discursos e, principalmente, suas práticas, para garantir que o mistério de São Thomé não se torne apenas uma peça de museu ou um produto de prateleira, mas continue sendo, como definiu Entrevistada A (2025), um lugar de "liberdade" onde é possível se encontrar.

Então, o temor de um colapso do destino, expresso na comparação com Cambuquira feita pelo Entrevistado B, reforça a urgência de superar o modelo de 'turismo de massa' criticado por Hassan Zaoual (2009). Os dados apontam que a sobrevivência de São Thomé depende da transição para um turismo que valorize os 'sítios simbólicos' e a participação comunitária, conforme preconizam os teóricos do Turismo de Base Comunitária (BARTHOLO et al., 2009). Sem esse planejamento, a cidade caminha para a saturação prevista por Neves (2007), onde a degradação ambiental inviabiliza a própria atividade turística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho dedicou-se a analisar a complexa relação entre misticismo, turismo e território em São Thomé das Letras, buscando compreender as dinâmicas de patrimonialização e mercantilização que operam no município. A relevância acadêmica e social deste estudo reside na necessidade urgente de desvelar como cidades pequenas, dotadas de forte apelo simbólico e inseridas no circuito do turismo New Age, lidam com a pressão do fluxo de massa e com conflitos econômicos estruturais. Mais do que um estudo de caso local, a pesquisa serve de alerta para a gestão de destinos similares no Brasil que enfrentam o dilema entre o desenvolvimento econômico imediato e a sustentabilidade cultural a longo prazo. A metodologia qualitativa, aliada à vivência da autora como membro da comunidade, permitiu um mergulho profundo nas subjetividades e tensões territoriais que não seriam captadas apenas por dados estatísticos, revelando as preocupações de uma população que vê sua identidade diluir-se na "modernidade líquida".

No que tange ao cumprimento dos objetivos propostos, constata-se que todos foram alcançados. O primeiro objetivo específico, focado na gênese das lendas e na influência da Sociedade Brasileira de Eubiose, foi atendido ao demonstrar que o misticismo de São Thomé não é uma invenção recente ou aleatória do mercado. A pesquisa comprovou que a "aura mágica" possui raízes profundas na geologia singular (quartzito) e na doutrina esotérica estabelecida em meados do século XX, que inseriu a cidade em um "sistema geográfico" cosmológico. Verificou-se, portanto, que a "energia" da cidade é um patrimônio imaterial anterior e independente da sua exploração turística, constituindo um legado espiritual que hoje luta para sobreviver sob camadas de marketing superficial.

Quanto ao segundo objetivo, que visava mapear os conflitos entre preservação e exploração econômica, a pesquisa identificou a existência de uma "economia paradoxal" e autofágica. Os resultados evidenciaram uma tensão evidente no uso do solo: a mineração, base econômica histórica e maior fonte de arrecadação via CFEM, degrada fisicamente a paisagem cênica que o turismo vende, criando um ciclo onde a cidade destrói seu principal ativo para sobreviver. Além disso, constatou-se que o turismo de massa, operando sem planejamento de capacidade de carga, exaure os recursos hídricos finitos (uma vez que as nascentes

não comportam a demanda de picos sazonais), gerando colapsos no abastecimento e lançando esgoto in natura nas encostas. Essa vulnerabilidade sanitária torna-se ainda mais crítica diante da admissão, por parte do Poder Executivo, de que jamais foram realizados testes de balneabilidade nas cachoeiras. Tal negligência revela que a "natureza pura" vendida pelo marketing turístico carece de validação científica básica, expondo visitantes a riscos de saúde e comprometendo a própria integridade biológica do destino.

O terceiro objetivo, referente à análise da visão do poder público e dos moradores, revelou um cenário de dissonância estratégica e ética. Enquanto a gestão municipal encara o misticismo pragmaticamente como um 'ativo estratégico' e busca um ordenamento via taxas para atrair um 'turismo de elite', estratégia que, embora vise a sustentabilidade econômica, levanta questionamentos éticos sobre a democratização do acesso à natureza, os moradores e guardiões da memória denunciam a perda da essência comunitária e o risco de elitização excludente. A análise permitiu concluir que há um temor latente de que a cidade se torne uma nova 'Cambuquira', destino vizinho que entrou em decadência após a exaustão de seus recursos naturais, ou uma cidade fantasma para os moradores, onde o custo de vida e a especulação imobiliária expulsam aqueles que detêm o saber tradicional.

Em resposta à problemática central da pesquisa, sobre como as narrativas místicas são apropriadas pelo mercado e como isso impacta a identidade local, conclui-se que ocorre um processo crescente de "disneyficação" e banalização do sagrado. A identidade autêntica, representada por figuras históricas como Chico Taquara e pelas práticas das benzedadeiras e parteiras, está sendo sistematicamente substituída por uma "fantasia comercial" de gnomos, duendes e bruxas de estética europeia. O mercado apropria-se do misticismo simplificando-o para o consumo rápido (souvenirs e rituais performáticos), gerando uma "autenticidade encenada" que aliena a população local de sua própria história e transforma a cidade em um cenário de consumo visual, esvaziando a experiência profunda de conexão com o lugar.

A hipótese inicial de que o misticismo estaria sendo convertido em simulacro, esvaziando o sentido original do território, confirmou-se plenamente. No entanto, a pesquisa também revelou importantes focos de resistência que impedem a

totalização desse processo. O "misticismo de raiz" sobrevive na memória oral resiliente, na manutenção dos ritos da Eubiose e na postura crítica de moradores, neorrurais e pesquisadores locais que produzem documentários e mantêm viva a história oral. A existência do artesanato tradicional (como as casinhas de pedra) em oposição aos produtos importados demonstra que, embora avançada, a mercantilização ainda encontra barreiras na identidade histórica da comunidade.

Os instrumentos de coleta de dados, especificamente as entrevistas semiestruturadas com atores-chave, mostraram-se fundamentais para desvelar a complexidade do tecido social. A diversidade dos perfis entrevistados (gestores focados em números, esotéricos focados na preservação doutrinária e moradores preocupados com a sobrevivência) permitiu confrontar o discurso oficial de "progresso" com a realidade vivida de escassez e descaracterização, validando a tese central de que São Thomé das Letras é, essencialmente, um "território em disputa".

Por fim, reconhecendo as limitações desta pesquisa, que se ateve a uma análise qualitativa em um recorte temporal específico, sugere-se para estudos futuros uma investigação quantitativa rigorosa sobre a capacidade de carga dos atrativos naturais e o impacto real da mineração no lençol freático que abastece o turismo. Recomenda-se, também, o aprofundamento em políticas públicas de Turismo de Base Comunitária (TBC) e na eficácia do Plano Diretor recém-aprovado, investigando se ele será capaz de reverter a lógica de exclusão e gentrificação. Somente através de um planejamento que integre a preservação da memória com a justiça social será possível garantir que São Thomé das Letras continue sendo um santuário de pedras e lendas, e não apenas mais um produto efêmero na prateleira do mercado turístico global.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lilian Godoy Santos. **O patrimônio cultural de São Thomé das Letras-MG e a comercialização de sua imagem turístico-mística: entre a resistência e a incorporação**. 2024. 99 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

ANDRADE, Maristela de Oliveira. **500 anos de catolicismos e sincretismos no Brasil**. João Pessoa: UFPB, 2002.

ARAÚJO, Vanessa. **O Mundo está repleto de deuses: Sacralização da Natureza e Conservação da Vida**. 2021. 205 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.

BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

BASSET, Vincent. **Du tourisme au néo-chamanisme: Exemple de la communauté de San Agustin (Huila, Colombie)**. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia) – Université de Montréal, Montreal, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEZERRA, Rodrigo Silva da Costa. **O esoterismo ocidental: a trajetória da Sociedade Brasileira de Eubiose e sua representação na cidade do Recife (1960-1986)**. 2024. 38 f. Relatório (Mestrado Profissional em História) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2024.

BINFARÉ, Paula Wabner; SONAGLIO, Kerlei Eniele. Reflexões conceituais sobre turismo em tempos hipermodernos. **Cenário: Revista Interdisciplinar**

em **Turismo e Território**, Brasília, v. 13, n. 1, 2025. DOI: 10.26512/rev.cenario.v13i1.54670.

BLAVATSKY, Helena. **A Chave para a Teosofia**. Editora Teosófica, 1973.

BORGES, Amanda Alves. **"Essa experiência na Chapada dos Veadeiros transformou minha vida": viajantes em busca espiritual na natureza, estudo sobre Alto Paraíso de Goiás**. 2022. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

BORGES, Amanda Alves et al. Turismo Espiritual: quais são as motivações dos viajantes em busca da espiritualidade? **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v. 10, n. 3, p. 470-492, set./dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Pneumoconioses: silicose**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Glossário temático: Práticas Integrativas e Complementares em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2005.

BRASIL, Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. **Turismo Cultural: Orientações Básicas**. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2006.

BRYMAN, Alan. **The Disneyization of Society**. Londres: SAGE Publications, 2004.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a "natureza" do sagrado. **Estudos de Religião**, v. 22, n. 35, p. 289-305, jul./dez. 2008.

CASTRO, Karina Machado de Castro Simão. **Turismo e paisagem cultural: um estudo de caso de São Thomé das Letras em Minas Gerais, Brasil.** 2024.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** 6. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CORREIA, R. A. **Análise descritiva dos indicadores do setor de turismo no Brasil: uma comparação pré e pós-pandemia.** 2024. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

CHIODI FILHO, C. A extração de quartzito em São Thomé das Letras: o turismo e a degradação ambiental. **Anais do VI Encontro Nacional de Turismo com Base Local**, Joinville, 1997.

D'AURIA, Carla Alfonsina. **São Thomé das Letras na encruzilhada das fontes, dos tempos e dos saberes:** um estudo sobre etnografia e historicidade com registros audiovisuais. 2000. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FACHINA, Eduardo Gusmão. Turismo, natureza e misticismo: a sacralização da natureza em São Thomé das Letras - MG. **6º Workshop de Geografia Cultural “Sentidos e representações da arte e alimento: As geografias audiovisuais e dos sabores”.** 26 e 27 de novembro de 2024, Alfenas-MG.

FEAM – Fundação Estadual do Meio Ambiente. **Diagnóstico ambiental da extração de quartzito em São Thomé das Letras e Luminárias.** Belo Horizonte: FEAM, 2009.

FERREIRA, Anise; DEZOTTI, M. Celeste C. **Projeto Aberto em Letras Clássicas Digitais.** FCLAr/UNESP, 2022. Disponível em: <http://perseidas.fclar.unesp.br/>. Acesso em: 13/11/2025.

FIASCHI, Pedro; PIRANI, José Rubens. Review of knowledge and conservation of the Campo Rupestre vegetation in the state of Minas Gerais, Brazil. **Megadiversa**, v. 5, n. 1-2, p. 397-414, 2009.

FLEISCHER, David Ivan; FALEIRO, Rodrigo Paranhos. São Thomé das Letras e São Jorge: gênese, conflito e identidade na constituição dos atrativos para um mercado turístico. In: BAINES, Stephen Grant et al. (Org.). **Variações interétnicas: etnicidade, conflitos e transformações**. Brasília: IBAMA; UnB/CEPPAC; IEB, 2012. p. 250-285. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/livros/variacoesinteretnicas.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2023.

FLORIDO-BENÍTEZ, Lázaro. Analysis of Latin American Theme Parks in a Tourism Context. **Tourism and Hospitality**, [S. l.], v. 5, p. 125-151, 2024. DOI: 10.3390/tourhosp5010009.

FREDERICO, Isabela Barbosa. **Natureza, História e Espiritualidade: Pelas Trilhas do Santuário do Caraça/MG**. 2013. 159 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

GIULIETTI, Ana Maria; PIRANI, José Rubens. Patterns of geographic distribution of some plant species from the Espinhaço Range, Minas Gerais and Bahia. In: **Proceedings**. 1987.

GUERRIERO, Silas. A Diversidade Religiosa no Brasil: A Nebulosa do Esoterismo e da Nova Era. **Revista de Estudos da Religião**, n. 2, p. 39-55, 2002.

HANEGRAFF, Wouter J. Espiritualidades da nova era como uma religião secular: perspectiva de um historiador. Tradução de Fábio L. Stern e Carlos Bein. **Religare**, João Pessoa, v.14, n.2, p. 403-424, dez. 2017.

HERZER, Hilda *et al.* El proceso de renovación urbana en La Boca: organizaciones barriales entre nuevos usos y viejos lugares. **Historia Actual Online**, n. 16, p. 41-62, 2008.

IBGE. **Cidades e Estados: São Thomé das Letras**. 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/sao-thome-das-letras.html>. Acesso em: 17 mar. 2025.

IBGE. **Cidades e Estados: São Thomé das Letras**: estatísticas centrais de empresas (CEMPRE). Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-tome-das-letras/pesquisa/19/143491>. Acesso em: 25 jan. 2026.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA)**: Tabela 5938 - Produto interno bruto a preços correntes, impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos a preços correntes e valor adicionado bruto a preços correntes total e por atividade econômica. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/5938>. Acesso em: 25 jan. 2026.

IEPHA/MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. **Bens tombados e inventariados: São Thomé das Letras**. Belo Horizonte: IEPHA/MG, [s.d.]. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br>. Acesso em: 13 mar. 2025.

ILARI, Mayumi Denise Senoi. **Dez obras para se pensar a contracultura dos anos 1960**. Guia bibliográfico da FFLCH. São Paulo: FFLCH/USP, 2016.

KAYAPÓ, Ricardo. **De Letras em Letras**: Mistérios, segredos, histórias, fatos e acontecimentos de uma cidade de pedra encravada sobre montanhas de letras - dos primórdios aos dias atuais. São Thomé das Letras: Ed. Caminho de Minas, 2005. (Série Obras Raras). Tiragem limitada.

KAYAPÓ, Ricardo. **São Thomé das Letras: Lendas e Histórias**. São Thomé das Letras: Ed. do Autor, 2003.

LAPA, Hugo. **O que é misticismo?** [S. l.]: Hugo Lapa, 7 mar. 2007. Disponível em: <https://hugolapa.wordpress.com/2007/03/07/o-que-e-misticismo>. Acesso em: 03 fev. 2023.

LEITÃO, Cláudia; MACHADO, Ana Flávia (org.). **Por um Brasil Criativo: significados, desafios e perspectivas da Economia Criativa brasileira**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2012.

LOPES, Renata de Melo Ferreira. **Ecologia, etnoconhecimento e educação: integrando os saberes acadêmico e popular para a conservação do patrimônio natural e cultural de São Tomé das Letras, Minas Gerais**. 2012. Tese (Doutorado em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

LOPES, R. de M. F.; FREITAS, V. L. de O.; BARBOSA, P. M. M. O que pensam as lideranças de São Tomé das Letras sobre as questões ambientais do município?. **Revista Monografias Ambientais**, [S. l.], v. 11, n. 11, p. 2326–2359, 2013. DOI: 10.5902/223613087077. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/remoa/article/view/7077>. Acesso em: 17 mar. 2025.

MACCANNELL, Dean. **O Turista: uma nova teoria da classe de lazer**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MARTÍNEZ-CÁRDENAS, R. G. El turismo místico en México: el caso de Tepoztlán, Morelos. **El Periplo Sustentable**, n. 23, p. 119-144, 2012.

MICHAELIS. Dicionário escolar língua portuguesa. 2. ed. São Paulo. Editora Melhoramentos, 2008.

MINAS GERAIS. Instituto Estadual de Florestas (IEF). **Plano de Manejo da Área de Proteção Ambiental São Tomé das Letras**. Coordenação Geral: Marco Aurélio Leite Fontes. Belo Horizonte: IEF/UFLA, 2023.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Cultura e Turismo (SECULT). **Mapa de Regionalização do Turismo de Minas Gerais**. Belo Horizonte: SECULT, 2022. Disponível em: <https://www.secult.mg.gov.br/>. Acesso em: 13 mar. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAIS, Isabela Andrade de Lima; ACIOLY, Matí Marques. Pra lá do mundo existe um mundo comum: um estudo sobre relações entre turistas e moradores do Vale do Capão (Bahia/Brasil). **Turismo & Sociedade** (ISSN: 1983-5442). Curitiba, v. 11, n. 1, p. 1-21, janeiro-abril de 2018.

MOREIRA, Bruna Marcelo Bernardo; SILVA, Luiz Felipe; BUENO, Maria Isabel Cardoso da Silva. Mineração da pedra “São Thomé” em São Thomé das Letras-MG: um estudo etnográfico sobre saúde coletiva e justiça ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 54, p. 184-199, jul./dez. 2020.

NAUTIYAL, Rajesh; ALBRECHT, Julia N.; CARR, Anna. Spiritual practice as tourism experience: An application of cultural transmission theory. **Annals of Tourism Research**, v. 110, 2025.

NEVES, Luis Henrique Mota De Freitas. **(Des)caminhos do Turismo em São Thomé das Letras-MG**. Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2007.

NORONHA, Oriental Luiz. **São Thomé das Letras e o mundo subterrâneo**. São Thomé das Letras: Madras Editora, 2003.

OLIVEIRA, Amurabi. Nova Era e New Age popular: as transformações nas religiões brasileiras. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 12, n. 100, p. 65-85, jan./jul. 2011.

OLIVEIRA, Juliar de Souza. **Turismo e mineração na produção do espaço no município de São Thomé das Letras**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de São João Del-Rei, São João del-Rei, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsj.edu.br>. Acesso em: 22 out. 2024.

OLIVEIRA FILHO, Ary Teixeira; FLUMINHAN-FILHO, Miguel. Ecologia da vegetação do Parque Ecológico Quedas do Rio Bonito (Lavras-MG). **Revista Árvore**, v. 23, n. 3, p. 309-322, 1999.

ONG, Chin Ee; FROHLICK, Susan. Tourism thinkers and sightseeing as modernity: Editors-in-chief notes. **Tourist Studies**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 233-236, 2025. DOI: 10.1177/14687976251372406.

PAREDE, Maria Sarah Conca. **Da mineração ao turismo em São Thomé das Letras - MG: Uma perspectiva sobre paisagem**. 2020. 103 f. Trabalho

de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Ourinhos, 2020.

PEREIRA, Carolina Morgado. Os jovens e a contracultura brasileira. **Iara - Revista de Moda, Cultura e Arte**. São Paulo: Editora SENAC, v. 8, n. 2, p. 7-28, 2016.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Política y Sociedad**, Madrid, n. 27, p. 63-76, 1998.

REIS, Ana Carla Fonseca; KAGEYAMA, Peter (org.). **Cidades Criativas: Perspectivas**. São Paulo: Garimpo de Soluções, 2011.

RESENDE, Marco Antônio Penido; COSTA, Stael Alvarenga Pereira et al. **Pedra São Tomé: valoração regional por meio da revitalização da paisagem e da identidade cultural**. Relatório final de Projeto de pesquisa financiado pela FAPEMIG. Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

SALAS, G. Curandeiros, peregrinos e turistas. Processos interculturais na sociedade contemporânea de Cusco. **Allpanchis**, v. 37, n. 65, p. 13-31, 2005.

SALGADO, Marina. **Olhares sobre o patrimônio**: a busca de significados da paisagem. 2017. 330 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, Fabio M. Ferreira. **A patrimonialização do esotérico e do místico na cidade de São Tomé das Letras – MG: o dinamismo da previsão, requisitos, atributos ao seu reconhecimento à luz do patrimônio cultural imaterial**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

SANTOS, R. C. C. **A influência das redes sociais no cenário do turismo atual**: um recorte do contexto do Piauí. 2025. Monografia (Bacharelado em Turismo) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2025.

SÃO THOMÉ DAS LETRAS. Prefeitura Municipal. **Diagnóstico Urbano-Territorial: revisão do Plano Diretor de São Thomé das Letras**. São Thomé das Letras: Prefeitura Municipal, 2024.

SEBRAE-MG. **Plano de Ações Integradas**. São Thomé das Letras, 1998b.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE EUBIOSE (SBE). **O que é a Eubiose**. São Lourenço: SBE, [s.d.]. Disponível em: <https://www.eubiose.org.br>. Acesso em: 13 nov. 2025.

SOUZA, Jocysare Cristina Pereira de. Serra das Letras / São Thomé das Letras: designações que enunciam nas relações toponímicas uma forma-sujeito de constituição/identificação do cidadão brasileiro. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, v. 5, n. esp., p. 119-137, 2005.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **Yoga**. Intergovernmental Committee for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage. Addis Ababa, 2016.

URRY, John. **O Olhar do Turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel Sesc. 1996.

VENTURA, Z. **1968: O ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ZAOUAL, Hassan. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? In: BARTHOLLO, Roberto; SANSOLO, Davis; BURSZTYN, Ivan (Orgs.). **Turismo de base comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

ZOLINI, G.P. de P. **A inflexão do conceito de gentrificação em conjuntos urbanos patrimoniais em cidades de pequeno porte**: Os casos mineiros de São Thomé das Letras e Tiradentes. Dissertação (mestrado) - Universidade

Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura. 2007, Orientadora Celina Borges Lemos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAETA, Alenice. **Resistência e História Indígena nas antigas terras de Vila Rica – Minas Gerais**. 2024. Disponível em: <https://www.cptmg.org.br/portal/resistencia-e-historia-indigena-nas-antigas-terras-de-vila-rica-minas-gerais/>. Acesso em: 19 mar. 2026.

CAYO-VELÁSQUEZ, Noemi E.; ARCAYA-CHAMBILLA, Luz E.; APAZA-TARQUI, Alejandro. Turismo místico: revisión de la literatura científica. **Investigación Valdizana**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 107–113, 2022.

ELIADE, Mircea. **Yoga: imortalidade e liberdade**. 4. ed. São Paulo: Palas Athena, 2009.

FREITAG, Vera Lúcia. et al. O Reiki como forma terapêutica no cuidado à saúde: uma revisão narrativa da literatura. **Enfermagem Global**, Murcia, v. 14, n. 2, p. 346-356, abr. 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

MARSHALL, Tuanni Novaes. **Folclore, Mitologias e Lendas: Narrativas culturais para promoção de destinos turísticos?** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2021.

PERALTA, Elsa. O mar por tradição: o património e a construção das imagens do turismo. **Etnográfica**, v. 7, n. 1, p. 81-96, 2003.

SOLHA, Karina. **Tudo o que você queria saber sobre...: Turismo Esotérico ou Turismo Místico**. E-Disciplinas (USP), 2013.

ZAMARCO, Fernanda Cristine; LANZARINI, Ricardo. Turismo e paisagem cultural: um estudo de caso de São Thomé das Letras em Minas Gerais, Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 19, n. 1, p. 45-61, 2019.

ZOGBI, Leda; AULER, Augusto. A Caverna Paraíso, no Pará, é atualmente a maior da Amazônia. **Conexão Subterrânea**, n. 58, 19 dez. 2007.

APÊNDICE I - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM MORADORES DE SÃO THOMÉ DAS LETRAS

1. Nome do(a) entrevistado(a)
2. Idade
3. Natural de
4. Reside em São Thomé há quantos anos?
5. O que te trouxe para São Thomé das Letras? O que você buscava aqui que não encontrava onde morava?
6. Como era São Thomé quando você chegou?
7. O que você nota de diferente no comportamento dos turistas de hoje em relação aos do passado?
8. Quando você chegou, a cidade correspondeu à sua expectativa de um lugar "místico" e "alternativo"?
9. Na sua opinião, a cidade de hoje ainda preserva a essência mística que te atraiu?
10. O(A) senhor(a) acha que o artesanato *realmente local* perdeu espaço para produtos 'místicos' que vêm de fora (como da China, Índia ou de outros locais do Brasil)? Você acha que esses produtos místicos (OVNI's, gnomos, portais, fadas, duendes, bruxas) banalizam a espiritualidade do lugar?
11. Na sua opinião, a prefeitura fiscaliza o turismo (poluição sonora, alvarás, especulação)?
12. O(A) senhor(a) acha que São Thomé está se tornando um destino "caro" para o tipo de turista que a tornou famosa (o turista místico/alternativo)?
13. Na sua opinião, quais são os aspectos positivos e negativos do turismo em São Thomé das Letras?
14. SOMENTE PARA EMPRESÁRIOS
 - a. Como se dá a participação dos comerciantes nas tomadas de decisões referentes ao turismo?
 - b. O trabalho no turismo dá uma renda estável o ano todo, ou você depende muito dos feriados?

- c. No seu marketing (redes sociais, site, propaganda), qual imagem de São Thomé você acha que "vende" mais: A da "cidade mística" (gnomos, OVNI's, etc) ou a da "cidade de aventura e natureza" (cachoeiras, trilhas, pôr do sol)

- d. O que o sr.(a) acha que deveria ser feito para melhorar o turismo em S. Thomé das Letras? Infraestrutura (que inclui estradas, sinalização, limpeza); Organização e planejamento do turismo; Divulgação e marketing da cidade; Preservação ambiental e controle do turismo de massa; Valorização das tradições.

- e. Depois de tudo isso: para o(a) senhor(a), o que é São Thomé das Letras? Descreva o que a cidade significa para você.

APÊNDICE II - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O GESTOR PÚBLICO 2

1. Se o senhor tivesse que projetar São Thomé das Letras daqui a 20 anos, qual modelo o senhor buscaria? Uma cidade estilo Gramado (RS), focada em eventos e turismo de massa mais urbano, ou uma estilo Chapada dos Veadeiros (GO), focada em restrição ambiental, esoterismo de raiz e ecoturismo controlado? Para onde sua bússola aponta?
2. Minha pesquisa aponta uma tensão: todos os entrevistados sentem que a história real — Chico Taquara, as lendas orais — está sendo apagada por uma 'fantasia comercial' de gnomos, bruxas, duendes, etc. importados. A Prefeitura vê o misticismo apenas como marketing para atrair fluxo ou existe algum projeto real de resgate histórico para que a cidade não vire um cenário temático sem alma?
3. Um gestor público me disse que o misticismo é o 'carro-chefe' da economia. Porém, quando tudo vira produto, corre-se o risco de banalizar. A prefeitura impõe algum limite ético? Por exemplo, o poder público interviria se empresas criassem 'lendas falsas' apenas para vender ingressos, ou o mercado é livre para regular a narrativa?
4. Sendo bem pragmática: hoje, na receita do município, qual é o peso da arrecadação da mineração (CFEM) comparado à arrecadação do turismo (ISS)? Essa dependência financeira da pedra limita a capacidade da prefeitura de impor regras ambientais mais rígidas para proteger a paisagem que o turista vem ver?
5. A literatura acadêmica descreve a economia de São Thomé como 'paradoxal': a cidade vive da extração da pedra (que altera a paisagem) e do turismo (que depende da paisagem preservada). Existe algum plano concreto de transição econômica para o futuro, ou a mineração continuará tendo prevalência territorial sobre as áreas turísticas?
6. Analisei a Lei Municipal 1.506 de 2019, que estabelece normas para o turismo sustentável e controle de fluxo. Porém, na prática, em feriados como o Carnaval, a cidade ainda enfrenta colapsos de mobilidade e abastecimento. A

lei atual é insuficiente e precisa ser endurecida, ou o problema está na falta de efetivo para fiscalizar quem entra? O que falta para essa lei sair do papel?

7. Ainda sobre a Lei 1.506, o Artigo 2º cita o 'uso racional dos recursos naturais'. Mas a realidade é outra: moradores relatam falta de água e energia constante, inclusive em dias de semana sem fluxo turístico. Isso indica um colapso estrutural. Existe alguma obra de expansão da rede elétrica e de captação de água em andamento agora, ou a cidade corre o risco de travar de vez?
8. A cidade vende saúde e contato com a natureza. Porém, com o crescimento urbano rápido, aumenta o risco de contaminação dos lençóis freáticos e rios. A pergunta é: A prefeitura realiza testes periódicos de balneabilidade (qualidade da água) nas cachoeiras, como se faz em praias? Hoje, existe um laudo técnico recente que garanta ao turista que as águas estão 100% livres de coliformes fecais, ou o banho é 'por conta e risco'?
9. Com a valorização imobiliária e o boom de aluguéis por temporada (Airbnb), percebemos a gentrificação: o nativo é empurrado para a periferia. O Plano Diretor tem ferramentas para garantir que o são-tomeense continue morando no centro, ou o destino da cidade é se tornar uma 'cidade-hotel' vazia durante a semana?
10. Diante de tudo isso qual é o maior legado que o senhor quer deixar para a identidade de São Thomé das Letras?

APÊNDICE III - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM GESTOR PÚBLICO 1

1. Sob a ótica da gestão municipal, quais são atualmente as épocas de maior sobrecarga e quais períodos a secretaria considera ideais para um turismo sustentável na cidade?
2. O DETUR possui políticas para qualificar a narrativa mística de São Thomé, evitando que ela se torne um produto superficial ou desvinculado da realidade local?
3. Existe algum programa de capacitação ou regulamentação para os guias e condutores locais sobre o conteúdo das histórias contadas, visando garantir a qualidade da informação turística?
4. Quais ações práticas e integradas o DETUR adota hoje para combater os efeitos do turismo de massa, como a superlotação, a poluição sonora e a depredação do patrimônio natural/histórico?
5. Existem estudos técnicos sobre a capacidade de carga dos atrativos naturais? Além disso, há planos concretos para implementar o controle de fluxo de visitantes ou o ordenamento de veículos em áreas críticas?
6. Como é a dinâmica atual do Conselho Municipal de Turismo (COMTUR) e de que forma as decisões tomadas pelo conselho influenciam as políticas públicas da secretaria?

APÊNDICE IV - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM A EUBIOSE

1. Como a Eubiose enxerga a transformação de São Thomé em um polo de turismo místico de massa nas últimas décadas?
2. De que forma a instituição contribui para a preservação da identidade espiritual e cultural da cidade frente à comercialização do esoterismo?
3. Como a instituição avalia as narrativas místicas "populares" (como ETs e gnomos) em comparação com a filosofia e os estudos da Eubiose?
4. Existe algum projeto de abertura cultural ou informativa da Eubiose voltado especificamente para os moradores de São Thomé?
5. Como a filosofia da Eubiose pode auxiliar na formação de uma consciência mais preservacionista e respeitosa nos moradores e visitantes, para além do aspecto comercial do turismo?
6. Como a Eubiose percebe a integração do morador nativo com a instituição? A relação é de integração ou a ordem permanece mais restrita aos seus membros?

APÊNDICE V - ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM PESQUISADORA

1. Na sua dissertação, você fala que São Thomé vive em múltiplos tempos (da pedra, do misticismo, da natureza). Você acha que hoje o **"tempo do turismo de massa"** engoliu os outros, ou a cidade ainda é aquela encruzilhada que você descreveu?
2. Você estudou a construção dos saberes locais. Como você vê o fato de figuras autênticas, como o **Chico Taquara**, perderem espaço para "garraduendes" e produtos que vem de fora (como 25 de março) que hoje dominam o comércio?
3. Você mencionou que o saber do nativo e o do "esotérico" se trocavam e criavam a identidade da cidade. Você ainda percebe que essa troca é orgânica ou a cidade se dividiu em "bolhas" isoladas?
4. Como você vê a nossa gastronomia hoje? Ela ainda é aquela **"cozinha de resistência"** que você mapeou ou o turismo de feriado padronizou tudo para o que "vende mais"?
5. Se você fosse dar um diagnóstico hoje: São Thomé ainda é dona da própria história ou nos tornamos reféns de um marketing místico criado para quem vem de fora?

APÊNDICE VI - ENTREVISTAS TRANSCRITAS

Arquivo: B1 - **Tempo de gravação:** 34m e 45s

Entrevistada: A, 64 anos.

Data: 01/12/2025

Ana Terra Policarpo: Vão ser perguntas bem simples, eu queria que você começasse falando seu nome completo e sua idade, por favor.

Entrevistada A: A, 64 anos.

A: E você mora em São Thomé há quanto tempo?

Entrevistada A: *Há 22 anos, desde 2003, janeiro de 2003.*

A: Você é de onde?

Entrevistada A: *Eu fui criada, a família toda, em São Paulo, Osasco.*

A: E por que você quis mudar para São Thomé? Teve algum motivo específico?

Entrevistada A: *Na época, não. Eu já vivia morando em vários lugares diferentes, e quando eu conheci aqui, eu senti que eu tinha que experimentar aqui. E eu vim desde agora, desde sempre.*

A: Tem alguma coisa a ver com o misticismo da cidade, com essa aura mística da cidade, ou você não sabia que existia?

Entrevistada A: *Sim, eu sabia que existia. Não como ela é divulgada hoje, mas com a energia da cidade, do lugar, tanto que eu vim com esse propósito mesmo. Meu propósito foi esse lado mais esotérico, esse lado mais de autoconhecimento, de aprofundar tudo isso. Por isso que eu acho que eu fiquei tanto tempo, porque aqui eu consegui passar por vários processos. Sim.*

A: E quando você chegou em São Thomé, a cidade correspondeu à sua expectativa desse lugar místico e alternativo, ou não? Ou você achou que não teve muito a ver?

Entrevistada A: *Sim, é sempre o que eu falo. De vez em quando dá umas crises, mas o problema é quando a gente se envolve com as pessoas, não com o propósito, com a energia mesmo, com o que a gente está na busca. Quando a gente se envolve muito com a comunidade, com as pessoas, as pessoas são pessoas em qualquer lugar. Isso faz com que a gente se desconecte ou se decepcione, mas a cidade em si, o lugar em si, nunca me desapontou não. Só realmente relacionamento das pessoas, mas isso em qualquer lugar.*

A: E na sua opinião, a cidade ainda preserva essa aura mística ou você acha que mudou muito ao longo dos anos?

Entrevistada A: *Ela mudou demais, mudou muito, principalmente depois da pandemia. Foi banalizado esse lado mais místico, esotérico. Hoje em dia, o misticismo ficou como se fossem os "garraduendes", "os ETs" por tudo quanto é lado. Então, realmente desvirtuou o princípio do que a cidade realmente oferece. Mas eu acho que essa energia só está mais sutil. Ela está aqui, mas para quem quer acessar.*

A: Sim, entendi. E você tinha falado dessa coisa da relação com as pessoas da cidade. Como que é a sua relação com as pessoas da cidade? É boa, é muito boa, é neutra, é ruim, muito ruim?

Entrevistada A: *Acho que hoje eu estou mais neutra. Quando eu cheguei, eu estava muito mais envolvida em causas, em objetos. Tanto que eu acho que foi a que mais ajudei a montar associações, partido político e tal. Hoje em dia, eu convivo bem com as pessoas, mas eu fico no meu próprio espaço agora, no meu trabalho, dentro dos meus objetivos.*

A: Entendi. E na sua opinião, qual tipo de turista traz mais problemas para a cidade? Aquele que vem de excursão, bate e volta no feriado? Ou o turista que fica a semana toda? Ou os dois também?

Entrevistada A: *Eu acho muito relativo, porque como guia de turismo, eu vejo muito sobre essa situação na realidade. Então, é muito relativo. Eu vejo excursões com propósito, porque elas vêm com objetivo, vêm com outra função. E excursões que só vêm aqui para se divertir, para se acabar, para aproveitar o "Instagramável". Mas, ao mesmo tempo, eu vejo pessoas que ficam semanas e mais tempo durante a semana, que também têm esse perfil de só vim para oba-oba, não vem com um propósito maior da cidade. Então, acho que é relativo. É claro que excursões, a grande maioria, vem mais para oba-oba, mas eu acho muito relativo. Hoje em dia, infelizmente, o pessoal vem mais para isso mesmo. Vem mais só para se divertir. Não vem em uma outra busca, nem na parte mais histórica da cidade, nem nesse contexto. Vem realmente para o turismo só de depredação. E isso pode ser um carro, pode ser num ônibus que vem direto para a cidade, uma das pessoas, ou pode ser excursões também.*

A: Entendi. E o que você acha da ideia de cobrar uma taxa de turismo? Tipo, uma taxa de visitação para ajudar a cuidar das cachoeiras e da limpeza da cidade. Você concorda?

Entrevistada A: *Concordo, concordo. Isso acontece na maioria das cidades do Brasil, lá fora mais ainda. Os atrativos, todos os atrativos que são cobrados, vou tirando uma exceção de um, eles fizeram realmente um trabalho de cuidar do lugar, porque com o volume de turista que a gente recebeu depois da pandemia,*

principalmente, com certeza esses lugares estariam muito mais depredados do que estão hoje. Isso é certo, por conta da situação. A taxa da prefeitura que é cobrada das excursões, ela está relacionada à preservação com relação ao ambiente. Tipo assim, seria uma contrapartida pelo impacto que o volume grande de pessoas causa. Eu acho até que o valor poderia ser um pouquinho mais caprichado como em outros lugares. Eu só não concordo, porque tem muita cidade já começando a cobrar carros, ir por “cabeça” e tal. Eu ainda não vejo isso para São Thomé. Mas eu acho muito válido pela contrapartida que se tem.

A: Na sua opinião, a prefeitura fiscaliza o turismo (a poluição sonora, alvarás, especulação imobiliária) e a mineração (o impacto ambiental e a poeira) com o mesmo rigor?

Entrevistada A: *Não, não. Eu acho que, aliás, assim, não com o mesmo rigor. Se for do jeito que está sendo, eu acho que está no mesmo rigor. Tipo, não há rigor. Existe uma convivência, existe uma vista grossa das situações. Existem leis agora, fez dois anos agora do concurso público, então existem fiscais para isso, mas isso não é fiscalizado. Eu posso ver, que dentro da minha área, que eu vejo com relação ao turismo, não há uma fiscalização efetiva mesmo. Da mineração também acho que não há. Mas também não acho que nem municipal, é mais a nível estadual talvez. Acho que a mineração em si não é o município que, falando em relação ao meio ambiente, né.*

A: Falando com relação ao meio ambiente. É sobre isso mesmo, sobre o impacto ambiental que a mineração em São Thomé causa na cidade.

Entrevistada A: *Hoje, até porque diminuiu muito a extração de pedras como era antigamente. Então, hoje, com certeza, o turismo impacta muito mais, de forma muito mais acelerada do que a mineradora ao longo desses anos. Como as mineradoras não têm mais o impacto econômico que tinha antigamente, a grande maioria delas já faliram. Acho que tem duas ou três no máximo, que nem são daqui, que ainda se mantém. Mas realmente o forte é o turismo, não tem como. Mas eu acho que o turismo está impactando muito mais também do que a pedreira, com relação à destruição, à descaracterização, tudo isso.*

A: Entendi. E você acha que São Thomé está se tornando um destino caro para o tipo de turista que a tornou famosa? O turista místico, alternativo, você acha que a cidade começou a ficar mais cara para ele?

Entrevistada A: *Não, não acho. A cidade sempre foi um turismo barato que acabou traindo essas pessoas mesmo, que vêm com essas apologias e tudo mais. Mas eu não acredito. Eu acredito que as pessoas que vêm com um propósito, eu ouço muito eles falarem que ainda é uma cidade barata para vir, para conhecer. Um bom turismo ainda é uma cidade barata.*

A: Entendi. E você é empresária ou é só guia turística?

Entrevistada A: *Tenho uma agência de turismo também. É virtual, mas é agência de turismo e sou guia de turismo também.*

A: Tá. E você como empresária, como que se dá essa participação dos comerciantes nas tomadas, nas decisões referentes ao turismo? Tem alguma participação, não tem?

Entrevistada A: *Não, não tem. Teria que ser pelo Conselho de Turismo, mas é uma das coisas que a gente conversa bastante com os meus... Com o pessoal de guias também, com meus colegas de trabalho. No COMTUR representando o turismo, tem duas pessoas, o restante não tem nada a ver com turismo. Então não existe uma representatividade mesmo no turismo. E nem é ouvido. Nem hospedagem, nem restaurantes, alimentação, ninguém é ouvido. Acho que os guias, que na verdade aqui é condutor de turismo, eles são mais briguentos, então dá uma pressão maior no Departamento de Turismo. Mas realmente o trade envolvido no turismo não é ouvido aqui em São Thomé.*

A: Entendi. E você é guia, né? O trabalho no turismo dá uma renda estável o ano todo? Ou você depende muito de feriados?

Entrevistada A: *Feriados em si não. Não... Mas ela é... Ela é muito... Tem meses que, por si só, já abaixa o fluxo, outros meses inesperadamente lota, que não seja por feriados nem nada. Então ela não é uma constante. Todo mundo sentiu, por exemplo, nas férias de julho, que todo mundo pensou numa estabilidade, todos os guias sentiram do bolso uma queda drástica na cidade. Depois voltou ao normal, é um pico. Então é inconstante, não existe essa linha constante de... E não está muito relacionado com o feriado, porque feriado, quando é muito longo, por exemplo, que o banco vai funcionar na sexta, feriado começa quinta, então geralmente quebra, porque aí vem muito menos pessoas, porque o comércio trabalha normalmente. Então ela... É muito relativo isso também.*

A: Entendi. E no seu marketing, assim, você falou que você tem uma agência de turismo online, o seu marketing (redes sociais, site, propaganda) qual imagem de São Thomé você acha que vende mais? A da cidade mística, gnomos, ovnis, essa que a gente estava falando de garraduendes, fadas, pra tudo quanto é lado, a da cidade de aventura e natureza, cachoeiras, trilhas, pôr do sol, as duas em conjunto, ou alguma outra opção que você acha?

Entrevistada A: *Assim, até pelo público que a gente busca, é os dois, a parte mais mística, esotérica, e realmente o lado do ecoturismo, a gente trabalha os dois, a procura é de ambas, porque geralmente as pessoas que gostam de natureza, de certa forma elas têm um link nisso, de algo mais interior, de autoconhecimento e tal, e acaba rolando uma linha.*

A: E você acha que a cidade mudou muito desde que você chegou aqui, no sentido do turismo, como que o turismo era quando você chegou e como que ele é agora?

Entrevistada A: *Era muito mais tranquilo, tinha um volume considerável, mas ele fluía naturalmente. As excursões eu acho que era mais complicado, tinha um vandalismo maior, porque não havia regras, não havia nada disso. Hoje em dia tem essa taxa, tem a lei municipal que obriga que as excursões tenham com o condutor dentro da cidade, para poder dar oportunidade de emprego para a cidade, nesse ponto melhorou. Mas ao mesmo tempo, principalmente depois da pandemia, esse “boom” que deu de sucesso, de fama de São Thomé, realmente o turismo se perdeu. Foi crescendo de uma forma aleatória muito rápida, descaracterizando toda a cidade, descaracterizando o princípio, a parte cultural cada vez mais perdida mesmo, as histórias, as pessoas mais antigas da cidade cada vez tendo menos oportunidades de mostrar todo o seu valor, toda a sua história. Isso foi perdendo. Infelizmente, é uma coisa que estou buscando muito ver se consigo resgatar, valorizar, porque é uma coisa que está sendo esquecida. E essas pessoas estão indo embora, e daqui a pouco tudo isso realmente vai ficar perdido. É bem triste essa parte.*

A: Infelizmente. É triste.

Entrevistada A: *É, essa parte é a mais triste.*

A: O que você acha que poderia ser feito para melhorar o turismo de São Thomé? Infraestrutura, estradas, sinalização, limpeza, a organização e planejamento do turismo, divulgação e marketing da cidade, a preservação ambiental e o controle do turismo de massa, valorização das tradições e do turismo místico, todas, nenhuma ou alguma outra?

Entrevistada A: *Tirando a divulgação, eu acho que todas, principalmente a infraestrutura e a valorização do turismo cultural. Infelizmente, essa gestão está muito focada exatamente na divulgação e marketing da cidade. Está trazendo pessoas, mas não tem, tipo assim... Você está convidando as pessoas para vir conhecer a sua casa, mas sua casa está desabando. Infelizmente, é isso que a gente está vendo. E as pessoas que estão vindo por conta dessa divulgação, das feiras e tal, chegam aqui muito decepcionadas. Precisamente porque não tem infraestrutura, não tem uma condição mínima realmente de receber um bom turista. Essa parte realmente deficiência muito. Mas é do poder público e ele realmente está pecando muito nessa parte.*

A: Entendi. E você é guia de turismo desde que você chegou? Quantos anos você é?

Entrevistada A: *Eu acho que foi em... Deixa eu ver. Eu cheguei em 2003. Acho que em 2006, eu e uma amiga fomos as primeiras condutoras mulheres de São Thomé, credenciadas. E aí depois... Depois... Acho que em 2000 e poucos. Poucos anos depois, eu parei. Eu não quis mais trabalhar por ter sofrido assédio e tal. Naquela época era bem mais complicado. Aí eu fiquei bons anos. Aí uns três anos atrás é que eu voltei como condutora de novo. Voltei como condutora e agora em agosto eu*

consegui... Eu fiz o curso de técnico de guia de turismo e agora eu sou realmente guia, com cadastur e tudo. Então, agora... Tanto que agora eu estou tendo uma visão mais ampla. Por isso que eu estou investindo mais com agência e tal, levando a coisa mais a sério, tentando trazer essa valorização de São Thomé. Exatamente por isso. O foco da agência é tanto que é esse diferencial mesmo. É a valorização da parte mais mística e que está ligada com a parte da natureza também. Esse restante de turista que a gente fala aí não me interessa, na verdade, também. Eu já não estou focada em trabalhar com eles.

A: Entendi. E dentro disso, como você foi guia em 2006, que você falou, você acha que o estilo do turista dessa época para agora mudou muito ou continua a mesma essência ali? Claro que o mundo mudou nesses anos, mas você acha que o estilo do turista mudou?

Entrevistada A: *Acho que nesse sentido não, porque naquela época eles já viam mesmo achando que aqui era tudo liberado, já existia esse estigma de São Thomé. E acho que, apesar de ter passado gerações, essas gerações novas vêm com a mesma mentalidade, que aqui tudo pode, tanto que as músicas do Ventania são as mesmas daquela época, ele não evoluiu. Então, eu acho que essa mentalidade do turismo ainda continua a mesma. Acho que é até por isso que eles não conseguem avançar nisso. E a cidade realmente força esse tipo de turismo. Não existe um trabalho realmente para modificar isso. Por mais que eles não gostem, que eles fiquem falando e tal, mas quando a gente tiver aí garraduende, E.T. para tudo quanto é lado e tudo mais, vai continuar com essa apologia mesmo. Vai ser difícil. É muito estigmatizado para tirar isso. Agora é muito difícil.*

A: E você meio que já respondeu isso, mas só para ter uma resposta mais concreta, você acha que existe um excesso de misticismo no comércio? Por exemplo, todo lugar tem gnoma, portal, duende. Você acha que isso ajuda a fortalecer a marca da cidade ou já está banalizando a imagem?

Entrevistada A: *Totalmente banalizado. Ontem mesmo teve a apresentação de um documentário muito legal de um projeto audiovisual aqui do pessoal de Minas mesmo. Eles fizeram um trabalho de dois anos buscando, resgatando a história do Chico Taquara. E ontem teve a... Foi muito legal. Logo, logo vai estar disponível no Minas Play, porque eles ganharam pelo Aldir Blanc. E estava se falando exatamente essa situação. Porque o Chico Taquara também estava sendo banalizado. Chegou até ao ponto de uma figura mítica bem interessante, bem, ser banalizada. E aí teve um dos entrevistados que falou exatamente isso. Acho que foi o Atahualpa, que a gente acabou trazendo uma cultura que não é nossa. Os gnomos, os leprechauns, eles são europeus, da Irlanda e coisa e tal. E isso é extremamente banalizado. Ninguém vê uma lembrancinha do Chico Taquara. Ninguém sabe do Chico Taquara. O Chico Taquara é nosso. É uma lenda viva. Ela é mais documentada e tudo mais. Então ela está muito banalizada. Depois que... Acho que depois do garraduende, então a coisa meio que desembestou. Porque eu acho até engraçado que as*

peças vêm acreditando mesmo que tem que dar comida para o duende da garrafa e que tem que não sei o quê. Criaram várias místicas. Então assim, desvirtuaram completamente exatamente o que é São Thomé. São Thomé não é nada disso. E é o que está aí.

A: E na sua opinião, quais são os aspectos positivos e negativos do turismo em São Thomé?

Entrevistada A: *Os negativos acho que é tudo isso que a gente está falando. Essa banalização, essa desvirtualização de tudo. O lado positivo é dela estar sendo mais conhecida e reconhecida a nível até mundial, apesar de ela sempre ter esse destaque. São Thomé nunca precisou realmente, que nem estão fazendo hoje, investindo em marketing e tal, porque São Thomé sempre se vendeu sozinha. Foi uma coisa muito orgânica tudo isso. A busca dessa preservação dos proprietários dos atrativos, por mais que esteja impactando, mas de certa forma estão buscando preservar, de certa forma eles têm que cuidar para poder vender lá o produto deles. Que é uma coisa que nunca aconteceu antes. Mais de 250 anos, desde o ano passado, a primeira vez que a nossa igreja matriz está sendo restaurada de fato. Isso foi um ponto extremamente positivo dessa valorização da cidade, senão ela não teria sido vista para poder ver o valor que tem lá dentro e poder realmente investir nessa restauração. Eu acho que são pontos positivos. Mas infelizmente também a gente vê esse crescimento de construções totalmente descaracterizadas, inclusive dentro do núcleo tombado. Isso é uma coisa também tá virando muito sucateado. Infelizmente está sucateando demais São Thomé.*

A: E por último, uma entrevista bem rapidinha, mas por último, o que é São Thomé para você? O que a cidade significa para você?

Entrevistada A: *Olha, eu acho que assim, é uma liberdade. (latidos de cachorros) Desculpa, é o meu menino. São meus meninos, agora foram os quatro. Um vai e todo mundo vai atrás. Porque aqui eu posso ser eu mesma, ao mesmo tempo. Então eu tenho essa liberdade de ser eu mesma e ao mesmo tempo eu tenho toda uma estrutura de passar tudo o que eu já passei nesses mais de 20 anos aqui em São Thomé, que se eu tivesse passado em outro lugar eu não teria tido estrutura física e emocional de passar. Então aqui eu sempre tive suporte de apareceram pessoas especiais, apareceram situações que me deram esse suporte. Então aqui para mim é um lugar muito especial. Eu fui criada em São Paulo, mas eu nasci nos Açores, que pertencem a Portugal. Então são ilhas que ficam bem no meio do Oceano Atlântico. Então eu digo que eu nasci numa ilha cercada de água por todos os lados. E aqui eu vivo numa ilha cercada de vale por todos os lados. Então eu me encontrei aqui, eu me encontro aqui. E ainda assim, meu propósito ainda está no meu trabalho de autoconhecimento, tudo aquilo que eu vi quando eu vim aqui e busquei. E ainda continuo assim, às vezes eu surto, aí eu tenho que lembrar de novo porque que eu vim, aí eu faço o trabalho, escolho. Mas do aprendizado, né? Então eu ainda me encontro muito aqui. Não tô presa aqui, pode ser que um dia realmente surja uma*

oportunidade, eu tô aberta a tudo, mas também não tô... Eu tô bem, tô vivendo bem aqui, dentro dos meus propósitos. Eu posso brincar que eu já fiz mil coisas que eu sei que se eu fosse em outro lugar eu não teria oportunidade de experimentar vários trabalhos, vários posicionamentos que eu já tive e tal. Então São Thomé me ofereceu viver várias (nome censurado) nesses anos que eu tô aqui.

A: Que legal. E você quer complementar alguma coisa? Quer falar mais alguma coisa sobre São Thomé? Você acha que faltou alguma pergunta que você acha essencial?

Entrevistada A: *Não, acho que não. Dentro do que eu falei pra você, daquilo que eu tô buscando trazer, que é uma coisa que eu ainda tenho que conversar com o secretário, mas o secretário... Eu até que investia mais nele, agora eu tô meio que desistindo, porque não adianta, porque a cabeça faz com mais, né? É do valor que não é colocado da parte como cidade histórica que São Thomé é, na verdade. Ela é uma cidade histórica. Ouro Preto, que nem onde você tá, ela é do Brasil Colônia, mas aqui é do Brasil Império, e ela teve uma relevância enorme naquela época do Brasil Império aqui. Mesmo sendo uma cidadezinha, pequenininha, do nada, no alto da montanha, difícil acesso. Então, essa parte do resgate dessa história, do valor de São Thomé das Letras, dentro da história do Brasil, é algo que eu sinto também de estar sendo perdida, né? Apesar que tem um professor que tá fazendo um trabalho bem legal do Levante de Carrancas (Revolta de Carrancas), não sei se você... É Maurício, não sei o quê. Ele tá fazendo um documentário também, ele fez um livro agora, e ele também fez um levantamento, por acaso, na faculdade de São João Del Rey. Eles estavam mexendo os papéis, eles pegaram esse levante, aí eles começaram a mexer nos papéis ali, e aí eles começaram a ver a importância de tudo aquilo que resultou até na abolição da escravidão. Então, assim... Então, essa região, ela é muito importante mesmo. Mas se você quiser, até procuro o nome dele. Ele fez uma palestra em Cruzília semana passada, apresentando essa história do livro dele. E a gente tá tentando ver se consegue... Se a prefeitura consegue trazer ele pra cá, pra poder passar isso pra gente. Porque tem muito a ver com a história, que tá ligada com a Igreja do Rosário. Por que a Igreja do Rosário foi parada e não continuada? Porque foi exatamente nessa época, né? Então, essa parte histórica de São Thomé é outra coisa que eu sinto bastante de não ter essa visão da grande maioria, não saber dessa importância de São Thomé dentro do Brasil Império. É isso. Parabéns pelo seu trabalho, viu? Tomara que também tenha uma relevância pra que seja fortalecida a importância de São Thomé.*

A: Tomara. Eu tô fazendo o TCC exatamente pra isso. Então, obrigada pela entrevista.

Entrevistada A: *Eu espero que realmente você faça uma diferença aqui para São Thomé. A gente está precisando muito.*

A: Tomara, tomara mesmo.

Entrevistada A: *Eu que agradeço muito. Obrigada, muito legal.*

A: Até mais. Tchau.

Entrevistada A: *Tchau, até mais.*

Arquivo: B2 - **Tempo de gravação:** 1h 19m e 13s

Entrevistada: B, 59 anos

Data: 17/12/2025

Ana Terra Policarpo: Boa tarde. Então, B, eu queria que você começasse a falar o seu nome completo e sua idade, por favor.

Entrevistado B: *Meu nome é B, idade 59.*

A: E você é de São Thomé ou você é de outra cidade?

Entrevistado B: *Eu nasci no interior de São Paulo, cidade de Mogi Guaçu, região de Campinas, é o referencial.*

A: E você foi para São Thomé faz quanto tempo? Qual foi o ano?

Entrevistado B: *Bom, conta uma historinha. Eu conheci São Thomé na virada de 89 para 90. Eu vim como turista, conhecer. Daí de 90 até 2003, eu trazia excursões para cá, vinha passear, gostava daqui. E depois, em 2003, me mudei para cá. Então, há 35 anos que eu conheço e há 22 anos que eu moro aqui.*

A: Que legal, muito tempo. E você foi como turista, mas o que te trouxe para São Thomé? O que te levou a São Thomé?

Entrevistado B: *Olha, essa pergunta que me faz, de outras coisas eu até respondo. Eu não tenho um motivo, se eu estou indo para São Thomé. Conhecia, gostava, vinha para cá, mas não tinha intenção de mudar para cá. Só vinha, curtia o final de semana, trazia excursões, amigos, mas não tinha a força de mudar. Daí, em 2003, na cidade onde eu morava lá, eu falo que a situação fechou. Para a pessoa entender, família muito grande, conhecia muita gente, trabalhava. Mas daí fechou, a cidade fechou, a praça ficou pequena, eu fiquei angustiado, não estava bem. Eu falo... não quero mais ficar aqui, mas... Era algo interno, mas eu não sabia o motivo. Na época, eu estava casado... com a (nome censurado). Eu estava casado com a (nome censurado). Ela tinha vindo conhecer em 2001. Gostou... ah, mudar... vamos para São Thomé? Falei... não, eu gosto de São Thomé para visitar, para morar, não. Porque eu não sabia das restrições. Eu trabalhava, daí falava... vamos. Então,*

decidimos vir, já há 22 anos. Agora, qual o motivo? Eu planejei vir para cá? Não. Eu programei vir para cá nos 13 anos que eu vinha? Não. Até uma situação... em 1994, uma pessoa na praça do Rosário ofereceu uma casa para mim comprar. Eu tinha o valor da casa em que eu trabalhava, eu tinha salário, 13ª e férias, que era o final do ano. Eu tinha o valor em dinheiro para comprar uma casa no Rosário, você conhece ali. Ah, não, não quero morar aqui, não vou comprar isso, não. Perdeu, perdeu, perdeu. Por que eu vim morar aqui? Não foi programado. Só aconteceu, né? Eu vejo isso acontecendo com muita gente. A cidade meio que tem uma... Ela atrai.

A: E quando você chegou, a primeira vez que você conheceu São Thomé, você sentiu essa energia mística da cidade?

Entrevistado B: *Quando eu falo místico aqui, eu trabalho, guio essa vertente do turismo místico-esotérico aqui. As pessoas não sabendo a história, acho que eu... Eu não me adaptei a essa situação, não. Por situações que ocorreram comigo desde os 5 anos, umas coisas fora do comum, eu fui buscar um místico-esotérico, estudar para saber o que tinha acontecido comigo. Era uma coisa, mas aconteceu, as pessoas... Aí, pelo que tinha acontecido, eu falei tem que saber o que é. Não tinha referencial. Daí eu fui estudar um místico-esotérico, livros, conhecimentos antigos. Depois até fiz parte de uma sociedade de esotéricos para tentar entender isso. Então, essa busca já era antes de mudar para cá. Quando eu conheci em 89, só que a situação foi bem estranha. Eu vim aqui e estava chovendo mais do que está chovendo nesses dias agora. Fiquei 3 dias e meio aqui e choveu dia e noite. Dia e noite. E frio. Então, eu não saí para lugar nenhum. Fui em cachoeira, só ficava na cidade, pousada, cachoeira, pousada e cidade. Mas eu senti uma vibração diferente. Eu falava... tem algo diferente. Mas agora entra uma situação. Eu passei uma situação tão difícil que eu vim com um conhecido. O cara só reclamava... chovendo... frio. Pesado. E eu não vim preparado para chuva, para frio. Passei umas situações não boas. Eu falava... tem algo a mais. Eu não vou voltar nunca mais aqui. Eu falei isso comigo. Nunca mais eu volto. Passados 40 dias, eu estou dentro do Morumbi, num show de rock que até lá estava no palco. E quando eu cheguei aqui, eu comprei uma camiseta de São Thomé. Só para ter referência: eu ficava pela cidade. Aqui tinha um pessoal que alugou uma casa, eles eram de São Paulo e tocavam o dia inteiro, era uma banda. Pessoal de músicos. Então a gente ficava na varanda da casa ouvindo eles ensaiando. A maioria não entrava na casa porque era particular. Ficava ali na rua, na varanda. Ouvindo, ouvindo. Era o que tinha para fazer. Bom, daí eu estou lá no Morumbi com a camiseta de São Thomé que eu tinha comprado na camiseta. A pessoa passa... São Thomé? Ah, esteve lá? Ah, fui lá no final do ano. Passei no final do ano lá. Mas também estava lá. Foi legal, mano. Muita chuva, né? Daí a pessoa perguntou se eu gostou. Eu falei que gostei, mas passei um ralo, uma situação. Nunca mais eu volto. Ele deu risada. Ele falou que São Thomé é assim mesmo. Ela bate, mas você vai ver depois. Agora, por que eu falei da banda? O cara que falou isso era o baterista da banda que ficava ouvindo na casa. Ele falou que eu estava lá na casa, que tocava de noite. Era o baterista da*

banda. Dentro do Morumbi. Depois que fechou, 90 mil pessoas, teve o show. Eu fiquei com aquilo, né? No carnaval fiz uma excursão para cá. Reuni todos os malucos. Hoje São Thomé é outro turismo. Só podia vir maluco. Mas maluco é alternativo. Não tinha pousada, não tinha restaurante, não tinha carro para levar para lugar nenhum, não tinha ônibus. Era tudo a pé. Então eu avisei os amigos da cidade, lá que gostavam do rock and roll, que saiam à noite. Falei, vamos fazer uma excursão para São Thomé. Só os amigos. Fiz a primeira vez. Daí gostava, deu repercussão, porque eu não fazia para ganhar lucro. Só para trazer os amigos. Todo mês eu trazia uma excursão. Aí comecei a fazer o guiamento, virei guia nessa época das minhas excursões. Aí foi assim, correndo. Durante 13 anos eu vim com isso. Ou trazendo excursões, ou então eu reunia o pessoal, vinha de carro, dava um jeito de vir. Mas era uma cidade bem diferente do que é hoje. Era um alternativo. E depois, em 2013, como eu te falei, eu mudei.

A: Entendi. E como você falou, o turismo mudou muito, o tipo de turista. E eu estou vendo isso em várias pesquisas minhas. Mas eu queria saber de você, o que você acha que mudou nisso? Como você vê esse turismo, esse turista de antes e esse turista de agora? Como você faz essa relação?

Entrevistado B: *No turismo, têm sociologia. Então vamos falar um pouco de sociologia. Quando eu conheci aqui há 35 anos, o mundo era diferente. Até as preocupações não eram as que tem hoje. Os meios de comunicação eram totalmente restritos. E a cidade, quando eu a conheci, não tinha estrutura. Então quem vinha para cá, sociologicamente, era quem queria sair ao alternativo mesmo. Já estava tranquilo, já estava em um lugar que ele poderia desligar do mundo, como se dizia. Vir para cá e desligar do mundo. Não tinha celular, não tinha telefone. Então a pessoa ficava desligada do mundo. E o que a cidade oferecia? Ela não oferecia, porque não tinha. Não tinha pousada, não tinha restaurante, não tinha ônibus para ir para a cachoeira. Tinha que alugar um caminhão. E ir de caminhão, se chovesse, frio, era no caminhão. Então aquele diferencial atraía as pessoas. Eram mais jovens. Atraía as pessoas pelo rústico. A natureza é muito bonita ainda. E à noite não tinha nada. Você conhece o Bar do 2, lanchonete, praça, não tinha nada. Era ir no campo selvagem, roda de violão, fogueira. Então a convivência humana. Por isso que eu falei de sociologia. As pessoas conversavam, bater papo, conversavam, saíam. Eu lembro das rodas de fogueira, de 500 pessoas, 20 violões. O pessoal fazia a roda de todo mundo da cidade, quem estava acampado, ficava a noite inteira lá, passava a madrugada, até amanhecer o dia. Isso era legal. Então sociologicamente, aquilo era legal, porque as pessoas vinham, era um diferencial. Até quem acampava, quem gostava disso aqui, era diferente. Aí foi agregando. Por que mudou? A cidade não tinha estrutura nenhuma. O comércio começou a ver o turismo. Falava, vou montar uma pousada, montar um restaurante, uma pousadinha, arrumar alguma coisa. Daí começou o ônibus de linha, o ônibus Pororoca foi o primeiro ônibus aqui, em 94, a levar o pessoal. Daí foi estruturando. Os primeiros, os pioneiros, começaram a ganhar mais dinheiro. Aí falou, ah, se eu for trabalhar com turismo, eu vou ganhar*

dinheiro. A população e quem estava. Até então os turistas não eram... Era o pessoal, os de fora, que vinha aí no final de semana. Mas não estava estruturado para recebê-los. Aí o dinheiro foi estruturando, estruturando. Só que aí, o que o pessoal fala, perdeu a essência. Perdeu o foco. Por quê? Aquele pessoal que vinha atrás de um alternativo, mas ficou meio comum. Mas continua vindo atrás do mistério de São Thomé. Só que aí entra uma coisa, até ontem, depois eu vou falar com você da reunião que teve. O dinheiro. Ah, dá dinheiro? Então eu vou empresariar isso, vou mexer nisso. Só que aí, esse pessoal está trazendo um outro público, que vai consumir outras situações. É São Thomé, é a mística, é a aura, é o rótulo São Thomé. Mas, como você sabe, tudo pago. Cachoeira paga, tudo. E ontem teve uma reunião que a ladeira do Amendoim vai começar a cobrar também. Eu fui ontem na ladeira. O dono vai empresariar lá, vai virar comércio. Entrada R\$10,00 por pessoa. Então isso modificou, mas é sociologia, é dinheiro, é necessário, só que... Aí as pessoas entram naquilo, a palavra, mas não sei se... A ganância de, ah, posso ganhar muito dinheiro rápido, não mantém a essência. Outra coisa, aprovaram lei aqui para sair quatro andares na cidade. Tem três andares. Agora liberaram para quatro. Tira o visual. Então a descaracterização do local modifica o público que vem. Então, não é só o turismo, mas o pessoal que vinha nos anos 90, está lá com 50 anos. Ele poderia trazer o filho dele, ou avisar o filho dele, mas o mundo é diferente. A comunicação, o mundo, as preocupações. Então aquele foco das pessoas que vinham e falavam de São Thomé, da magia, não tem mais, porque hoje é mais o comercial. Ah, vem, recebe a pousada, é um restaurante bom, uma lanchonete, paga. Até onde, ah, o público mudou, né? A pessoa fala, ah, o público de São Thomé mudou do que era antes. Sim, mas também é um perigo, que hoje eu estava no grupo de condutores, eu já falava isso há um tempo, hoje o pessoal viu. Essas ações acabam com a cidade. Eu falava isso, hoje é citado. São Thomé vai virar Cambuquira. Cambuquira, vizinha nossa aqui, dos anos 60, 70 até o começo dos anos 80, era o potencial de turismo. Águas termais, medicinais, e o pessoal investiu muito em pousadas, hotéis, lá é hotel. Chegava muito à elite de São Paulo e Rio de Janeiro. Só que depois, a má administração, não cuidaram das nascentes, parou, acabou a água. Uma cidade termal que o nome da cidade acabou com a água. Então mais ninguém ia lá só pra ficar num hotel bonito. Não, porque o atrativo principal que era a água acabou. Então passa em Cambuquira, uma cidade fantasma. Passa na praça, tem hotéis gigantes na praça, sendo vendidos por valores absurdamente baratos. Porque ninguém vai comprar aquilo. Então Cambuquira é o exemplo. São Thomé tem todos os diferenciais de turismo. A natureza, aqui a pedreira é a ação dela. A água tá pouca, a cachoeira. A cidade é pequena, então aumentou muito o número de ofertas de leitos. Agora, saindo prédio quatro andares para pousada, já tem 20 mil leitos na cidade oferecidos. 20 mil. É 3 vezes a população. É a cidade que mais oferece leitos em Minas. Nossa. Acho que é mais que Ouro Preto.

A: Não sabia essa informação.

Entrevistado B: *Dá uma pesquisada, depois você vai ver. Então agora vai aumentar mais, mais oferta. Se tem demanda, a cidade não comporta, porque não tem água pra abastecer. Nós não temos rede de esgoto. São Thomé não tem rede de esgoto. É uma calamidade. Só que aí mais gente, mais gente. Agora aumentou a pousada. Aí eu quero gente na minha pousada. Se a cidade comporta ou não, não me interessa, o que eu preciso é ganhar o meu. É essa mentalidade que tá fazendo acabar com a própria cidade. As cachoeiras estão sendo cobradas. Mas não cuida das nascentes. Não cuida do patrimônio cultural. As pousadas, o arquitetônico totalmente descaracterizado. Vão construir mais altas, vão tirar o pôr do sol das pessoas. Então, gradativamente, o que era o atrativo, sociologicamente, por economia, por ganhar dinheiro, destrói. E tá num ritmo muito acelerado, muito acelerado. Precisa entender. A questão da água é uma infraestrutura básica. Essa semana, devido às chuvas, que estão muito intensas, a cidade tá parecendo vagalume. Não sei se você falou com os seus irmãos aqui, esses dias tá caindo energia direto de noite. Porque não tá sustentando. Água, hoje é segunda-feira, tinha três caminhões-pipa abastecendo a cidade. De Três Corações que vêm, porque a bomba que foi instalada aqui queimou. Isso segunda-feira, não tinha público. Não tinha movimento. Até o Natal, esse final de semana é tranquilo, a semana do Natal é tranquila, porque é quarta-feira, mas depois que chega o réveillon, se já tá essa situação tranquila, por 15 mil pessoas aqui vai cair energia elétrica, vai faltar água, e o esgoto é uma calamidade. Só que aí entra aquela coisa, ah, ganhei dinheiro, ganhei dinheiro, ganhei dinheiro. Todo mundo fala, ah, ganhei dinheiro, lotou. Mas até quando você vai continuar ganhando esse dinheiro dessa maneira? Pior que o público, que hoje é outro, nós temos a comunicação fácil aqui, se começar a rejeitar São Thomé como um atrativo, isso é propagado muito rápido. Perdeu-se o público, não volta. Depois pra recuperar o público é difícil. O público específico de São Thomé.*

A: *Mas entrando nessa ideia que você falou de cobrar cachoeiras, cobrar atrativos, você realmente acha que não é uma boa ideia? Porque poderia ser usado esse dinheiro para a preservação também, né?*

Entrevistado B: *Não, eu falo que é, é bom dizer, dos dois lados. Quando não cobrava, que eu tava guiando, qualquer cachoeira, qualquer atrativo, eu era o último a sair. Por questão de pessoas, não ficar atrasado, e eu sempre com duas sacolinhas de mercado no bolso. Eu pegava a sacolinha de qualquer atrativo, de qualquer cachoeira, de onde eu saía até chegar no ônibus, enchia duas sacolinhas de lixo. Seja eubiose, seja borboleta, que tá cobrando. Era lixo, não tinha estrutura, o pessoal não respeitava, som. A cobrança era necessária pra manter o atrativo, só que aí entra uma questão, mas é pessoal... valores. Os valores que estão sendo cobrados aqui em relação a outros locais... Canastra. O complexo da Canastra, eu esqueci o nome. São cinco cachoeiras, 20 reais. Aqui tá uma cachoeira 40, sobradinho tá 70. Tá tendo público, tá tendo público. Só que não tá fidelizando. O público vem, ah, vamos lá de novo em São Thomé. Não. Como não fideliza, a*

peessoa vem duas, três vezes ao ano, é sempre preciso de um público novo pra manter os valores e os custos. E aí entra uma questão. Um casal com três filhos. Cinco pessoas. Só pra passar a gruta, ele dá 350. Se for almoçar lá, mais 350. Então, o atrativo, ele ficou muito caro pra quem tá pagando. Se for sozinho, tudo bem. Mas se for uma família, já tá caro. Aí muda o público também que tá vindo. O público que fideliza, que é família? Não. Vai vir um outro, daí cada um paga pro seu individual? Ah, não. Ah, nós vamos pra outros lugares. Vamos pra outros lugares que não fidelizou o que São Thomé fidelizava de atrair nos anos... 90, até 2000 e pouco, todo mundo queria voltar pra São Thomé. Então, isso é uma questão que eu vejo que até antes da pandemia, chegava nas trips, vamos dizer, 40 pessoas. 15 tinha vindo seis meses antes. Gostava e voltava. Agora, as tripfazers não estão conseguindo encher um ônibus de 40. É 30, 35. Ah, não tô conseguindo vender em São Thomé. Os donos da trip não estão conseguindo vender em São Thomé. Então, você começa a estudar. O consumidor. Quem vende pro consumidor e nós aqui com uma oferta do produto, tá tendo uma defasagem muito grande. Por enquanto, as pessoas não estão notando que tá dando dinheiro, tem movimento. Mas, hoje eu tava vendo no grupo, tá sobrando vaga, oferta de leito pro Réveillon. O pessoal aqui, como eu guio, pessoal, ô B, oferece pra mim aí, minha casa, oferece pousada, oferece vaga, tô com vaga. Eu saio na rua, eu vou no mercado, vou comprar um pão. Pessoal, ô B, tô com vaga pro Réveillon, tô com vaga. Mas, pera aí, tá sobrando mesmo? Porque a busca natural, que até então lotava, o consumidor já mudou. Por quê? Porque não fidelizou. Ah, o Réveillon pode ir, porque o pessoal que gosta, agora mudou. Quem veio o Réveillon passado, você tava aqui no Réveillon passado ou não?

A: Não.

Entrevistado B: *Foi um caos. Foi um caos. Faltou água, faltou energia, tudo lotado, não tinha comida. O restaurante não conseguia vender. Ó, foi um restaurante, que era a La Carte, um casal foi, ficou duas horas e meia pra ser servido. Ele entrou, sentou e pediu. Duas horas e meia depois pra ser servido. Self-service é fila. A fila não conseguia vender. Então, o caos que foi criado, quem, com certeza, quem veio ano passado, não vem esse. Porque ficou, nossa, não, São Thomé, final do ano, não é legal. Então, esse público que tá vindo agora, que tá pouco, é a primeira vez. Entendi. Aí vai, ah, vou falar, sociologia, psicologia. Pô, empresário, agora tá ganhando muito. Mas agora já tá pouco, final do ano já tá difícil. Ele não vê que essa ação aí é predatória.*

A: Eu queria saber de você, se você acha que o artesanato local, realmente, de quem é da cidade, quem faz coisas pra cidade, perdeu espaço pra produtos místicos, da China, da 25 de março.

Entrevistado B: *Descaracterizou. Para cá, descaracterizou mais, ali do lado da igreja, pessoal de casinha de pedra, de material. As lojas aqui, você viu uma, viu todas. Uma diferença, que uma tem algo diferente, valores, ou algo, mas é um*

padrão. Tudo comprado, 25 de março, que é a China. A característica, é, ufologia, místico, esotérico. Eu falo dos dois assuntos. Eu falo de ufologia, situações, eu não consumo nada disso. Eu não consumo nada que é vendido, eu falo de místico, esotérico, eu não vou numa loja comprar um produto do nada, do que tem, de ET. Aquele ETzinho, verdinho, olhão, é um padrãozão, eu falo, pessoal, respeita, porque, vocês estão comercializando algo que vocês nem sabem o que é. Mas eu, turista, compro. Ah, então eu vou vender. Aí, o artesanato local, casinha de pedra, outros artesanatos são feitos aqui, ele é rechaçado. Tem uma prateleira, duas, três casinhas de pedra, e não é valorizado também. Turista, não. E não é valorizado aqui. Os próprios comerciantes não colocam produtos locais aqui. Então o pessoal vende ali na igreja matriz, no muro, que é o que tem lá. Agora, essa pasteurização, pasteurização do produto sendo vendido comercialmente. É o mesmo. Se fazer o levantamento, deve ter cem lojas. Em 95, vende a mesma coisa. Duende, que nem o místico esotérico, que nem é muito do folclore, da mística do Brasil, mas da Europa, né, que é o leprechaun, o hominho, que é o duende lá da Irlanda, que é o propaganda, o ET, o padrãozão, o verdinho e o olhão preto. Então essa pasteurização descaracteriza. Ah, vou lá, comprei isso. Ah, mas sai na 25 de março. Aqui você paga cem reais um vestido místico, aquele indiano, 25 de março é 20\$. Só que daí a pessoa entra naquela moda, ela compra, põe o vestido aqui, fica andando pra rua, saindo um good vibes. Mas a cidade dela não usa. Depois volta pra cidade dela, vai lá e guarda, no guarda a roupa lá, até doa, sei lá, porque não usa aquilo, porque é fora do padrão um vestido hippie, místico, usado aqui, tudo bem, vamos dizer, comum, mas na cidade dela não.

A: E o que você acha que o poder público poderia ajudar nesse sentido? Como você acha que eles poderiam ajudar pra essa diversificação?

Entrevistado B: *Tá, eu vou falar de experiências, situações que eu participei, que hoje eu não tô mais, mas eu participei do COMTUR, que é o Conselho Municipal de Turismo, por 10 anos. COMTUR, CODEMA e COMPHAST. E aí, a hora que chegava no poder público, que manda, aquele que manda, barrava. Então vários projetos foram feitos, cultura, cultura local, resgate da cultura, quem tá no poder executivo não deixa, mas entra interesses políticos. O que eu vou agora falar, aquele que tá no poder executivo, ele tá mais interessado em agradar a dona de mineradora do que o comércio da cidade. Isso é óbvio. Não, vamos favorecer a mineradora, que dá muito dinheiro pra poucos, porque tem muitos, muitos, muitos comerciantes que o dinheiro é diluído. Então, os poderes executivos, o secretário tem projetos legais, passa um, passa outro, passa outro, e isso eu tô aqui há 20 anos, desde os 5 prefeitos que eu acompanho, é a mesma história. Ah, fala bonito, vai na reunião, faz, faz, olha ele assinar a lei, não. Descaracteriza, perde. Só pra você ter um exemplo, em 2012/2014, ainda nessa data, vem um projeto do estado de Minas pra fazer o cabeamento subterrâneo do centro histórico. Você passa aquela afiação, aquilo é uma mão de fio, coisa... É fio de telefone, fio de internet, fio de... É um visual... O município foi agraciado com o projeto. Tudo pago. Tudo pra ser subterrâneo. Então,*

you came to the square and I was to be a different visual. You believe that the mayor didn't sign the contract that day? He said he forgot. Dava tudo. Eu participei pelo COMPHAST, que era o patrimônio histórico. Pelo COMTUR. Pelo COMTUR, COMPHAST e o CODEMA também, que era meio ambiente. Porque rasgar uma rua, abrir, não sei o quê... Então, os três, eu tava nos três. Nossa, só ir lá assinar vai vir a verba, vai ficar bonito. A praça, a praça do Rosário e algumas ruas. A rua principal. A rua de baixo e a principal ali. A rua de baixo. Aí o prefeito perdeu e aí falaram Ah, eu esqueci de ir lá. Não que ele esqueceu. Ele jogou essa culpa porque não quis ir lá pra não deixar a cidade ter uma vertente. O turismo acontece aqui não é por ação política. Eu já falo que os políticos fingem que fazem pra não ser cobrado o que fez. Tem inúmeros projetos. Eu tô falando um desses. Quantos projetos que eu tava lá que eu acompanhei. Nossa, vai sair isso. ONGs vinham oferecer projeto cultural. Ah, legal. E depois televisão. Quando vem televisão falar de São Thomé. Ah, vamos falar do turismo, da história, da igreja, do artesanato. Eu ia lá pra mostrar casinha de pedra. Não, não mostra esse artesanato. Esse aqui é o o artesão que produz a pedra lá que faz a casinha é assim, ó. Esse artesanato você vai mostrar na 25 de março de São Paulo tem. Só que eu mostro esse. Aí o pessoal, ah, por que você não mostrou? Então já é na mentalidade essa troca. Aí perde a identidade cultural.

A: E na parte de fiscalização você acha que a prefeitura ela fiscaliza muito mais a mineração do que o turismo ou o contrário?

Entrevistado B: *Ah, pra punir, pra cobrar e para assegurar o turismo. Minerações fazem vista grossa.*

A: É, no sentido de fiscalizar tipo turismo, poluição sonora, alvará, especulação imobiliária e em contraparte da mineração, impacto ambiental, poeira.

Entrevistado B: *Não tem. Não tem. Por que? Porque quando era do CODEMA tinha reuniões a respeito da pedreira. Tudo que era pra cobrar da pedreira. Só um exemplo. Revegetação. Eles tiram a pedreira, jogam, botam fora aquele monte de pedra empilhada. Tem uma lei municipal que é pra eles gastarem 1% do lucro, 1% do lucro pra fazer a revegetação que é pegar, jogar é fácil, é jogar um tanto de terra capim pra ter umidade e uma semente de uma planta ali uma candeia se eles fizessem isso toda a serra estaria revegetada. Seria um jardim geométrico mas com mata. Só que 1% eles não querem gastar. E a prefeitura não cobra essa lei. Ou a alegação deles não, isso é reserva do futuro no futuro a gente vai destruir de novo. Então por que eu vou gastar 1% pra revegetar pra ficar bonito? E a prefeitura não cobra. Agora uma outra situação pra entender. São Thomé produz pedra São Thomé para o Brasil e para o mundo. Sete cidades em volta beneficiam a pedra. Sete cidades. São Thomé não ganha um centavo com a pedra dele. No ano se ela ganhar 10 mil reais com a mineração é muito. Deve estar 15 mil agora. Por que? A pedra é retirada daqui, não paga imposto, levam para Três Corações, lá ela é beneficiada, embalada cortada, ela é vendida como produto daí paga imposto. 25% de imposto que é caro. A arrecadação de Três Corações eu tinha visto isso há uns seis anos*

atrás 18% da arrecadação é pedra. Três Corações não produz pedra ela só pega pedra daqui beneficia e vende daí cobra imposto. Por que São Thomé não faz isso? Montar um distrito industrial todas as pedreiras beneficiam a pedra aqui tira imposto para a cidade já que o passivo que vocês deixam aqui está aqui pelo menos deixa o lucro. Não o lucro fica nas cidades vizinhas. Só que aí agora você entender por que não muda? Porque os prefeitos das cidades vizinhas fazem uma caixinha e deixam para o prefeito aqui para deixar do jeito que está. Porque a arrecadação deles é muito alta eles vão perder. Não, dá uma caixinha para o prefeito deixar do jeito que está. E por que também o turismo, agora que o turismo aconteceu mas até 1998 a mão de obra da pedreira daqui era de São Thomé a maioria mão de obra especializada em retirar pedra que nasceu já viu o pai sabe como tira depois que começou a migrar para o turismo esse pessoal eles tiveram que trazer gente da região que não é conhecedor da pedra o cara é braço mas não sabe tirar pedra então não produz tanto. Aí eles começaram a querer quebrar o turismo porque quem migrou da pedreira para o turismo voltou para a pedreira porque a mão de obra dele é especializada na pedra então são situações, vamos dizer escondidas do público, que faz com que a cidade esteja dessa maneira o poder executivo só beneficiando os donos de pedreira não deixa nada de dinheiro para cá e o turismo acontece pelos donos de pousada por empresários só que eles não são unidos nem numa associação comercial daí causa aquilo que eu falei anteriormente eles estão se tiver essa associação comercial falando estipula isso estipula aquilo cobra melhorias cobra aquilo cobra aquilo estipula a quantidade demanda a cidade pode receber quantas mil pessoas no final de semana normal 3 a 4 mil STL Valley que vai ter uma vez no ano chega a 30 mil pessoas sim então essas diferenças que estão acabando com a sociedade.

A: Entendi. E a penúltima pergunta, qual você acha que são os aspectos positivos e negativos do turismo na cidade?

Entrevistado B: Hoje?

A: É. Ou você pode fazer um apanhado também dos anos, não tem problema.

Entrevistado B: *Então, o positivo, as pessoas ainda veem São Thomé, porque o rótulo São Thomé mexe. A mística, não o místico das outras, mas a mística que tem em São Thomé. Um lugar diferente, de pedra, histórias, locais, um pôr do sol bonito, a hospitalidade, aquela coisa ainda, a comida muito boa, a gastronomia nossa é diferenciada, a vida noturna, os malucos de São Thomé. São Thomé é maluco, então o Ventania tem essa representação. Mas ele vem amalucado, vem o show, esse ponto ainda é atrativo porque é o novo para as pessoas. Então o pessoal está em São Paulo, capital, grande capital, aquela rotina comum. Mas vai para São Thomé que é diferente. Quando chega aqui é diferente mesmo. Eu falo de todas as tribos, sociologicamente, você vai para uma cidade e é dividido, esse pessoal é ali, aquele nicho aquilo ali, São Thomé não, mistura tudo. Você passa na praça e vê o artesão, vê o maluco, vê o turista comum, vê o pessoal do motoclube, vê o pessoal*

do rock in roll, vê o pessoal... Todas as tribos juntas. E a pessoa fica espantada, convive tudo, convive todo mundo. Então isso é um potencial forte que faz com que as pessoas queiram conhecer. Alguém veio, fez uma propaganda, veio. Potencial. E outros. Aí entra o diferencial, São Thomé tem cachoeira, trilha, mirante, mística, esotérica, todos os outros atrativos, ufologia, que é só aquilo. Ah, ali é só aquilo, a cidade só fala disso. São Thomé tem todas essas vertentes juntas. Isso é um potencial. Chegar em uma cachoeira, três quilômetros tem uma cachoeira. A Ladeira também é diferenciada. Trilhas, tem mais de quatrocentos quilômetros de trilhas dentro do município. História, a história mesmo, a história religiosa, a cultura, a arquitetura diferenciada. Então são esses potenciais, como eu disse lá atrás, que está sendo perdido. Aí as fraquezas. A não valorização disso. O pessoal do YouTube viaja, o que você faz? Qual o seu programa? Vem aqui, mostra. E veio dois, que é de produtora de vídeo. Um veio que fez sobre causos fantásticos e o outro que foi do Chico Taquara, específico. Aí entra o nativo que nasceu aqui, o que veio de fora, como é falado, que chega aqui para trabalhar, comércio, ou o que veio de fora e tem que aprender. Não está aqui. Mas o morador que nasceu, ele não tem reconhecimento do patrimônio que ele tem. Ele não reconhece que ele está em um lugar diferenciado no mundo. Falaram, mas por que o pessoal vem aqui? Não, porque aqui é diferente. Arquitetura, tudo, gastronomia, energia, magia, história, o que se fala. Então, esse não reconhecimento é a nossa fraqueza. Por quê? Não vai ter continuidade. Então, a grande fraqueza que eu falo aqui é o não reconhecimento e a ação de quem teria o poder para fazer esse movimento ou não querer.

A: Entendi. E o que São Thomé significa para você? Se você conseguir descrever. O que São Thomé traz para você de sentimento?

Entrevistado B: *O que ela significa? Bom, definir, eu não vou dar definição, porque seria estipular algo ou colocar. São Thomé, o que eu vejo, conheci há 35 anos, moro aqui há 20, ela me traz uma situação que a todo dia é como se fosse uma aula. Aprender algo todo dia. E às vezes até um mestrado ou um doutorado. Situações as quais, na minha vida, na minha existência, antes de mudar para cá, meus questionamentos, minhas buscas, como eu falei, fui buscar o místico esotérico para entender o que acontecia comigo, que não tinha referência, ninguém conseguia. Mas eu não sou louco. Eu quero saber o que está acontecendo comigo. Então, vou buscar na metafísica, místico esotérico, depois a ciência. O que a ciência fala. Então, eu tinha muito do conceito, do intelecto, de aprender da informação. Quando morar em São Thomé, agora você vai usar o que você sabe. É a prática. Então, São Thomé exige de nós a prática daquilo que nós sabemos. Psicologia, conviver com pessoas, sociologia, o meio que está, a convivência, as adversidades, uma cidade legal para visitar, tudo, mas tem uma diversidade para quem mora. Sabe disso. Então, a cada dia eu tenho uma lição, às vezes eu tenho um diploma de doutorado, convivência com pessoas, situações, ao qual eu posso dizer estou mais tranquilo internamente comigo do que se eu estivesse fora daqui. Daí estarei muito inquieto pelas minhas situações. Aqui eu me encontrei muito daquilo que eu buscava, dos*

meus entendimentos, das minhas inquietudes, que é onde eu morava. Pelo meu comportamento.

A: Então é isso, B. Muito, muito obrigada por essa entrevista.

Arquivo: B3 - Tempo de gravação: 38m 19s

Entrevistada: C, 60 anos

Data: 07/01/2026

Ana Terra Policarpo: Oi C, bom dia. Que bom que a gente conseguiu se encontrar hoje.

Entrevistada C: *Então, melhor fazer logo porque de repente rola alguma coisa e aí você fica na mão, sabe?*

A: C, eu queria começar dizendo que é uma honra te entrevistar, porque a sua dissertação é incrível, ela me ajuda, tá me ajudando muito na minha própria dissertação e não sei o que eu faria sem ela.

Entrevistada C: *Virou livro agora, sabia?*

A: É? não sabia.

Entrevistada C: *Agora não, já tem em 2024, eu publiquei.*

A: Ah, que legal, que legal. Nossa, interessantíssimo.

Entrevistada C: *É então, porque aí, assim, eu não divulguei, não fiz lançamento e tal. A ideia era fazer com que as pessoas do lugar tivessem mais acesso, né, ao texto e ver o que que rola. Então, a propaganda está sendo através dos próprios colaboradores da pesquisa, né?*

A: Que legal, muito interessante. Parabéns por isso, porque é uma pesquisa muito necessária para São Thomé.

Entrevistada C: *É, que bom.*

A: Eu vou começar, vai ser umas cinco perguntinhas bem sucintas, assim, mas eu queria que você dialogasse mais, dialoga muito com a sua dissertação. Eu fiz as perguntas com base na sua dissertação para a gente entender essa mudança, né? Desde quando você escreveu até agora, que são 26 anos, 25 anos.

A: Na sua dissertação, você fala que São Thomé vive em múltiplos tempos, da pedra, do misticismo, da natureza. Você acha que hoje o tempo do turismo de massa engoliu os outros, ou a cidade é daquela encruzilhada que você descreveu?

Entrevistada C: *Olha, eu acho que hoje o turismo de massa realmente está abafando, né? Tampando outras dimensões aí da cidade, né? Porque há 20 anos atrás, 20/30 anos atrás, essas outras características e dimensões da vivência aqui na serra, elas eram muito mais evidentes, né? Você veja bem, hoje em dia praticamente não se fala mais em mineração, né? Embora ela aconteça e também deprecia a paisagem da mesma maneira, se não mais. Então, isso não é assunto. A questão do patrimônio histórico, arquitetônico, do patrimônio arquitetônico do lugar também, se ele já estava sendo escondido no passado, hoje ele praticamente foi escondido, né? E tudo girando em torno realmente dessa especulação por conta de turismo, né? Nós tivemos, inclusive recentemente aqui, a aprovação de um dos pontos do plano diretor municipal que permite a construção de três andares em toda a área urbana, né? Então, isso daí também concorre para que esse patrimônio arquitetônico fique cada vez mais escondido. Hoje praticamente, isso eu ouço nos cursos que eu dou para os condutores de turismo, que muitas vezes o turista que contrata um guia para fazer o que eles chamam de city tour, passeio pela cidade, muitas vezes o turista não percebe que ele entrou no núcleo histórico, né? Não dá mais para perceber que você está caminhando ali no coração da cidade, né? Então, eu acho que outro problema sério também que o turismo de massa vem causando é a questão da água, principalmente na Rota das Cachoeiras aqui, o Eubiose, o Flávio, o Véu de Noiva, que é o que historicamente sustenta a atividade turística no município, por conta do turismo de massa e desse crescimento urbano desordenado para abrigar turistas, né? O que a gente vê? A gente vê que a Copasa, ela chupa a água da cachoeira para servir a esses novos empreendimentos aí na área de hotelaria, né? Que estão acontecendo lá na cidade. Então, você vê uma incongruência muito grande, né? Porque o turista vem para tomar banho de cachoeira, né? Banho quente, ele toma lá na casa dele, né? Então, daqui a pouco vai ter, você vem para São Thomé, vai tomar banho quentinho na pousada, mas não tem água da cachoeira para você se banhar. E realmente, eu acho que está abafada, até a questão do misticismo, que eu acho que é o seu tema, né? Talvez você estava trabalhando antes. É, esse mesmo. Aquela dimensão original de São Thomé das Letras, ela foi já, acredito, completamente abafada pelo turismo de massa. Vê se responde?*

A: Não, sim, o que você falar, não precisa necessariamente responder, não. O que você falar já agrega muito no trabalho. E você estudou a construção desses saberes locais, né? Como você vê o fato de figuras autênticas, como Chico Taquara, outras lendas da cidade, outros contos da cidade, perderem espaço para garra-duendes ou produtos que vêm de fora, tipo, da 25 de março, da China, que hoje domina esse comércio em São Thomé?

Entrevistada C: *Eu, particularmente, acho isso deplorável, né? Porque acho que a identidade do lugar está muito comprometida, né? Na verdade, é a identidade primordial da cidade, né? Que tinha, digamos, esse misticismo raiz, né? Porque o misticismo, ele está na origem de São Thomé. A própria lenda lá do João Antão, com a questão da aparição dos santos, tudo nos remete a uma visão muito mística das coisas, né? Do lugar, e até justificando a criação do lugar aqui, né? E do Chico Taquara, nem se fala. Agora, essa questão dos duendes e fadinhas, você vê que é uma coisa... Isso é puro marketing turístico, né? Isso é para atrair o público que, hoje em dia, vem para São Thomé para consumir esse tipo de coisa. Inclusive, você vê essa disputa de narrativas aí, né? A gente vê isso na própria área urbana. Aquele escadão que sobe para a parte alta da cidade, né? Ali, você vê o unicórnio, você vê duende, você vê fadinha, você vê um tanto de coisa, né? E ali, corporificada ali na área urbana mesmo, através daquelas estátuas lá, imagens e tal. Eu acho que a cidade só perde com isso. Principalmente o povo do lugar, né? Até mesmo os turistas, que deixam de vivenciar aquela experiência, a experiência original, do misticismo original, daqui deixam de conhecer essa experiência mística, né? E eu acho que isso empobrece a própria atividade turística, né? E está tirando mesmo. A identidade, quando a gente fala de cultura, a gente tem que pensar que cultura não é uma coisa parada, né? Ela está em constante elaboração e reelaboração. E hoje a gente já pode falar, assim, que duende, fada, bruxa nariguda, essa bruxa europeia, e ela já foi incorporada, inclusive, na identidade do lugar. Agora, tem também a questão da internet, né? Que ajuda bastante a divulgar, principalmente Chico Taquara, por exemplo. Basta você entrar no YouTube, tem mil vídeos ali que falam de Chico Taquara. Muitos, inclusive, desvirtuando a história que foi transmitida de boca à orelha, né? Que foi resguardada pela tradição oral do lugar, né? E isso daí nitidamente é para atrair turistas, casos fantásticos e exageros com relação a isso. A questão das bruxas mesmo, né? Você anda na cidade, tem um tanto até de estátua de bruxa, esparramada aí pela cidade. Mas que bruxa que é essa? É a bruxa importada, é a bruxa europeia, bruxa nariguda, bruxa feiticeira, né? Sendo que aqui em São Thomé, quem são as bruxas? Bruxa no sentido de fazer o trânsito do terreno com o sobrenatural, aquela que conversa com o além, aquela que reza, aquela que faz os sortilégios pedindo a cura e tal, e que manipula as plantas e as coisas da natureza em benefício das pessoas. Quem são essas que existiam em São Thomé? Quem são elas? São as tias, são as mães de família, são as avós, as parteiras, as benzedeiras, os raizeiros, né? E isso tudo também em franco processo de desaparecimento. Sendo substituído por uma cultura exógena, uma cultura estrangeira, abafando a cultura do lugar. Tudo por conta de dinheiro, grana e marketing turístico. Acho, na minha opinião, um profundo desrespeito com a cultura local. Mas é o que o turista vem ver, é isso aí que também a gente vende o que eles querem ver, né? A Mãe de Ouro, que também, historicamente presente nas narrativas do povo do lugar, as bolas de fogo, as bolas de luz, boitatá, lobisomem, essas coisas assim. Aí deram lugar para as naves, para os ETs. E hoje tem empreendimentos comerciais que vendem até bebidas que saem da piroca do ET, o*

povo adora. Turista adora levar, não todos, claro, mas... Então eu vejo um empobrecimento da experiência cada vez mais evidente.

A: Na sua dissertação, você mencionou que o saber do nativo e do esotérico se trocavam e criavam essa identidade da cidade. Você ainda percebe que essa troca é orgânica ou a cidade se dividiu em bolhas isoladas?

Entrevistada C: *Depende do que você... Depende do esotérico, do tipo de esotérico, porque hoje isso aqui é um shopping center esotérico, o esoterismo, né? Muitos, assim, bastante na aparência. A energia, não sei o quê, né? Agora, existe também, assim como o misticismo raiz, eu acho que a gente pode considerar um, digamos, entre milhões de aspás, um esoterismo raiz. Aqui, no caso, vejo isso corporificado, exemplificado pela Eubiose, que está aqui desde o final da década de 20, e que também deu origem e chamou muita gente pra cá por conta dessa temática esotérica. Acho que no início era, claro, muito mais orgânica essa relação. Agora, hoje, eu vejo que fica tudo muito na superficialidade. O pessoal ainda fala dos intraterrenos e dessas narrativas aí, mas, como eu te disse, muito por conta de marketing turístico mesmo. Acho que, assim, difícil fazer uma análise rapidinho dessa problemática aí, mas você pensa, muitos vêm pra cá realmente querendo mudar a sua vida ou vivenciar uma experiência mística, esotérica e tal. Uma palavra que a gente ouve muito hoje é cura. As pessoas vêm em busca de curar os seus males. Isso me assusta, porque você vê que a sociedade está doente mesmo, muito doente, e muitas vezes essas pessoas vêm aqui buscar essa cura e elas estão... A mente humana é poderosa, né? Às vezes até encontra essa cura, mas muito na superficialidade. Agora, esse contato com a natureza também está cada vez mais artificial. Antigamente, a gente ia pras cachoeiras, era aquela coisa bem roots, né? Bem, entrava nas cavernas, nas grutas, tudo com uma velinha, né? Então, eu acho que a gente tinha uma relação mais orgânica mesmo com esse espaço. E agora tudo está muito, como diz a gíria atual, muito "Nutella", né? Então, está muito assim, hora, tudo com hora, você entra na caverna, até isso está sendo imposto para as pessoas. Uma vivência mística dentro de uma caverna, onde a pessoa, o guia ali que está conduzindo, vai falar de renascimento, vai falar disso, vai falar daquilo. Então, você não tem mais a oportunidade de ter o seu próprio. Virou produto. A natureza virou produto, a experiência mística virou produto. Tudo virou produto turístico aqui, né? A gente não tem mais aquela relação, principalmente com a comunidade, né? Os contadores de história, aquele pessoal que resguardava mesmo aquele saber tradicional. Muitos morreram já, né? E os que ficaram tão afim de ser guia de turismo e ganhar dinheiro.*

A: Entrando nisso, num tema que você pegou muito também, são os sabores, né? Como você vê essa gastronomia hoje da cidade? Ela ainda é aquela cozinha de resistência que você mapeou, ou turismo de feriado e tal, padronizou para o que vende mais? Ou ainda tem um significado, ou hoje em dia é o que vende mais?

Entrevistada C: *Eu acho isso aí completamente perdido. Completamente perdido. Essa culinária tradicional, assim... Você não vê mais... Eu estava dando um curso de... Uma palestra, na verdade, para o Parlamento Jovem, um projeto da Câmara Municipal, e aí eu fiz uma experiência com eles ali, depois expliquei a temática, e aí pedi para que eles se juntassem em grupo e elencassem ali bens culturais que eles achavam que deveriam ser protegidos, ou bem imaterial, ou bem material. Você sabe o que foi que foi o mais votado? A pizza na pedra. Entendeu? Entendeu? Ninguém falou do frango com angu, com quiabo e tal, né? O frango aqui, na verdade, o frango era must da culinária local, era o que os nativos ofereciam, assim, para as visitas que eles consideravam ilustres e tal, era a comida melhor que eles tinham para servir, que acho que traduzia bem o gosto do povo do lugar, né? E pode andar na cidade, você não vê nenhum lugar que faz frango caipira. Tem um restaurante que faz um frango muito gostoso ainda, que é na Zona Rural, que é um Restaurante Paraíso. E também isso daí nem é comercializado como um prato tradicional e cultural, uma gastronomia local, tradicional. É só um frango, né? Muito bom. Mas você vê que na cidade, o que a gente tem? A gente tem self-service, a gente tem essas coisas assim. Tirando o Restaurante Alquimista, que faz a sua propaganda em cima de culinária tradicional, não vejo o outro. É self-service, pizza... É, e quando tem. O alquimista faz, mas se você for analisar o próprio cardápio do alquimista, ele já não refletia, é uma comida mineira, não uma comida são thomense, né? E a gente não pode também colocar a culinária tradicional, aquela que eu conseguia ainda resgatar um pouquinho, né? Através das entrevistas. É, não dá pra gente encaixar totalmente a culinária são thomense na culinária mineira. Por exemplo, a vaca atolada que tem lá no restaurante alquimista, né? Aquilo nunca foi prato típico de São Thomé, mesmo porque eles não comem carne de vaca, de boi, né? Era porco e frango, né? Que eram as carnes mais consumidas aqui. E o frango que eles vendem ali, aquela amiga atropelada, é uma inovação também na culinária, que é o frango desossado, a galinha desossada e tal. Mas ainda é uma coisa de gastronomia mineira. Na cidade, creio que o único que ainda cultiva esse tipo de tradição.*

A: E, por último, se você fosse dar um diagnóstico hoje, São Thomé ainda é dona da própria história ou nos tornamos reféns de um marketing místico criado pra quem vem de fora?

Entrevistada C: *Nossa, não preciso nem responder essa aí, né? Não preciso nem responder. A gente, eu acho que São Thomé, além de se tornar reféns, isso é uma coisa que eu até ouço aí dos nativos, assim, muitos, isso aí eu bato, eu dou periodicamente curso aqui, que é obrigatório pros condutores de turismo, terem a carteirinha de guia oficial do município. Eu dou um curso aí pra eles que chama o turismo e a conservação do patrimônio histórico e cultural. E isso é uma tecla que eu bato muito, assim, deles estreitarem o contato com o povo do lugar pra aprender as histórias do lugar. E muitos, assim, que eu sou amiga de muitos nativos, das famílias mais antigas que eu tive a oportunidade de conhecer e tal. E, assim, eu ouço isso,*

eles relatam, assim, muita insatisfação, tristeza, muitas vezes, porque houve um guia se encostar com um grupinho ali na casa da família e contar uma história toda deturpada, né? Um condutor de turismo, por exemplo, que fala, isso aí a gente ouve direto, que o calçamento das ruas de pedra foram feitos pelos escravos, aí hoje ninguém fala escravo, é escravizado. Foram feitos pelos escravizados. Então, assim, o povo de São Thomé, além de refém dessa mídia perversa aí, esse marketing turístico perverso, isso é só a minha opinião, tá? Além de ser vítima disso, de estar aprisionada nisso daí, encarcerada na internet, eu acho que eles veem com tristeza, muitas vezes, o esvaziamento da tradição das famílias. Porque se você pega as famílias mais antigas do lugar, você vê o orgulho que eles têm. A família Rosa, por exemplo, e outras aí, os Dinamarco, outros que ainda estão por aí, se você conversa com o pessoal de meia-idade, os mais jovens nem tanto, eu acho que eles já estão incorporados nessa transformação de uma maneira bem tranquila. Mas, assim, principalmente os de meia-idade para velhos, você vê tristeza por ver a sua história sendo esquecida, sendo deixada de lado, sendo mal contada, sendo utilizada. O povo do lugar perdeu espaço no lugar. Vide as próprias moradias, que o pessoal fala, esse plano diretor mesmo, “porque a gente tem que fazer três andares, porque os filhos das famílias não têm onde morar”, tem que abrir loteamento, até em área de risco, sobre as pilhas de rejeito. Mas isso tudo é mentira. Porque, na verdade, isso aí é para fazer pousada, é para fazer coisa para aluguel, para turista. Só que eu acho que, assim, é o que eu não canso de repetir também, eles estão matando a galinha dos ovos de ouro. Porque se eles acham que vai ter turista vindo, para que tipo de turismo a gente quer? A gente quer um turismo que o pessoal venha aqui para consumir droga e beber, e fazer xixi na cidade inteira, vomitar por aí, tudo. Andar a milhão nas estradas, e pôr a comunidade em risco. Lugares cheios de gente que não dá para aproveitar. Ou quer um turismo legal que preserve realmente a... Conserve, não preserve, nada é engessado. Conserve os traços, características tradicionais que estão na própria origem da atividade turística em São Thomé. Que foi o que começou a chamar a gente para cá. Então, acho que falta aí uma discussão a respeito de qual futuro a gente quer, o que a gente quer. Porque se eles estão achando que vai ter turista que vem aqui tomar banho em água pouca e contaminada, eles estão muito enganados, porque a gente tem outros excelentes destinos turísticos aqui na nossa região. São Thomé, hoje, eu vejo que vive de um glamour do passado, né? Esse turismo de massa e esse pessoal que vem aqui mesmo e tal, vem atrás desse glamour, né? Do lugar como espaço de cura, vem atrás até da própria tradição já desvirtuada, porque as pessoas não conhecem a tradição real, né? Então, eu acho que aqui a gente corre o risco de ficar em uma cidade fantasma, né? É, gente, a gente tira a água limpa da vertente oriental da serra e joga esgoto in natura na vertente ocidental da serra. E tudo isso justificado por conta da atividade econômica, né? Que é o turismo. Então, eu realmente não consigo ver muito sentido isso, acho que a gente só tá perdendo. E o povo do lugar mais ainda, né? Porque quem veio de fora e se fixou aqui, como eu e muitas outras pessoas, bem ou mal, a gente ainda tem pra onde voltar, né? Agora o povo daqui vai voltar pra onde? É isso, porque aqui é água pouca, né? Aqui não é um lugar que tem

um rio sapucaí, caudaloso, de onde você pode tirar uma água suja, limpar e abastecer a cidade. O abastecimento aqui, ele é feito principalmente, exclusivamente, digamos, por água de nascente. Tanto que você vê as cachoeirinhas aqui, elas são pequenininhas, umas joinhas, né? Encravada na mata, né? São cachoeiras pequenas, quando a gente olha em volta aí, né? Então, acho que ou repensa e dá um passo atrás agora, ou aqui a gente tá realmente condenando esse lugar aqui a ter um triste fim, sabe? Você vê, eu fico com dó do turista também, eu moro do lado da cachoeira, né? Lá da Cachoeira da Eubiose. Eu fico com pena do turista, porque quem vem em excursão é que não tem dinheiro mesmo, né? Então pega aí essa viagem, ficou o ano inteiro pagando a viagem pra chegar aqui e não conseguir tomar uma ducha decente, entendeu? Para dois, três ônibus ali na Cachoeira, fora os milhares, muitos carros, milhares não, dezenas de carros, mais os ônibus e tudo pago, né? Hoje em dia tudo é pago aqui em excursão também, o único atrativo que você tem gratuito aqui é, tirando o Parque Antônio Rosa, né? Na cidade, o passeio pela cidade, é a Cachoeira do Flávio, né? Então a pessoa gasta um dinheirinho ali, economizado, suado, né? Vai pagando prestação da viagem, né? Até o turista que vem não é o vilão, né? Eu acho que o grande vilão é o próprio lugar, né? A administração pública do lugar que não faz um planejamento, eu não sou contra turismo de massa, eu acho que a peneira não pode ser só dinheiro, né? Eu acho que o pobre, a pessoa que não tem grana para fazer uma viagem do seu próprio carro, ficar hospedado muito bem e tal, comer nos melhores restaurantes, ele também tem direito de fruir a natureza, de fruir a cultura dos lugares, acho que São Thomé, pra mim, sempre foi muito legal por isso, porque era um destino que democratizava o acesso das pessoas a esses bens, né? O bem natural, bem cultural, né? Coisa que hoje, assim, a pessoa paga ali, vai juntando dinheiro, vai pagando prestação e tal e vem para ter uma experiência horrível, né? Principalmente os que vêm no feriado, porque não tem luz, falta energia elétrica, falta água, né? Tinha muito turista aí, nessa passagem de ano, isso aí, a gente vê os relatos aí, comprando água de garrafão para poder tomar banho, né? Ou então fica com a água da cachoeira no corpo, uma água que já tá assim, acho que se alguém fizer uma análise disso, não sei não como seria esse resultado, se tá própria ainda para banho, se não está, né? Porque a gente sabe também que esse crescimento desordenado da área rural, que veio na esteira do turismo para São Thomé, né? Isso também, né? Tudo quanto é lugar, vira hospedagem, né? Pessoal com fossa negra, muita fossa negra, então você vê assim, né? A água barrenta, então não tem mais uma qualidade, acho que o turismo aqui foi muito depreciado e agente de depreciação do próprio patrimônio turístico, né? E isso tudo, o grande vilão é administração pública, pela falta de planejamento, porque dá para ter turismo de massa de uma maneira melhor, assim, vou até usar o termo sustentável, né? Se você tiver um calendário, se os atrativos tiverem capacidade de carga, plano de manejo bem feitinho, né? O que você acha melhor? Você ir compartilhar ali uma área da Cachoeira da Eubiose, por exemplo, com mais 150, 200 pessoas, que dá fácil ali, né? Duma vez, ou você ter um período de tempo mais reduzido para ficar no lugar e poder realmente aproveitar o lugar, né? Isso tudo é falta de planejamento,

né? Falta de planejamento turístico, falta de uma política responsável, política de turismo responsável no lugar e a gente está esperando você formar para você vir aqui atuar.

A: Logo, logo.

Entrevistada C: *Logo, né? Precisa disso, né? E a gente vê também, assim como era o caso da mineração, muitos interesses contraditórios aí que concorrem para a criação dessa realidade caótica, né? Porque muitos já entendem, né? A questão da depreciação do patrimônio, né? Que vem aí aparecer na esteira dessa falta de planejamento. Agora, muitos outros só vêem a questão financeira mesmo, né? Quanto mais, melhor. Só que não, né, gente? Só que não, porque cada um que vem e tem uma experiência ruim vai sair falando mal, né? Então, quanto tempo será que a gente vai ter desse boom de turismo, não é? Não seria melhor a gente ter aqui um lugar cheio até a semana inteira, o ano inteiro, não cheio, lotado, mas assim, com fluxo constante, que desse uma renda constante para a comunidade, do que ganhar bastante nos feriados, na alta temporada, e depois ficar aí com os lugares tudo fechados, né? Então, é isso. É assim que eu tô enxergando a questão. E a questão do misticismo, então, nem se fala, né? O misticismo hoje é uma coisa, misticismo, esoterismo, né? É uma coisa que antigamente a gente tinha essas vivências aí com o povo do lugar. Era uma troca cultural muito bacana, né? Hoje em dia, tudo é dinheiro, né? Você vem e você vai pagar a sua cura, né? O pôr do sol, que antes era de graça, né? Porque isso aí, para mim, é remédio, né? Você ir lá ver um pôr do sol a 360 graus, com um visual de 360 graus lá no alto. Hoje, você sobe, você não vê mais aquele pôr do sol, ele não existe mais. Por quê? Construções, né? Altíssimas na frente. Então, realmente, assim, né? Acho que a gente tem que repensar, pelo menos no momento em que a gente tá repensando as coisas, mas vejo isso aí tão longe ainda. É, esperemos que não, né? Esperemos que não.*

A: Esperemos que não. C, muito obrigada. Do fundo do meu coração, você me ajuda demais. Tá me ajudando agora, mas a sua dissertação me ajudou muito também.

Entrevistada C: *Não por isso, não por isso. Quando precisar só chamar, tá? Se puder ajudar também.*

A: Tá bom. Um beijo.

Entrevistada C: Até.

Arquivo: B3 - Tempo de gravação: 13m 36s

Entrevistada: D, 78 anos

Data: 07/01/2026

Ana Terra Policarpo: Oi, tudo bem?

Entrevistada D: *Oi, tudo e você? E aí, o que você precisa?*

A: Então, eu queria conversar com você sobre a eubiose, porque o meu TCC é sobre o turismo mítico em São Thomé das Letras. E a eubiose tem uma grande, é um grande pilar, né, da cidade, e que ajuda a fomentar esse turismo mítico. Ajudou, né, anteriormente.

Entrevistada D: *Muito, ajudou muito. Sim.*

A: E eu queria entender como está hoje a eubiose, como funciona. Aí vou fazer algumas perguntas para você, para a gente entender isso. E eu já estou gravando a gravação, se você me permitir. Eu não vou usar a sua imagem, só vou usar as suas falas mesmo.

Entrevistada D: *Combinado. Pode perguntar. Tá.*

A: Como a eubiose enxerga a transformação de São Thomé em um polo de turismo místico de massa nas últimas décadas?

Entrevistada D: *Olha, difícil falar sobre a eubiose, que é uma instituição.*

A: Pode falar por você mesmo.

Entrevistada D: *Eu acho que houve uma mudança nesse turismo, que se tornou um turismo de massa, muito mais voltado para alguma coisa prazerosa, tipo cachoeira, restaurante, bebida, entendeu? Outras coisas. Um pouco de turismo esportivo, pouca coisa. Mas uma coisa a mais, buscando só o prazer, a beleza, um turismo muito simples e muito menos um turismo voltado para a área espiritualista ou religiosa mesmo assim. O padre atualmente, o Edinho, que é do Departamento de Cultura, que é o padre Edson, agora não é mais padre, mas ele continua com a cabeça de padre. Nós temos conversado muito no COMTUR, que é o Conselho de Turismo, a respeito disso, a respeito de como podemos fazer para retomar esse turismo básico nosso, que afinal é o que vai ficar depois que essa multidão enlouquecida passar por aqui. A gente tem se preocupado em fazer algumas atividades, algumas coisas para isso. Você não se esqueça que tem todo ano aquele Festival Místico, que vem bastante gente, mas tem que ser uma coisa contínua. Não sei. Agora em janeiro, dia 24 e 25, se não me engano, de janeiro, sábado e domingo, vem o Sérgio Armit, que é um astrólogo famoso, e ele vai fazer uma palestra lá na Eubiose, mas lá o número é pequeno, lugar para 30 pessoas. Mas, de qualquer forma, vai movimentar alguma coisa, isso vai ser falado por aí. É bem por aí a ideia. Mas não podemos deixar de aproveitar essa energia de São Thomé, que quer queiram, quer não, é muito diferente do resto dos lugares do mundo. Você há de concordar. Não precisa ser espiritualista, não precisa ser nada. É só chegar que você já sabe que é diferente.*

A: Sim. Beleza, você não vai falar pela Eubiose, mas você, como membro da Instituição Eubiose, de que forma a Eubiose contribui para a preservação da identidade espiritual e cultural da cidade, frente à comercialização do esoterismo?

Entrevistada D: *Dentro da Eubiose, a gente tenta manter os nossos ritos e as nossas práticas, as nossas aulas, meditação, dentro de uma estrutura mais tradicional que sempre aconteceu. E é verdade. É um verdadeiro leilão de coisas esotéricas. Se a gente olhar, tem desde tomar aquele veneno do sapo, como é o nome daquele? Como é o nome daquilo? Até você virar de ponta-cabeça na cachoeira. Tem muita invenção. A gente tenta manter dentro da instituição e fora dela, porque a gente mantém isso, os princípios básicos da Eubiose, sem mudar as coisas. Não dá. Realmente fica complicado. A gente faz um bom esforço para as coisas se manterem dentro do, pelo menos, razoável. E como eu cresci vendo a presença da Eubiose aí em São Thomé, eu queria entender como a Eubiose vê essa integração de quem é daí com quem é daí, mas não é membro, e se existe algum projeto de abertura cultural ou informativa da Eubiose voltado especificamente para quem é de São Thomé, tirando a parte turística. Olha, normalmente, todo ano a gente faz uma série de palestras públicas. Todo ano, antes de começar o Peregrino, aliás, a Marilene vem nesse fim de semana e a gente já vai montar as palestras públicas, que são palestras públicas que a gente traz e é aberto ao público. Quem quiser vai lá e assiste. Qual é a ideia da palestra pública? É mostrar através dos temas quem nós somos, como nós somos e se a pessoa está afim de se adequar a essa estrutura. É simples assim. Então a gente já faz isso anualmente. Agora, depois do Carnaval, a gente deve fazer umas três ou quatro palestras públicas para depois começar o curso Peregrino, que é o primeiro, o básico. Outra coisa, só para lembrar, nós sempre tivemos a biblioteca, né? Então a biblioteca é aberta ao público e ela tem livros esotéricos, ela tem folhetos explicativos de Eubiose, enfim, tem uma porção de coisas. Então não temos nenhum... Ninguém discrimina coisa nenhuma, é tudo de boa.*

A: E como você acha que a filosofia eubiota pode auxiliar na formação de uma consciência mais preservacionista e respeitosa nos moradores e visitantes para além desse aspecto comercial do turismo?

Entrevistada D: *Uma das coisas que a gente faz questão de fazer é ter representatividade e cadeira nos conselhos. Quando a gente tem representatividade nos conselhos, a gente coloca a nossa ideia, a gente coloca essa ideia de preservação, claro, de integração e de preservação e a gente de alguma forma acaba influenciando indiretamente campanhas, coisas desse tipo. A gente contribui tentando formar junto com o todo essa consciência melhor. Agora nós vamos fazer um projetinho pelo Voz da Terra, devemos fazer agora que começar o ano, nós estamos com muita coisa atrapalhada, mas começando um pouco o ano nós vamos fazer um projetinho de consciência ambiental para as crianças, para os alunos, que é inclusive as crianças irem visitar a cachoeira e explicar e falar um pouquinho em loco. Então fazendo um movimento básico, não é nada grandioso e também mudar a*

consciência das pessoas é complicado. O cara acabou de pintar a igreja matriz, o neguinho vai lá e faz xixi na parede, quer dizer... Aí você vai dizer para o cara não tirar a árvore, não sei se dá certo. Não é, fala sério. Com essa mentalidade... Olha, o ser humano está muito difícil, Ana Terra, muito complicado, o ser humano está muito desvirtuado, está pensando só no dinheiro, é complicado isso. Enfim, estamos na briga. Quem mandou nascer agora? Nascemos agora para brigar com essas coisas todas.

A: Ana, eu queria ouvir de você um pouquinho como surgiu a eubiose em São Thomé. Porque a eubiose é uma instituição antiga. Como ela surgiu em São Thomé? Eu queria ouvir as suas palavras.

Entrevistada D: *É rapidinho. São Thomé faz parte de uma coisa chamada sistema geográfico. O sistema geográfico é um conjunto de várias partes, sete, mais uma oitava, que tem a função, cada um desses lugares, de preparar a vinda de um novo avatar. Foi assim desde sempre. Todos os avatares, inclusive o Cristo, teve um sistema geográfico. O sistema geográfico de Jerusalém e o sistema geográfico de Roma. São dois sistemas geográficos dele. Por quê? Porque você precisa, de alguma forma, preparar os lugares para entender alguma coisa do que o revelador vai falar. Vem aí um ser especial para falar coisas e aí ninguém entende bulhufas nem nada. Não tem como codificar isso. Então, São Thomé é uma das sete cidades do sistema geográfico sul-mineiro. Simples assim. Só isso. E a eubiose é que o professor Henrique, que estava no papel de revelador, ele tinha esses contatos, foi o responsável por criar, criar não, para dar vida a esse sistema que já existia. É isso. São Thomé é a quinta cidade do sistema geográfico sul-mineiro. A expansão é uma cidade jupiteriana, onde a literatura é a parte filosófica nossa. E é assim que é. E vamos que vamos.*

A: Você quer acrescentar mais alguma coisa?

Entrevistada D: Não.

A: Muito obrigada.

Entrevistada D: *Se você tiver alguma dúvida, precisar acrescentar alguma coisa, liga para mim, não tem problema nenhum. Você tem carta branca aqui. Combinado?*

A: Muito obrigada, Ana.

Entrevistada D: *Um beijo, sucesso.*

A: Um beijo, tudo de bom.

Arquivo: B4 - **Tempo de gravação:** 37m 43s

Entrevistada: E, 26 anos

Data: 14/01/2026

Ana Terra Policarpo: Oi, E.

Entrevistada E: Oi, Ana, tudo bom?

A: Bem, boa tarde.

Entrevistada E: Boa tarde.

A: Eu queria que você começasse falando o seu nome, o seu cargo e sua idade, por favor.

Entrevistada E: Eu sou E, (secretária censurada), tenho 26 anos.

A: Sob a ótica da gestão municipal, quais são atualmente as épocas de maior sobrecarga e quais períodos a secretaria considera ideais para um turismo sustentável na cidade?

Entrevistada E: *Então, São Thomé, na verdade, é um pouco atípico. Eu acho que é difícil encontrar uma cidade que não tenha temporada. Porque, assim, não ter temporada, tranquilo, porque tem lugares que não tem visitação nenhuma. Mas os lugares turísticos, a praia normalmente   verão, montanha normalmente é inverno. O natural para São Thomé era para ser inverno. Mas é uma das datas mais tranquilas, na verdade. Mesmo assim, a gente não tem os meses de alta temporada, que vem muito mais gente, a gente tem distribuído ao longo do ano inteiro. Os nossos números de mais excursões, inclusive de finais de semana com maior número de excursões, são fora dessas temporadas, são fora das férias e tal. Excursão costuma procurar longe de feriados, essas coisas. Eu falo de São Thomé, se você for às datas mais impactantes, mais trabalhosas, assim, pra secretaria, vai ser mesmo os feriados nacionais, especialmente os prolongados, t ? O Ano Novo, que nós tivemos agora, de 25 para 26, foi um recorde do município, a gente não tinha tido tanta visita o, a gente estimou em 40 mil visitantes no Ano Novo, sendo que   uma cidade de 7 mil habitantes, n ? E as datas são Ano Novo, Carnaval, o STL Festival, n ? Que cai junto no feriado, mas também tem um evento particular, então enche bastante. Tirando isso, uma maior movimentac o mesmo no verão. Mas não deixa de ter ao longo do ano inteiro, por conta das férias, tudo. O mais tranquilo, assim, que   quando a gente pode pegar e respirar um pouco mesmo, é a quaresma. Não sei por quê, mas aqui é um pouco mais tranquilo logo depois do Carnaval até a Páscoa. Eu acredito que é porque o pessoal acaba investindo mais no Carnaval, até a Páscoa fica um pouco mais tranquilo e depois volta a viajar, n ?*

A: E a (secretaria censurada), possui políticas para qualificar a narrativa mística de São Thomé, evitando que ela se torne um produto superficial ou desvinculado da realidade local?

Entrevistada E: *Então, a gente... Quando eu assumi, a cidade já tinha essa aura, o lado mais místico. Só que a Secretaria não vinha muito investindo nisso e tal, e quando eu entrei eu pensei, não, eu vou escolher alguma coisa para investir na cidade e transformar no produto, na marca da cidade. E aí muitos falaram, vai ser as cachoeiras, vai ser o trekking, vai ser caminhada e tal. Mas eu falei, gente, isso a gente tem em muitos lugares de Minas Gerais. Como você quer competir as nossas cachoeiras, competir com outras milhões de cidades que têm cachoeiras. Parte histórica, como você quer competir com Ouro Preto, Tiradentes. Trekking também, competir com Ibitipoca, com Alto Caparaó, não tem jeito. Aí eu falei, qual que é a única coisa que existe no município, que só o nosso município tem, é a aura mística. Hoje São Thomé é líder no turismo místico e esotérico, na verdade eu nem vejo se falar sobre isso em outro local, né? Que sá do mundo, talvez, né? E aí eu decidi, não, vamos investir nisso. Ano passado, junto com o ex-secretário de Estado, (nome censurado), eu tive uma relação muito boa com ele, também tenho hoje com a Bárbara, mas ele ajudou a gente a montar a marca, que foi "São Thomé das Letras, onde você é o mistério", né? Então pegar e focar mais as coisas nessa energia. Aí eu acho muito legal você falar de sem desqualificar a cidade, né? Porque o que vinha sendo praticado, eu antes de entrar na secretaria era guia, tudo, e o que vinha sendo praticado muito pelos guias, pela população, é jogar a história de ET, duende, gnomo, essas coisas nas pessoas, e quando eu entrei eu falei, não, eu desde que era guia, eu já falava com os turistas sobre energia mística, mas contada como os antigos contavam. Então são as lendas, é o Chico Taquara, o João Antão, então são aquelas coisas mais firmes, eles falam que os antigos falam mais de folclore do que essas coisas, ET, duende, é tudo coisa que veio importada, né? E aí a gente começou a focar nisso, colocar o místico, mas sem perder a história. Então juntar a história com o místico, né? Para conseguir pegar e divulgar a cidade. Com políticas públicas para isso, a gente trabalha com os cursos, né? Assim que eu entrei, existiam os cursos já de guia. Assim que eu entrei, eu cheguei nos professores e falei, ó, agora a gente vai um pouco mais nessa linha, tal, tal, tal, tal, focar um pouco mais na história, ensinar o pessoal a contar a história. A gente fez o primeiro curso que teve sobre a Igreja Matriz também, que é mais história, mas também misturando com o místico, né? E, ao mesmo tempo, usando essa marca, usando a marca "Onde você é o mistério", para afirmar isso em matérias, com jornalistas, tudo isso. E, graças a Deus, parece que está tendo um reflexo da gente mudar um pouquinho o que era a imagem da cidade, né? Acho que você sabe que já era uma imagem meio ruim, né? E a gente já começou a mudar. Muitos jornalistas já chegaram para mim e falaram, nossa, antes de saber que eu era secretário, já olhando alguma coisa, falaram, nossa, São Thomé mudou, agora eles estão sendo conhecidos pelo mistério, não sei o quê, não é mais aquele papo de antes, tal. Então a gente vê que a gente está conseguindo jogar para esse lado, entendeu?*

A: Que legal. Essa era, inclusive, uma das perguntas que eu ia te fazer, era a próxima, que se existe algum tipo de capacitação ou regulamentação para os guias contarem sobre as histórias contadas e tal, visando garantir essa qualidade na

informação turística, porque a gente sabe que tinha várias histórias sendo contadas, mas não todas eram verdadeiras, assim.

Entrevistada E: *A gente dá esses cursos, de vez em quando, quando a gente vê alguma entrevista, uma ou outra de algum guia, a gente chega lá e fala, cara, não é tanto assim, explica, ensina de novo, sabe? Ano passado, no que eu entrei, eu pedi a reciclagem de todos os guias, todos. Falei, não, todo mundo, não importa quantos anos você é guia, tinha gente com curso de 2007, entendeu? Com professores que hoje nem estão mais aí e tal. Eu falei, não, vamos reciclar todo mundo, colocar todo mundo no mesmo nível, no que a gestão quer seguir para os próximos anos, e daí para frente a gente continua. Graças a Deus teve a adesão aí e estamos seguindo.*

A: Que legal. E quais ações práticas e integradas a Secretaria adota hoje para combater os efeitos do turismo de massa, como a superlotação, a poluição sonora e a depredação do patrimônio natural e histórico?

Entrevistada E: *Então, vamos lá. Eu também, antes de entrar na Secretaria, eu era conselheiro de turismo, no Conselho de Turismo. Sempre bati na tecla dessa coisa do turismo de massa, da gente sair do turismo de massa. Você está estudando turismo, você sabe que a gente tem as fases, o turismo de aventura, o de massa e o de elite. Quando eu entrei, eu falei para o prefeito, falei para o prefeito, eu vou jogar a cidade no turismo de elite. Não vai ser fácil, não é nada fácil, principalmente quando tem que sair do lado da prefeitura. Quando sai do lado do particular, por exemplo, eu não sei muito das outras cidades, mas parece que as outras cidades conseguiram, pelo particular, começar a jogar no turismo de elite, que é as pessoas colocando os valores um pouco mais altos, se qualificando, colocando infraestrutura. Aqui parte muito mais da prefeitura. Então, a gente tem hoje nossos pontos turísticos, as cachoeiras. A maior parte deles é feita uma cobrança. Eu acredito que com a cobrança você já começa a mudar bastante o seu turismo, porque o turismo de massa, aquele turismo predatório, normalmente ele quer os lugares mais baratos. Ele não quer gastar dinheiro, ele traz comida de casa e tal. Eu falei, gente, desculpa, mas esse turista a gente não precisa. A gente precisa do turista que venha. Não se importa em pagar mais caro em uma hospedagem, não se importa de comer todo dia em um restaurante, de contratar um guia, de pagar a entrada da taxa, e aí você começa a mudar a mentalidade do turista que vem para cá, sabe? Aí eu falo as dificuldades, porque, por exemplo, as cachoeiras são particulares, então elas por si mesmas já começaram a cobrar. Das outras, assim, quando você quer chegar a aumentar um valor, por exemplo, eu tive muito esse problema com os guias, com os guias e as transportadoras. Aqui a gente também tem um negócio dos ônibus locais fazerem o transporte para os ônibus de excursão, porque a cidade é tudo de terra, né? E os valores deles eram bem baixos, trazendo mais excursões de massa mesmo, excursões que não se importavam e deixavam lixo e tal. E com a questão de imposto, o jeito que você consegue forçar o particular a aumentar seu preço é principalmente imposto. Na nossa questão não foi nem criar impostos, porque foi regularizar, porque muitos não tinham a fiscalização de pagar seu ISS, né? Essas*

coisas. Quando a gente começou a aplicar isso, eles começaram a falar não, então agora eu não consigo mais sobreviver com aquele valor, eu vou ter que aumentar, entendeu? Os guias, por exemplo, ainda mais público, o lado público, a gente tem a taxa das excursões, né? A lei é de 2019, não vinha sendo muito fiscalizada, então ano passado eu abordei muitas excursões que não tinham, que falavam, não, mas nunca me cobraram, nunca existiu isso, eu falei, não existe, desde 2019 é que nunca te fiscalizaram, mas agora a gente está fiscalizando. Com isso também melhora o nível das excursões que vem, porque é uma taxa, é um valor considerável, não é nem caro, na verdade, se você for dividir em um ônibus, mas é coisa de 10 reais por pessoa, sabe, de um ônibus. Então já começa a selecionar um pouquinho mais também. Na questão dos guias, dos condutores nos nossos locais, é a valorização deles, a secretaria fez de tudo para valorizar, inclusive hoje as excursões, por exemplo, os guias, quando eu entrei, eles estavam recebendo cerca de 200 reais por diária, sabe? Essas transportadoras que têm ônibus, a gente costumava contratar eles e colocar por 200 reais. 200 reais, porque quando eu era guia também, eu subi meu valor e todo mundo acabou subindo junto. Mas aí, quando eu entrei na secretaria, eu falei, não, está na nossa lei, está escrito aqui, eu não sei porque não vinha cobrado, de que mesmo com guia cadastrado, a excursão daqui precisa contratar um condutor local, por causa da especificidade da cidade, tudo, as pedras escorregadia, pontuda e tal, é obrigado contratar um condutor local. Então eu falei, não, vamos cobrar um condutor local. Quando começou a cobrar de toda excursão, um condutor local dentro do ônibus, para emitir a senha, precisa de um condutor local. Aí eles falaram, não, espera aí, então eu tenho muito poder, então agora não é a transportadora que precisa vir aqui e me falar que por 200 reais eu cobro, não, eu que assino o papel, então eu vou cobrar meu valor para a excursão vir. E aí os valores de guia, para guiar a excursão diária, a excursão dispararam, entendeu? Hoje já está na média de 400, tem uns que cobram 600, entendeu? Desse mesmo jeito, você também está começando a jogar para o turismo de elite. E eu sempre alerta a população e outros gestores, é difícil esse caminho? É. Por quê? Ao mesmo tempo que você está ralando muito, trabalhando muito, está aumentando o dinheiro, a renda do município, só que o movimento pode tender a cair, porque esse é o objetivo, o turismo de elite, é ter menos pessoas gastando mais do que aquele turismo predatório, cheio de gente, gastando pouco. Então para um gestor é um pouco difícil, porque a população vai começar a falar, está vendo, ele é secretário de turismo, mas a cidade não está mais recebendo visitantes, mas ele não vê que no final das contas ele está recebendo um pouco menos, mas está recebendo igual ou mais do que antigamente, entendeu? E tem que trabalhar junto com a população também, sempre.

A: Eu gostaria de perguntar isso também, que tem o COMTUR, e eu queria saber como é a dinâmica atual do COMTUR e de que forma as decisões tomadas por esse conselho influenciam as políticas públicas da secretaria?

Entrevistada E: *Demais, vamos falar assim, a gente tem conselho que também, como toda cidade, tem conselho de tudo, meio ambiente, cultura e tal. Tem gestores, não estou falando daqui, mas tem gestores de cidades que não gostam do conselho, porque acham que é só gente para encher o saco. Eu acho que talvez por ter sido conselheiro eu dou muito valor no conselho, sabe? Então, o presidente que a gente tem hoje no conselho, no caso, está direto, todo dia me manda uma demanda e tal, e eu adoro, porque é aquela coisa da população. Primeiro que é muito mais fácil falar com um da população do que você falar com 15, 20, 30, às vezes até mil pessoas. Então, às vezes, porque como gestor, você tem muita coisa na cabeça, muito. É projeto que tem para frente, coisa que está acontecendo agora, coisa que foi do passado, você tem muita coisa. E às vezes é uma coisa pequenininha, quieta, que você acabou deixando de lado e chega lá o presidente, ó, você lembra aquele portal de entrada? Falta capinar o mato lá. Você fala, ah, é mesmo. Realmente esqueci, vou mandar capinar. Então, ajuda muito o gestor do conselho, sabe? O negócio que a gente tem, todo mundo vê os conselhos, é um trabalho voluntário, ninguém recebe, e vê que muitas vezes não soluciona nada. O negócio que o nosso conselho, o que foi feito com a taxa da excursão, essas taxas de excursão, elas entram diretamente no fundo de turismo. Quem é o gestor do fundo de turismo? É o conselho. Então, não sai um centavo do fundo sem o conselho aprovar. Então, o conselho tem um poder monetário gigantesco, entendeu? O nosso conselho de turismo. Tanto que hoje, daqui, é o conselho mais importante, é o que mais faz as coisas. Ele pega, toma decisão, a gente já põe apoio em shows da cultura, arruma infraestrutura da cidade, muita coisa, sai o dinheiro ali do conselho. E o pessoal ali começou a ter muita voz. Por ser uma cidade plenamente turística, virou praticamente um dos conselhos mais importantes, entendeu? E eu sempre gosto de dar essa liberdade, essa autoridade para eles também.*

A: Entendi. E existe alguma política de fomento ao artesanato autêntico para que ele não se perca diante de produtos esotéricos vendidos, importados por meio da China, 25 de março, vendidos no comércio?

Entrevistada E: *Então, a gente tem os incentivos mais são principalmente na nossa feira, nos locais de feira, nos locais de venda de artesanato. A gente tem locais estipulados aqui no município, que os artesãos de rua podem vender. Do artesanato de loja, que é num espaço fechado, particular, a gente não pode fazer muita coisa. Acaba que fica nessa coisa, compra no brás e vende. Mas nas feiras, nesses locais, só pode ser artesanato original.*

A: Mas quando eu falo artesanato autêntico da cidade, eu me refiro ao o que nasceu na cidade mesmo, as casinhas de pedra, coisas que já vêm dessa tradição antiga da cidade, porque os artesanatos que são vendidos na feirinha são artesanatos que não são locais, não são de São Thomé. Foram trazidos.

Entrevistada E: *Entendo. O artesanato de casinha de pedra, ele é feito, principalmente, tem um local fixo ali, e a gente toma atitudes pra ajudar eles a*

ficarem naquele local. Hoje eles estão no local que é particular, mas é na rua, porque, na verdade, é da paróquia. Então, é da igreja. Mas eles ficam ali, tranquilos, são incentivados a continuar a manter. Quando a gente vai pra feira de turismo, a gente participou de várias feiras de turismo ao longo do ano passado, vamos de novo esse ano, eu faço questão de levar a pedra, as casinhas de pedra. Eu gosto de falar disso como artesanato original, entendeu? Quando alguém vai no receptivo buscar informação, a gente comenta, tudo, a gente sempre valorizou mais esse lado mesmo. São pessoas muito simples, é um pouquinho mais difícil de você pegar eles e falar, não, vamos fazer um curso, vamos tirar um selo nacional, não sei o quê, é um pouco mais difícil. A gente está caminhando nisso, sabe? Mas pra vender, pra expor pra fora, pra vender não, pra mostrar, não no sentido de vender, no sentido de mostrar. Pra fora, a gente gosta de sempre levar isso. Tanto nas feiras, o que a gente leva de brinde, é que não dá pra levar casinha, que fica muita coisa, mas a gente leva o brinde, que é um imã de casinha de pedra. E isso me lembra também que, no ano passado, teve a MTM em Belo Horizonte, uma feira de turismo que a gente foi, junto com a Secult, e a Secult falou, ó, a gente precisa de demonstrações, de oficinas, pra vocês fazerem durante a feira. Aí veio na minha cabeça, foi, todo mundo de Minas vai ser queijo, cachaça, coisa assim, né? Comida. Eu falei, não, mas de novo, o mesmo pensamento, o que só tem em São Thomé? Casinha de pedra. Nossa, eu levei uma oficina de casinha de pedra, a gente levou o material bruto, começou a montar na frente do pessoal, a gente juntou um monte de gente, passamos a feira inteira montando coisa, foi tão bom que agora todas as feiras eu levo isso, e o pessoal se encanta, chega lá, monta sua casinha, leva seu brinde, esse jeito a gente consegue mostrar mais esse artesanato. Tem a festa do extrator, né, também, que tem o concurso da menor casinha de pedra, tudo. São os jeitos que a gente consegue ir tomando aí pra colocar esse artesanato mais em evidência.

A: Entendi. E tem algum plano pra evidenciar ainda mais esses artesanatos?

Entrevistada E: *A gente precisa começar, na verdade, pela catalogação desses artesãos, entendeu? Também, do mesmo modo que eu tava falando do outro tipo de artesanato, tem gente que compra e revende, as casinhas também tem gente que compra e revende, entendeu? Então, a gente precisa primeiro catalogar eles, a gente tá no trabalho junto com a cultura ali pra pegar e catalogar eles pra começar a dar mais incentivo, dar um local, dar um reconhecimento. A gente tem um projeto de fazer uma feira de artesanato maior no município, pra englobar todo mundo, dar evidência pra isso, entendeu?*

A: Entendi. E como que a prefeitura incentiva os moradores que detêm esses saberes tradicionais? Não apenas das casinhas de pedra, mas as benzedadeiras, os foliões, pessoas que são da cidade que detêm todos os saberes das tradições, essas lendas contadas, histórias contadas boca a boca, tudo isso na cadeia turística, pra que ele também se beneficie desse fluxo de turista?

Entrevistada E: *Então, sem contar esses locais fixos de exposição, que eles ficam frequentes, a gente evidencia eles muito em eventos, nos eventos também, Folia de Reis teve os eventos diretos, os violeiros também teve, o pessoal das casinhas de pedra tem a festa do extrator, evidencia bastante pelos eventos e repasses. Então, os repasses que a gente consegue captar do estado, a gente repassa, teve o repasse dos mestres, mestres artesãos, tudo que o pessoal recebeu, um repasse-prêmio mesmo, não precisa nem comprovar, não precisa fazer nada, pra você, porque você é um mestre nisso. A gente também teve mestre da cozinha, que foi dado aqui pra mãe da Tiana, também. Principalmente, os repasses da Folia de Reis, da Folia de Reis também estão fazendo repasse municipal. Dos artesãos, a maior parte das vezes é em termos de estrutura mesmo, então, ver barracas novas, oferecer luz, tomada, essas coisas. E... é isso lá do artesanato, dos músicos também, por outra parte. É...*

A: E como que a Secretaria avalia o impacto de eventos grandes, de grandes proporções, como o STL Festival, na identidade da cidade? Existe uma preocupação em garantir que essas manifestações de massa não descaracterizem o ambiente cultural e a tranquilidade que o morador realmente nativo e o turista buscam?

Entrevistada E: *Ah, sim. A gente tem que olhar com muito cuidado para isso, sabe? Principalmente pelo olhar do turismo, porque... turismo e cultura são juntos, mas também não são. Turismo, o que for atrair é muito monetário, é muita questão de dinheiro o turismo. Cultura já tem que pensar em preservação e tal. O turismo fala mais em sustentabilidade do que em preservação. Então, você manter a sustentabilidade desses eventos grandes, não deixar que falte para os moradores água, luz, o trânsito seja organizado, entendeu? Para a gente conseguir, porque impedir muito que venham esses eventos grandes não é interessante para o turismo, porque o turismo precisa de visitaçã. Então, é agir sempre ali na sustentabilidade, não barrar o evento, mas também cobrar exigências deles. O próprio STL Festival que recebeu um selo de sustentabilidade, um dos primeiros festivais a receber selo de sustentabilidade. Quando é o deles, a gente organiza todo o trânsito, graças a Deus, esse ano foi o que teve mais organizado. Mesmo assim, admito, a cidade ainda vai melhorar muito, porque é uma cidade pequena, a gente está começando a melhorar agora, o primeiro ano é um ano de muito aprendizado também, e começar a melhorar todos esses pontos para que o impacto de eventos maiores sejam pequenos. A gente tem também a nossa área de APA, a área de proteção ambiental, começou ano passado a surgir muitos eventos por lá, só que todos esses eventos passam pelo Codema, que é o outro conselho do meio ambiente. O turismo tem cadeira no Codema, justamente porque também está nesse controle, e lá a gente se mantém muito ativo. Para falar, vamos fazer show? Vamos. Tem que ter. Se alguém falar, não, não vai ter show, eu vou bater o pé. Tem que ter. Mas vamos fazer o máximo possível dentro da lei, tanto que o máximo, não, dentro da lei, o máximo certinho. Tanto que tem eventos lá que aparecem, a pessoa manda tudo certinho e tal, bonitinho, eu falo, está certinho e bonitinho, mas eu sei*

que acontece em eventos lá que não estão mandando papel para a gente, que não está passando nada, eu quero que seja feita essa fiscalização. Então, no turismo é também cobrar muito das outras secretarias, entendeu?

A: Entendi. É porque mesmo com essas fiscalizações que você está dizendo, eu ouvi muitos relatos da falta de água, falta luz na cidade, às vezes falta até preparação dos próprios comércios, supermercado e afins, acabar comidas no mercado e tal, e eu queria ver com você que mesmo com esses planejamentos que você disse que vocês têm, ainda ocorre falta de água, falta de luz. Nesse final de ano mesmo, me relataram isso, em algumas entrevistas, que aconteceu.

Entrevistada E: *Aí entra naquilo que eu estava te falando muito da relação poder público e poder privado. O poder público fez uma medida remediativa, a gente sabe, de colocar mais caixas d'água lá no alto, tanto que teve falta, teve, mas não foi tão grande quanto nos anos anteriores. Nos anos anteriores, ano novo, a gente passava dois, três dias seguidos, aqui foi meio intermitente. Ia, voltava, enchia a caixa e não. Mas o que eu sempre falo, de novo, tem melhorias que a prefeitura pode e quer fazer, vai fazer o máximo para fazer? Tem, mas ao mesmo tempo a gente também tem que olhar para o poder privado. Muitas casas aqui, você sabe, eram casas de família com quatro pessoas, 500 litros de água. Aí no feriado o cara quer colocar 16 pessoas com 500 litros de água. Qualquer lugar que tem uma pequena interrupção no abastecimento de água, lógico que ele vai ficar sem água. Eles precisam também trabalhar para aumentar seu número de litros de caixa da água, entendeu? Também vai por esse caminho. Já o da luz, aí já sai, tipo, se a gente pudesse fazer uma reserva de energia, a gente fazia, mas não tem como. E já vai um pouquinho para o lado mais da CEMIG. A gente precisa, já bati o pé muitas vezes, que a CEMIG tem que fazer uma subestação aqui no município para parar de trazer essa energia que já vem dividida de São Bento Abade, Três Corações, Conceição e Luminárias. Porque aí você perde energia em todo esse cabeamento até aqui, você perde energia e hoje a gente é a cidade que mais tem impacto na região. Então a gente precisa de uma subestação dela para a energia chegar aqui bem forte, aqui ser dividida e colocada para os outros lugares, entendeu? Excluindo, claro, eu tive na reunião de Sobradinho esses dias, a reunião do grupo de lá, dos moradores de lá, eu sempre estou lá. E eles também bateram nesse pé de energia elétrica, eles passaram acho que três ou quatro dias sem e aí já é uma questão mais local de lá mesmo, tem poucos transformadores, mas é uma versão menor do que precisa ser feito no nosso município, entendeu? Aí da prefeitura cabe pressionar esses órgãos.*

A: Mas você não acha que poderia ter políticas públicas para conscientizar essas pessoas que colocam mais pessoas dentro de uma casa que não suporta? Políticas públicas que eu falo, uma conscientização e uma fiscalização também.

Entrevistada E: *Então, da conscientização a gente sempre pública nota, a gente repassa sobre a questão do número da caixa d'água, da pessoa ter mais caixa d'água e tal, a gente também compartilha. Da fiscalização, o problema é que esse*

lado a gente não tem legislação para isso, a gente precisa de uma que sai da Câmara dos Vereadores, por exemplo, existe na legislação a previsão do número, pensaram no trânsito, do número de vagas por pousada, por quarto, por pousada, quantas vagas a pousada tem que ter, dependendo do número de quartos. Seria muito bom se a gente tivesse isso previsto em caixa d'água, entendeu? Em litros. Um quarto tem, para cada quarto, 500 litros d'água, então tem 10 quartos, 5 mil litros d'água, entendeu? Seria muito bom, e a prefeitura sabe, a gente não pode fiscalizar, cobrar nada que não esteja na lei. Então a gente precisaria mais de uma lei sair da Câmara dos Vereadores para conseguir ter essa fiscalização. Mas eu concordo, seria fantástico.

A: Houve vários relatos das minhas entrevistas de que São Thomé não tem saneamento básico. Eu tentei procurar artigos e tal, não achei essa informação. Gostaria de saber, da sua parte, como gestor público e dentro da prefeitura, como que é feito esse saneamento básico, e se não tiver, o que vocês pensam sobre isso, se pensam em fazer uma política pública, porque se não tiver, estão jogando o esgoto in natura na serra, e isso pode afetar os pontos turísticos, né?

Entrevistada E: *Sim, a gente tem o esgotamento sanitário, realmente não tem o saneamento completo da cidade. Eu vou falar em área urbana, vamos ter que excluir a área rural, porque a área rural é coisa de fossa e tal, fossa séptica, algumas sépticas, algumas negras, também o departamento secretário de meio ambiente também está indo para esse lado de fazer com que todo mundo deixe de ter fossa negra e vire fossa séptica, né? Da área urbana a gente tem o esgotamento sanitário, o que é isso? O esgoto não cai na tua porta, mas ele entra numa rede que existe, uma rede existente, vai embora e é despejado in natura, entendeu? O que aconteceu com as partes mais antigas da cidade. Os loteamentos novos que foram surgindo, então, tem o loteamento do Dharma, tem o Caninana, Pasárgada, esses loteamentos novos já foram obrigados no papel, quando monta o loteamento, a fornecer uma ETE, uma estação de tratamento de esgoto, tá? Então, esses aí já tem ETE, são em níveis menores porque foram feitas para capacidade do loteamento, então o loteamento vai ter 100 casas, tem que ser uma ETE que consiga suprir 100 casas, aí na ETE é tratado e aí joga água 95%, 99% limpa, de volta em natura, né? E, mesmo assim, é uma das prioridades da Secretaria de Meio Ambiente estudar uma maneira de fazer uma ETE do município inteiro, uma estação de tratamento. A gente tem agora uma parceria nova com a Consani, que é um consórcio de saneamento básico aqui da região, né? Acho que até em BH eles atuam, eles são grandes, né? E eles já estão estipulando pra gente onde é o melhor lugar pra colocar ETE e tal, pra gente pegar e unificar tudo. Provavelmente vai ser perto do nosso transbordo, onde faz o transbordo do lixo, porque a gente não tem lixão, né? A gente coloca um caminhão e manda pra outra cidade. Provavelmente próximo a ele, por ser numa área mais afastada mesmo, aí já vai ser pra suprir a cidade inteira. Esse esgotamento sanitário hoje, ele cai em duas vias. São dois tubos que jogam lá in natura. A ideia é unificar esses tubos Está sendo bastante discutido, bastante*

adiantado agora, porque tem um outro loteamento que está para sair na parte um pouco mais alta da cidade, e a ideia é que esse loteamento já consiga pegar e jogar direto para a nossa ETE também. Ou, de repente, eles têm uma ETE própria e engate no outro, alguma coisa assim. Só para lembrar da ETE, agora, no caso, eu também não sei o que vai acontecer com o negócio da Copasa, né? Porque a AMM, a Associação Mineiros do Município, já está atrás de que a empresa que assuma nas cidades o que a Copasa faz, assuma também o saneamento básico. Então, não sei qual vai ser ainda a decisão do prefeito, não conversei sobre isso, ele vai fazer de qualquer jeito a nossa, depois passar a manutenção para a empresa e tal, mas vamos esperar, né?

A: Entendi. E tem alguma previsão do plano diretor sair?

Entrevistada E: *O plano diretor já foi votado e já está, já está valendo.*

A: Não, mas ele já foi publicado?

Entrevistada E: *Eu não sei se foi publicado na Câmara, mas ele foi votado na última reunião do ano passado.*

A: É porque eu estou em contato, eu até mandei mensagem para a prefeitura, desde o começo do ano passado, eu sei que já foi votado, pelo que eu sabia já estava feito...

Entrevistada E: *Porque ainda tinha algumas partes que os vereadores estavam discutindo sobre o parcelamento de solo e sobre o código de obras, faltavam esses dois. E no final do ano passado foram votadas essas outras duas partes. Aí, eu acredito, como foi a última reunião que eles votaram, eu acredito que voltando à Câmara agora do recesso eles já vão publicar.*

A: Entendi. E como o turismo está sendo abordado no plano diretor?

Entrevistada E: *O plano diretor foi jogado mais para esses lados, o número de vagas estacionadas nas pousadas, o zoneamento urbano. Então, cada área urbana do município tem uma área que só pode ser residencial, tem uma área que é mais comercial, tem uma área industrial que é beirando o asfalto. Para o turismo ele vai impactar mais nesses caminhos mesmo. Ele fala também da condição de trânsito, da sugestão que seria para... O plano diretor, assim, ele guia as leis, ele não é uma lei por si só. Ele guia, ele é como um diagnóstico do município para você pegar e aplicar suas leis conforme aquilo, os vereadores pegarem e se guiarem. Então, lá tem a sugestão do trânsito também, de como tem que ser as vias de trânsito e tal. Dessa parte, como é o executivo que faz, o executivo também está de olho para pegar e começar a organizar. Já passamos algumas ruas com as sugestões dele, ruas que viraram mão única, ruas que virou proibido estacionar. Isso impacta muito no turismo porque é vaga de carro, muita gente vem de carro e tudo. E o impacto maior do plano diretor vai nesse lado mesmo. E na questão das áreas de preservação, porque o novo plano diretor foi uma conquista muito boa, a gente*

conseguiu colocar nele, só falta sair a lei mesmo, como eu falei, ele guia, mas precisa da lei para aumentar o nosso Parque Antônio Rosa, que é o Parque Municipal aqui da cidade. A gente conseguiu aumentar ele para o lado ali atrás do campo, passando do campo e subindo entre a trilha do defunto.

A: Ai, que bom. Vocês têm alguma pretensão, porque tem algumas cidades, tipo Paraty, que eles isolam o centro histórico para não entrar carros, nem ônibus, eu já sei que não entra ali no Centro histórico. Vocês têm alguma pretensão de que isso aconteça em São Thomé?

Entrevistada E: *Olha, ano passado a gente seguiu meio que a gestão anterior, nem tanto, às vezes faltava. Mas todo feriado a gente estava fechando, todo feriado prolongado era fechado a Praça Matriz. Aí, com a entrada das férias do ano passado, em dezembro, eu sugeri no COMTUR, foi aceito, a gente fechar em todos os finais de semana das férias, e está sendo assim. Esse final de semana mesmo já vai ser fechado de novo, tá? E a gente já está no processo de compra aqui de alguns... Porque hoje a gente fecha com cone e apoio, só que a gente quer fechar com corrente, igual faz Paraty, tudo mais bonitinho, já está no processo de compra para isso. E esse ano já tive o aval do prefeito, agora vou conversar com o conselho, que é de começar a fechar sempre que tiver qualquer evento na praça, qualquer coisinha que tiver na praça, a gente vai pegar e fechar. Como a gente tem evento praticamente todo final de semana, aí vai começar a fechar mais fixo todo final de semana. Para fechar definitivamente é um grande sonho meu, só que a gente ainda tem muito a aprender com o trânsito para ver se não vai ter um impacto grande. Com esses fechamentos que nós tivemos nas férias, que são as datas mais cheias, o fechamento da praça não impactou no trânsito da cidade. As ruas que costumam ficar cheias ficaram do mesmo jeito, nenhuma rua começou a ficar mais cheia, então não teve impacto nenhum no trânsito. É uma vontade, sim, da nossa gestão pegar e começar a fechar mais vezes, estudar para que talvez seja definitivo, e de repente usar isso como molde para estudar um pouquinho mais para outras partes da cidade também. Até na questão de que a gente quer muito que tenha as mesinhas na rua de volta, que tinha na gestão anterior, deram alguns problemas, cortaram de vez, e eu já apresentei um estudo que eu fiz, um apanhado que eu fiz para o prefeito, está lá na mesa dele, da gente começar a colocar essas mesinhas na rua também de volta. Uma crítica que vem muito dos moradores é tipo, mas o meu ponto não é na praça e eu quero ter mesinha, não é justo ele ter se eu não tenho. Mas aí é o que eu falei para ele, falei, mas a gente estuda na praça, aos poucos, dando certo que em outros lugares a gente aplica também. Mas isso é o turismo moderno, é o turismo de hoje em dia, é esse caminho mesmo. A gente tem vários estudos que comprovam que o turista andando a pé gasta e fica mais tempo naquele local. É muito benéfico. Já tive conversa com os comerciantes também, todos eles gostaram, querem que continue tudo, então é a ideia da gestão também continuar com isso.*

A: Legal, que bom. É isso, você quer fazer mais algum adendo?

Entrevistada E: *Tranquilo.*

A: Muito obrigada, E.

Entrevistada E: *Nada, o que você precisar pode mandar ao longo, se precisar de mais alguma coisa pode mandar, pode chamar, a gente marca ou outra, não tem problema, estamos dispostos aí. Como eu falei, eu fico feliz que você também esteja mais vezes no meio acadêmico.*

A: Sim, e vai estar mais vezes. Boa noite, até mais.

Entrevistada E: *Obrigado a você, tchau.*

A: Tchau.

Arquivo: B5 - **Tempo de gravação:** 50m e 14s

Entrevistada: F, 58 anos.

Data: 26/01/2026

Ana Terra Policarpo: Oi, queria que você começasse falando qual é o seu nome e a sua idade, por favor.

Entrevistado F: *Tá bom, me chamo F, tenho 58 anos.*

A: E você é natural de que cidade?

Entrevistado F: *Eu sou natural de São Bernardo do Campo, São Paulo.*

A: Você reside em São Thomé há quantos anos?

Entrevistado F: *Eu resido em São Thomé há 34 anos.*

A: E o que te trouxe para São Thomé? O que você buscava aqui que não encontrava onde você morava?

Entrevistado F: *Bom, São Bernardo, onde eu morava, era uma cidade, como posso dizer, de montadoras, de empresas, de fábricas. E aí eu aprendi a trabalhar com apicultura e já fazia trabalhos de serigrafia e tal. E eu já frequentava São Thomé nos feriados. E chegou um momento em que eu recebi uma proposta de trabalho em uma fazenda para desenvolver um apiário. E foi assim que eu cheguei para morar em São Thomé, foi por conta disso. Porque eu fui contratado e fiquei nessa fazenda durante mais ou menos um ano trabalhando. Nesse meio tempo, casei com uma menina também de São Bernardo e tive um filho. Depois de um ano nessa fazenda,*

eu fui morar na cidade e viver de artesanato, da minha serigrafia, de vender camisetas e tal. Foi isso.

A: Entendi. E como era São Thomé quando você conheceu? Lá nos anos 80?

Entrevistado F: *Isso você diz turisticamente ou como era o dia-a-dia da cidade?*

A: O todo da cidade.

Entrevistado F: *Bom, quando eu conheci São Thomé, era uma cidade muito mais mineradora do que turística, porque tinha muito pouca loja. Eu acho que uma ou duas lojas na cidade inteira. A Feira de artesanato não tinha, era só feriado que juntavam os artesãos nas ruas para poder expor seus artesanatos. Conforme a gente mudou para cá, a gente começou a expor no final de semana e não tinha exposição de artesanato. Já vinha um pouco de turista para a cidade. A infraestrutura era muito precária. Quando tinha algum feriado grande, o pessoal sempre esperava um número de pessoas, mas às vezes vinha muito mais do que se imaginava. Acabava comida, cigarro, bebida alcoólica, guaraná, o pessoal tinha que correr para Três Corações para comprar. Me perdi na pergunta. Qual era a pergunta?*

A: Relaxa. Mas só uma pergunta nisso que você falou. Quando você conheceu São Thomé, já tinha loja para vender para turista?

Entrevistado F: *Não, não tinha nenhuma loja que eu lembre, não. Era tudo muito simples. Eu não lembro de nenhuma loja. Tinha alguns bares. Eu lembro do Sol Lógico, que era um bar do Ruan da Montanha. Acho que era o único movimento. Tinha outro barzinho que a Lei trabalhava, que era tipo um restaurante. De manhã rolava um som ao vivo e ela servia almoço, servia janta. Mas não tinha muito o que se fazer na cidade. Os bares às vezes fechavam cedo, tipo 21, 22 horas. Aí os turistas ficavam nas fogueiras, nos campings, com roda de violão, essas coisas.*

A: Entendi. E quando você conheceu São Thomé, foi em que ano?

Entrevistado F: *Eu conheci em 1986.*

A: E quando você conheceu São Thomé, tinha essa aura mística e alternativa que a cidade propõe hoje?

Entrevistado F: *Tinha. Eu acredito que muito mais que hoje, porque a cidade não tinha essa aura. Ela era característica, era bem caracterizada mesmo. Com bastante casa de pedra, algumas ruínas ainda de pedra. Dava a sensação de estar em um lugar medieval. Pela estrutura das pedras e tal, pelo ar da cidade. Coisa de neblina, com brumas, de pôr do sol bonito. A natureza é exuberante. E pouca gente morando, e o pessoal da cidade muito simples, muito simples mesmo. Era coisa que eu não estava acostumado. Isso acabou me encantando, a simplicidade do lugar.*

A: Entendi. Isso quando você conheceu. E ao longo dos anos que você decidiu morar em São Thomé, você viu essa transição de uma cidade que, primeiro, não era nada turística, e aí foi crescendo o turismo na cidade?

Entrevistado F: *Não, já não era turística.*

A: Mas comercialmente, que eu falo.

Entrevistado F: *Sim, sim.*

A: Porque, como você disse, não tinha comércio para turistas.

Entrevistado F: *Tinha bares e tal, tinha lojas.*

A: E o que você nota de diferente no comportamento dos turistas de hoje em relação ao passado?

Entrevistado F: *São Thomé é um nome que, na época que eu conheci, não era muito divulgado. Nenhum meio de comunicação, São Thomé. Era mais no boca a boca. Alguém vinha e falava que era uma cidade legal e tal, e outra pessoa vinha. Hoje eu vejo, tem muita gente que vem pela primeira vez porque ouviu dizer e tal, por conta dessa aura mística. No passado eu via que esse assunto esotérico ou místico era mais restrito. Quase ninguém tocava nesse assunto. Nem de disco voador, nada. Era uma coisa muito restrita mesmo. Não tinha muito interesse da massa. Hoje já é uma coisa meio banalizada até. Então, vamos dizer que na época antiga vinha mais pessoas, talvez até mais cultas. Com algum interesse. Ou então pessoas que gostavam muito de natureza e gostavam de acampar e vinham porque aqui tinha campo selvagem. E hoje já é um turismo que veio porque ouviu dizer, mas um turismo que é mais popular. Na época não era tão popular assim. No nome de São Thomé as pessoas iam para cidades mais comuns, como São Lourenço, Caxambu, Cambuquira. Hoje tem um atrativo maior em São Thomé. Acho que talvez pela própria mídia ter bombardeado isso. E o nome de São Thomé ficou famoso e tal. E essa questão mística e esotérica ficou mais comum também se falar sobre. Eu acho que a diferença é essa. Na época, acho que tinha mais qualidade de procura. Hoje a procura acho que é mais por causa de uma moda. Todo mundo quer conhecer porque todo mundo conhece. Se não, acho que talvez não.*

A: Entendi. E na sua opinião, a cidade de hoje ainda preserva a essência mística que te atraiu para a cidade?

Entrevistado F: *É, que na verdade nenhuma essência mística me atraiu para cá. Eu vim numa circunstância assim, para morar eu vim numa circunstância de trabalho. Para conhecer foi meio estranho porque eu nunca tinha ouvido falar de São Thomé a primeira vez que eu vim para cá. E vim de carona com alguns amigos. E quando cheguei me surpreendi, fiquei até assustado com a beleza e continuei vindo. Até conhecer mesmo. E quando eu conheci bem eu quis vir morar. Eu fiz de tudo para... Eu recebi uma proposta de trabalho e foi muito fácil aceitar ela para vir para cá.*

A: E você acha que o artesanato realmente local, como casinhas de pedra, perdeu espaço para produtos místicos que vêm de fora, como o produto da China, da Índia, 25 de março? Você acha que esses produtos místicos banalizam a espiritualidade do lugar?

Entrevistado F: *Eu acho que não. Eu acho que tudo tem seu espaço. Porque se está vendendo é porque tem gente que compra. E também tem gente que gosta muito do artesanato local. Então eu vejo o artesanato local mais como um artesanato de resistência. E o artesanato que é vendido nas lojas mais como um artesanato de demanda. Se é vendido é porque... Ou melhor, se tem nas lojas é porque é vendido. Então porque as pessoas querem. Não especificamente que elas sejam místicas. Mas elas gostam de temas assim, que todo mundo usa no momento. Como a moda e tal. Então a moda no momento é os ETzinhos, em meias, em calções, em blusas, em chapéus e tal. E já teve um momento que eram fadinhas. Que eram gnomos, que eram mais magos e tal. Eu acho que isso daí é meio sazonal. Vai mudando conforme o tempo. Mas eu não acredito que... Talvez naturalmente tenha abafado o artesanato local. Mas eu vejo ele mais como resistência mesmo. Até naquela feirinha que tem ali do lado da igreja. Que os artesanatos estão até mais sofisticados. Na época que eu conhecia era mais... A sofisticação do artesanato local eu via mais como aquela coisa de fazer artesanato em miniatura. Aquelas casinhas minúsculas e tal. Com florzinhas da própria pedra e tal. É o que eu acho.*

A: E você acha que São Thomé está se tornando um destino caro para o tipo de turista que a tornou famosa? Que é o turista hippie?

Entrevistado F: *É. Essa é uma pergunta meio esquisita. Porque o hippie nem é turista. O hippie chega antes do turista, prepara os seus artesanatos e tal, e espera o turista gastar com ele. Mas qual era a pergunta mesmo?*

A: E você acha que São Thomé está se tornando um destino caro para o tipo de turista que a tornou famosa?

Entrevistado F: *Ah, sim. Hoje em dia a gente vive no mundo capitalista. O caro e o barato é uma questão de qualidade. Quando eu conheci São Thomé era tudo muito simples, tudo muito baratinho, mas tudo muito simples. Então, se São Thomé ficou mais sofisticado, é necessário se cobrar um pouco mais caro. Eu acho que não ficou caro. Eu acho que tem mais qualidade. Qualidade tem preço. Antigamente as pousadas eram... Você vê a pousada mais cara de antigamente. Hoje é uma pousada muito simples. É essa a questão. O mundo capitalista, o que se cobra se oferece em qualidade e o que se cobra pouco, pouca qualidade. É o que eu vejo hoje aqui.*

A: Entendi. E na sua opinião, quais são os aspectos positivos e negativos do turismo em São Thomé?

Entrevistado F: *Bom, positivos porque todo final de semana tem turista. Eu sou de uma época que vinha muito pouquinho turista. Vinha bastante, mas no final de semana, às vezes quando chovia, não tinha a estrada pavimentada ainda. Era difícil. Mas tinham poucos artesãos que dependiam de turismo. Tinha poucos lojistas. Era tudo pouco. Hoje eu vejo a cidade, para poder sobreviver do turismo, acho que é bem mais tranquilo. Na minha época, a gente dependia um pouco de feriado, de uns feriados prolongados, porque final de semana a demanda era bem pouca de turista. Surpreendia. Tinha final de semana que tinha bastante, tinha final de semana que tinha pouco. Mas eu vejo hoje os finais de semana de São Thomé, finais de semana comuns, às vezes com mais gente do que em um feriado prolongado.*

A: Entendi. E os aspectos negativos?

Entrevistado F: *Os negativos são o crescimento desordenado, a falta de planejamento dos órgãos competentes. Acho que não fizeram nenhum estudo de projeção de turismo de massa, de invasão das roças, de transformar roças em vilas sem nenhum planejamento. Eu vejo isso, uma invasão não por culpa de quem invade, mas por quem não prepara, não prepara uma base, não prepara um planejamento. Acho que São Thomé peca muito por falta de planejamento. Não sei se isso dá para se corrigir no futuro, porque num passado recente era fácil se criar uma base para esperar esse tanto de gente que ia chegar. Mas não, acho que a ganância falou mais alto. Isso é uma coisa pessoal minha, a ganância falou mais alto e se preocuparam mais com o ganho do que com preparar a qualidade para oferecer. Poderia oferecer mais qualidade.*

A: Entrando nessa questão da gestão pública, você acha que a prefeitura fiscaliza o turismo como poluição sonora, alvarás, especulação imobiliária?

Entrevistado F: *Acho que ela fiscaliza tudo o que está dentro da lei. Se tem muito barulho, a pessoa vai lá e reclama e vai fiscalizar. Mas acho que ela não faz uma política de boa conduta. Tem muito bar que é perto de casa, perto de casa residencial. Não sei como é isso, porque isso já peca na falta de planejamento, porque deveria ter um local só para ter eventos e bares noturnos e local só para moradia. Como organizar tudo isso? Porque não foi nada organizado. Mas acho que a questão fiscal de recolher impostos e alvarás e tudo, acho que a prefeitura deve se aplicar, porque é dinheiro que entra no caixa da prefeitura. Acho que ela deve se aplicar nesse sentido.*

A: Você foi comerciante por muito tempo em São Thomé. Na época em que você foi comerciante, como se dava as tomadas de decisões? Como se dava a participação dos comerciantes nas tomadas de decisões referentes ao turismo?

Entrevistado F: *Tem o órgão COMTUR, que é representado por vários setores da comunidade. Mesmo assim, como é uma cidade muito pequena e culturalmente muito provinciana, acho que os comerciantes nunca tiveram muita voz para poder formar qualquer tipo de opinião de turismo. Já teve alguma coisa na cidade, forte,*

até na época em que São Thomé era bem menor. Acho que não deu sequência, porque hoje falta muito. Eu vejo uma coisa muito peculiar, está me fugindo a palavra, muito tendenciosa nos rumos da cidade. Se uma pessoa abre um bar com música ao vivo, todo mundo quer abrir bar com música ao vivo. Outro abre uma adega, aí vem uma tendência, todo mundo quer abrir adega. Então, banaliza. Parece que é uma banalização desde o turismo até a forma que a prefeitura lida com as coisas, de uma forma nada profissional. Acho que faz o que pode, mas mesmo o que pode é muito pouco para o que São Thomé estaria precisando no momento.

A: Entendi. O que você acha que poderia ser feito para melhorar o turismo em São Thomé?

Entrevistado F: *Começar a fazer projetos, estudos, visitar cidades turísticas bem-sucedidas depois da invasão do turismo de massa. Estudos, projetos, investir nos jovens da cidade mesmo para que eles se formem e voltem, para poder mudar essa forma antiga de ver o turista só como uma pessoa que vai deixar um dinheiro na cidade. Viver o turista mais como um ser humano que vai fazer propaganda da cidade, vai atrair mais pessoas legais.*

A: E o que São Thomé significa para você?

Entrevistado F: *Bom, como eu vim de uma cidade grande, São Thomé me acolheu. Onde eu me realizei profissionalmente, onde eu cresci como ser humano. Cheguei aqui depois da adolescência. Hoje eu já sou quase um idoso. Criei três filhos, fiz família, tenho um sítio. Eu sou muito grato. É uma cidade que me formou como ser humano. Acho que a decisão de vir morar em São Thomé me tornou um ser humano melhor. Era isso que eu queria para meus filhos e minha família. Um lugar melhor para poder viver.*

A: Sim, que bonito.

Entrevistado F: *É que é muito louco essa transição de São Thomé. Isso que eu te falei é uma visão bem pessoal do que eu tenho. Mas como eu te falei, isso muda também. Se você me fizesse as mesmas perguntas daqui a um mês, talvez eu veja por outro ângulo. O mundo está mudando muito. Claro que o que aconteceu com São Thomé é imutável. Não se muda. Mas se muda a forma de ver. Porque às vezes a gente culpa muito o lugar e culpa muito o mundo, mas às vezes é o que o mundo precisa passar mesmo. Porque como a gente tem karma, as cidades também têm. A gente não sabe o que foi São Thomé no passado. O planeta mudou muito. É uma terra muito antiga.*

A: Sim. Não dá para mensurar isso.

Entrevistado F: *Mas ao mesmo tempo, o que deixa mais mágico a cidade, na minha opinião, foi as pessoas que passaram e as que estão ainda. Na resistência. Tem o ***** lá no Areado. O cara é um mago. Tinha o Tião Rosa, que era um curador. A mãe dele era parteira e o pai coveiro. É o nome do parque.*

A: E conta um pouco. Eu falo muito sobre o Chico Taquara também. Conta um pouco do que você sabe da história dele.

Entrevistado F: *Pelo que eu sei, o Chico Taquara era mineiro, da família do Junqueiras, ou era de São Paulo. Eu não tenho muito conhecimento a respeito disso. Talvez... Posso estar falando besteira. O Chico Taquara é um ser muito especial. De hierarquia espiritual. Ele é chefe de uma grande hierarquia. Ele veio aqui como um percussor. Ele veio preparar o terreno para poder fazer um trabalho aqui em São Thomé. Um trabalho oculto. E foi a época que ele veio. Aí ele passou por aqui. Ele fazia esse trabalho estando aqui e estando em vários lugares ao mesmo tempo. É difícil explicar isso daí. Mas essa questão de entrar na gruta do Carimbado e sair em Machu Picchu, isso daí é bem real. E ele fazia isso. Ele conhecia esses caminhos. Ele conhecia essas dimensões todas. Foi um ser espiritual que veio preparar o caminho aqui em São Thomé. Foi o que o Chico Taquara foi.*

A: Que legal. Quer falar mais alguma coisa sobre São Thomé?

Entrevistado F: *Não sei se isso ajuda. Esse ano passado, a Sociedade Brasileira de Eubiose aqui de São Thomé ganhou um baúzinho do Chico Taquara.*

A: Que legal.

Entrevistado F: *Tinha umas relíquias dentro, a família que trouxe. Aí a dona Selene encaminhou para a (nome censurado). E eu fui o responsável de tirar a ferrugem do baúzinho, de ficar limpando e tal. É um baúzinho de metal, onde ele guardava as relíquias deles.*

A: Você acha que tem mais alguma coisa interessante sobre a história da cidade? Sobre os costumes antigamente, como era?

Entrevistado F: *Tinha tanta coisa legal na época. A cidade cheirava fumaça de candeia, de fogão a lenha. Às vezes cheirava biscoito no ar. Eu vinha, mas ficava acampado. Às vezes passava um pouco de fome. Sentia esse cheiro na cidade. Era cheiro de roça na cidade.*

A: Uma coisa que estou ouvindo muito falar dos entrevistados é sobre o saneamento básico de São Thomé, que não tem. Nessa visão como morador, como você vê isso num futuro próximo? Como que nos pontos turísticos de cachoeiras, e até mesmo na zona rural onde você mora, no Cantagalo, onde a maioria das pessoas moram, como você vê isso?

Entrevistado F: *Eu vejo isso de novo como falta de planejamento da prefeitura. Acho que isso daí ela teria que cobrar. E não ir jogando, né? Todo prefeito joga para os quatro anos seguintes e vai jogando, jogando e ninguém ouve. É muito triste ver, mas assim, tem um rio que está poluído, que vai para a roça ali, para o lado do asfalto. E isso já há muitos anos, isso é coisa de 30 anos atrás, né? As pessoas que*

moram lá, deixam a mata crescer e isolam a parte do rio. Eu conheço lá, eu conheço pessoas que têm vários chalés perto de um rio poluído. A pessoa isolou o terreno dele, mais ou menos 200, 300 metros, para as pessoas não chegarem no rio poluído. Imagina, 10 chalés lindos. Se for andar pelo terreno mesmo, tem um rio cinza do lado. Eu acho que foi descaso, descaso de todos os prefeitos que tiveram em São Thomé. Porque não é dinheiro público, é dinheiro que vem do governo, então é só questão de fazer um projeto. E poderia ter até uma usina de reciclagem, como teve no início. Aí entrou um prefeito e tirou o rapaz da jogada, mas ele reciclava tudo, ele que separava tudo o lixo. Por ideologia própria mesmo, mas isso é descaso do governo municipal. Todos que entram, todos despreparados, todos os prefeitos despreparados. Mas entram mais por conta de ter família grande e ganhar muito voto. E depois que entra, eu acho que se satisfaz com o salário mensal, que não é pequeno, e vai levando. Porque são 4 anos, e em 4 anos dá para fazer uma fortuninha, recebendo esse salário e não fazendo nada, nesse sentido. E o próximo que entrar, não sei se vai fazer alguma coisa também. Eu acho que só vai ser feito alguma coisa a nível de saneamento básico em São Thomé, se tiver uma cobrança dos órgãos federais. Cobrança feia mesmo. Ou você faz, ou faz. Porque é ridículo isso. Eu, sinceramente, não consigo entender. A prefeitura não tem acesso, você pode construir o que você quiser na roça, não precisa nem pedir nada na prefeitura, não precisa pedir nada. Nenhuma autorização, pagar imposto. E se tem fossa, se não tem fossa, ninguém sabe. E agora, para saber agora, em tanta casa pelo município todo, tanto rural como urbano, é aquilo que eu falei no começo da entrevista. O ponto positivo e o negativo. O negativo é isso, é a falta de planejamento. Porque, para se montar uma cidade, tem que fazer o planejamento da estrada, fazer o planejamento do esgoto, fazer o planejamento da água, da luz elétrica, de tudo. Aqui em São Thomé não foi feito. Na cidade foi crescendo sem planejamento. Tanto é que não tem esgoto, o esgoto desce. Eu já morei em casas que passavam o tubo do esgoto geral da cidade alta, passava embaixo da minha casa. E a pessoa dava a descarga lá em cima, passava uma descargona embaixo da minha casa. Era muito louco isso. Deve ter casas assim em São Thomé. Porque os tubos, eles fizeram antes da cidade ser construída. Depois foram construindo as casas tudo por cima mesmo.

A: Meu Deus. Muito obrigada pela entrevista, viu?

Entrevistado F: Muito prazer ser entrevistado por você.

Arquivo: B6 - Tempo de gravação: 18m e 41s

Entrevistado: G, 50 anos.

Data: 27/01/2026

Ana Terra Policarpo: Bom dia.

Entrevistado G: *Oi, bom dia.*

A: Tudo bem?

Entrevistado G: *Tudo bem.*

A: Que bom que deu certo!

Entrevistado G: *Isso mesmo.*

A: Obrigada, G, obrigado, E, pela facilitação.

Entrevistado E: *De nada.*

A: A entrevista já está sendo gravada. As imagens eu não vou usar para nada, é só para registro mesmo.

Entrevistado G: *Obrigado.*

A: Para começarmos, se o senhor tivesse que projetar São Thomé das Letras daqui a 20 anos, qual modelo o senhor buscaria? Uma cidade de estilo Gramado, Rio Grande do Sul, focada em eventos e turismo de massa mais urbano, ou uma estilo Chapada dos Veadeiros em Goiás, focada em restrição ambiental, esoterismo de raiz e ecoturismo controlado? Para onde sua bússola apontaria?

Entrevistado G: *Sua segunda opção.*

A: A minha pesquisa aponta uma tensão. Todos os entrevistados sentem que a história real, Chico Taquara, as lendas orais, está sendo apagada por uma fantasia comercial de gnomos, bruxos, duendes e produtos importados. A prefeitura vê o misticismo apenas como marketing para atrair fluxo ou existe algum projeto real de resgate histórico para que a cidade não vire um cenário temático sem alma?

Entrevistado G: *O nosso objetivo é buscar a história, valorizar a cultura local. Então, não ser somente marketing e realmente mostrar a realidade da nossa história e o respeito da cultura do nosso povo.*

A: Entendi. Existe hoje algum orçamento para isso? Algum projeto já encaminhado?

Entrevistado G: *Dentro do orçamento público existem dotações orçamentárias destinadas ao fomento de atividades nesse sentido, sim.*

A: O E me disse que o misticismo é o carro-chefe da economia. Porém, quando tudo vira produto, corre-se o risco de banalizar a cidade. A prefeitura impõe algum limite ético, por exemplo, o poder público que interviria se empresas criassem lendas falsas apenas para vender produtos ou o mercado é livre para regular a narrativa?

Entrevistado G: *Então, uma intervenção assim, precisa ser estudada, né? Se não está sendo autoritário nesse sentido e quando alguma notícia falsa é propagada, a gente busca rebater, mostrar a realidade, mas não proibir a pessoa de expressar o seu pensamento. A gente não pode intervir diretamente nas falas das pessoas e tal. O que a gente costuma fazer e já vem fazendo é a questão principalmente dos guias, que são a porta de entrada dos turistas para o município, de reforçar para eles sempre a parte histórica, a parte real, a parte dessas lendas mais firmes. Mas impedir que um guia chegue e fale, conte a história dele e tal, aí vai de cada guia, mas a gente está sempre moldando eles para pegarem mais para o lado do município.*

Entrevistado E: *Tanto que são os cursos de patrimônio histórico que a gente oferece, os cursos livres que a gente oferece também relacionados à história, né? Porque aí pegam mais para esse lado. Isso incentiva o turista a sempre estar contratando guias credenciados, que trabalharão mais com a realidade.*

A: Mas vocês pensaram, por exemplo, em fazer um projeto de colocar placas sinalizadas em lugares estratégicos da cidade, contando a história real do lugar?

Entrevistado E: *A gente já tem um projeto de sinalização turística que está na fase de projeto, na estação do projeto, contemplando tanto sinalização turística normal de veículo quanto a sinalização turística a pé, que é aquela plaquinha menorzinha, também coloca a placa na frente de cada ponto turístico, contando sobre a história. Há uns anos atrás também fizeram de metal, agora a gente também quer voltar com ela.*

Entrevistado G: É isso mesmo.

A: Hoje, na Receita do Município, qual é o peso da arrecadação da mineração, CFEM, comparado à arrecadação do turismo, ISS? Essa dependência financeira da pedra limita a capacidade da prefeitura de impor regras ambientais mais rígidas para proteger a paisagem que o turista vem ver?

Entrevistado G: *Então, do ponto de vista de arrecadação, na verdade, o município não vive, essencialmente, de nenhum dos dois produtos. Por ser um município pequeno, a transferência constitucional do Estado e da União é maior, mas hoje o turismo já tem uma representatividade, posso dizer que até maior que a mineração já.*

A: Segundo os sites do IBGE, não. A mineração está em segundo lugar ainda.

Entrevistado G: *A gente vive mais de recurso de transferência constitucional. As duas arrecadações não são o que mantém o município, não.*

A: Sim, a arrecadação estadual é maior, mas o segundo ponto é a mineração, depois os serviços, que incluem o turismo.

Entrevistado E: *Mas aí, Ana, porque olhando os dados do IBGE, não reflete tanto a economia local, sabe? Porque a gente sabe que ainda tem muitos casos de informalidade que a gente também está tentando resolver, e a economia inteira aqui, no caso, tira por conta do turismo. O mercado tira por conta dele, aí entram outros impostos, tipo ICMS, que não entram na conta do turismo. Aqui é para o turismo, entendeu? Quem compra as coisas aqui é turista, é morador pensando, vai numa triagem de construção para construir pousada, para construir um quartinho a mais. Então, já tira para o turismo, entendeu? Quando você vê que vive a economia local, você vê que o turismo acaba girando, movimentando muito mais o motor da economia do que a pedreira, sabe? Aqui, em questão de arrecadação de imposto, é uma coisa que não dá para ser muito exata. Mesma coisa se você pegar dados do Ministério do Turismo, fala que a gente tem uma visita média de 10 mil pessoas, 5 mil pessoas por mês, quando a gente vê que isso não é verdade. Nossa média disso aí é por final de semana. Então, os dados para o turismo, infelizmente que não são tão bem atualizados.*

A: Entendi. Mas se o turismo é tão relevante economicamente assim, por que a legislação ambiental ainda parece branda com a expansão das mineradoras? Porque ainda vemos pedreiras operando visualmente próximas a pontos turísticos, explosões à luz do dia com a cidade movimentada. Se o turismo pagar a conta, a paisagem não deveria ser intocável?

Entrevistado G: *Então, essa questão da mineração, eles têm licença dos órgãos que regulamentam a área. Então, a fiscalização é de competência principalmente do Estado e da União. Então, o município não tem o poder de proibir eles, já que eles têm a licença do governo federal para estar trabalhando e dos órgãos ambientais do Estado.*

A: Mas cabe a vocês fiscalizar isso e cuidarem da cidade, não é? Se a mineração...

Entrevistado G: *Sim, sim. Esse é o seu entendimento.*

A: É o meu entendimento como pesquisadora.

Entrevistado G: *Mas a legislação não é assim. Eles são fiscalizados pelo governo estadual e pelo governo federal. A gente acompanha, claro. Mas quem tem a competência de fiscalizar a mineração é outra esfera de governo.*

A: Mas não é interessante para vocês, como gestão pública, claro, e como moradores da cidade, pensar em algum projeto para que essas mineradoras não cresçam mais? Porque o turismo vive da imagem de São Thomé, claro, do misticismo, mas principalmente também da imagem das cachoeiras. E ter mineradoras tão próximas de pontos turísticos não é interessante para um futuro próximo.

Entrevistado G: *Entendi. Esse é o seu ponto de vista.*

A: Não vai comentar nada sobre?

Entrevistado G: *É o que eu te disse. A fiscalização é do governo estadual e do governo federal. A gente não tem competência para impedir isso.*

A: Sim, mas vocês, como gestão municipal, podem fazer algum projeto sobre isso.

Entrevistado E: *Ana, acho que também tem que lembrar, por um lado, que o turismo também, a pedra ajudou muito a construir a cidade, sabe?*

A: Claro. Com certeza.

Entrevistado G: *Também é uma economia que a gente tem que continuar mantendo e crescer sempre desenvolvendo sustentável, com certeza. Tenho certeza que o CODEMA também... Eu faço parte do CODEMA. O CODEMA também olha bem... Fiscaliza bastante as mineradoras, mas começar a impedir que ela cresça também é uma atividade econômica importante para o município. O município começou o turismo por conta da Pedra São Thomé. Muitas pessoas atribuem as energias aqui à Pedra São Thomé também, e tudo. Acho que tudo assim, a gente crescendo, desenvolvendo sustentavelmente, tem que continuar, sabe? Então, é isso. Esse é o meu ponto principal. Pegar o turismo mesmo, pegar o turismo de massa, igual de praia e tal, você vai destruir uma cidade do mesmo jeito que você destrói uma pedreira, sabe? Mas, no CODEMA, a gente batalha bastante para que as mineradoras cumpram o prazo, cumpram vários requisitos ambientais.*

A: Entendi. Eu analisei a Lei Municipal 1516 de 2019, que estabelece normas para o turismo sustentável e controle de fluxo. Porém, na prática, em feriados como o Carnaval, o Carnaval não tanto, mas como o Réveillon, Corpus Christi, que tem o STL Festival, a cidade ainda enfrenta colapso de mobilidade e abastecimento de água e luz. A lei atual é insuficiente e precisa ser endurecida. O problema está na falta de efetivo para fiscalizar quem entra. O que falta para essa lei sair do papel?

Entrevistado G: *Então, já tem ações sendo feitas nesse sentido, sabe? Nós estamos trabalhando na questão de organizar a questão de mobilidade urbana, com a criação de estacionamento para ônibus para controlar essa questão do trânsito dentro da área urbana, o abastecimento de água. Inclusive, hoje, a Copasa está começando a perfuração de poços profundos para aumentar a produção e não ter a escassez que tem tido. Então, já existem ações nesse sentido de dar uma infraestrutura cada vez mais que possa atender essa demanda maior que a gente tem.*

A: Entendi. O E até comentou que durante o final de semana e grandes temporadas vocês estão fechando a Praça Central para a entrada de carros e ônibus. Ônibus já eram proibidos, não é?

Entrevistado G: *Sim.*

A: Mas, por exemplo, em feriados estão acontecendo essas faltas de água e luz, mas eu ouvi muitos relatos também dos entrevistados que durante dia de semana normal, sem fluxo turista, está acontecendo isso também. Você falou que hoje estão fazendo perfurações, mas em questão de luz também, tem algum projeto hoje para que isso se resolva?

Entrevistado G: *Então, a luz até tivemos reunião já na semana passada. O Legislativo e o Executivo, junto com representantes da CEMIG, já investiram, e esses investimentos na infraestrutura deles começam a refletir agora. Tem uma nova rede de distribuição que traz energia para a cidade, que vai trazer energia de mais qualidade. Eles estão trabalhando nas redes de distribuição da zona rural, que é onde teve mais problemas com a energia elétrica.*

Entrevistado E: *Então, estamos sempre cobrando essas concessionárias para melhorar a qualidade dos serviços. A área urbana já melhorou bastante. No ano novo, a gente não teve queda. Todo ano novo, a gente tinha queda por conta de muita gente usando mesmo. Nesse ano novo, não teve. Foi na área rural que teve alguns problemas com árvore caída, que acabou faltando. Mas a luz melhorou bastante. A água, vou dizer que também melhorou, porque antes faltava na cidade inteira. Agora é um ponto ou outro, um bairro ou outro, que já deu uma porra melhorada também. Só que a água envolve muita coisa. Envolve a luz, envolve a bomba de água, envolve o rio Cantagalo. É bastante coisa também para cobrar e administrar. Estamos cobrando o investimento deles.*

A: Entendi. A cidade vende saúde e contato com a natureza. Porém, com o crescimento urbano rápido, aumenta o risco de contaminação dos lençóis freáticos e rios. A pergunta é, a prefeitura realiza testes periódicos de balneabilidade, qualidade da água, nas cachoeiras, como se faz em praias? Hoje existe um laudo técnico recente que garante ao turista que as águas estão 100% livres de coliformes fecais ou banha por conta e risco?

Entrevistado G: *Não, não tem teste. A gente... Nunca foi feito esse teste pela prefeitura em nenhuma gestão.*

Entrevistado E: *E agora, a gente começou, eu e o (nome censurado), da Secretária de Meio Ambiente, a gente vai começar, porque as cachoeiras todas, na maior parte, são particulares. E a gente vai começar a abordar eles, a advertir eles, para também estarem fazendo esse teste e apresentando para a gente. 100% sem coliformes fecais, eu até duvido que exista, porque até na água em que a gente bebe, vem escrita a porcentagem que tem na água da Copasa. Mas, sendo ela própria para banho, a gente também continua divulgando, entendeu?*

A: Entendi. Então, hoje é conta e risco?

Entrevistado G: *Por enquanto, ainda não foi feito.*

A: Entendi. Com a valorização imobiliária e o boom de aluguéis por temporada aí em São Thomé, como a Airbnb, percebemos a gentrificação. O nativo é empurrado para outras áreas da cidade. O plano diretor tem ferramentas para garantir que São Thomé continue morando no centro, ou o destino da cidade é se tornar uma cidade-hotel vazia durante a segunda?

Entrevistado G: *Na verdade, o plano diretor foi feito com base em estudos técnicos. Então, realmente, existe essa questão de todo mundo querer investir em meios de hospedagem, mas creio que, vazia, dessa forma, não fica.*

Entrevistado E: *Não vai ficar cidade fantasma assim mais não, mas o plano diretor também separou as áreas residenciais e as áreas comerciais. Então, é provável que nessas áreas residenciais fique um pouco mais tranquilo para as pessoas terem um aluguel e tudo. E é uma coisa que meio que sai da nossa mão, o pessoal realmente querendo alugar mais para o turista, acabou deixando alugar mais caro, e não diria nem tanto que é o nativo, que acaba indo para a área rural, para lugares mais baratos. Muitas vezes tem casa de família, já tem casa na cidade, é mais o pessoal novo de fora mesmo que veio para cá e tem muita dificuldade de encontrar uma casa aqui na cidade.*

A: Entendi. Diante de tudo isso, mineração, misticismo, turismo de massa, qual é o maior legado que você, quer deixar para a identidade de São Thomé?

Entrevistado G: *Então, a gente quer deixar ao final de um trabalho uma cidade mais organizada, mais voltada para a qualidade de vida dos moradores, porque não adianta só atividade turística do ponto de vista econômico, ela tem que trazer bem-estar para quem vive na cidade também. Então, é justamente organizar essa atividade para trazer mais qualidade de vida para quem mora aqui. É isso.*

A: Muito obrigada.

Entrevistado G: *Obrigada.*

A: Bom dia para vocês.